

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCH DEPARTAMENTO DE
GEOGRAFIA - DGE

FABIANO DE JESUS GIACOMINI

AULA DE CAMPO NA GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA: DESAFIOS E
CONTRIBUIÇÕES NAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO PARANÁ, UEM CAMPUS
DE MARINGÁ E UNESPAR CAMPUS DE PARANAVAÍ.

MARINGÁ - PR

2024

FABIANO DE JESUS GIACOMINI

**AULA DE CAMPO NA GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA: DESAFIOS E
CONTRIBUIÇÕES NAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO PARANÁ, UEM
CAMPUS DE MARINGÁ E UNESPAR CAMPUS DE PARANAÍ.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de mestre em Geografia, do Programa
de Pós-graduação em Geografia da
Universidade Estadual de Maringá.
Orientador: Prof. Dr. Leonardo Dirceu de Azambuja.

MARINGÁ - PR

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

Giacomini, Fabiano de Jesus

Aula de campo na graduação em geografia : desafios e contribuições nas universidades estaduais do Paraná, UEM campus de Maringá e Unespar campus de Paranavaí / Fabiano de Jesus Giacomini. -- Maringá, PR, 2024.

114 f.: il. color., figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Dirceu de Azambuja .

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2024.

1. Geografia. 2. Trabalho de campo. 3. Geografia - Ensino . 4. Aula de campo . I. Azambuja , Leonardo Dirceu de , orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDD 23.ed. 910.7

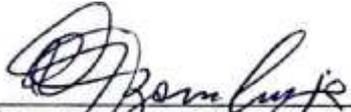
Marinalva Aparecida Spolon Almeida - 9/1094

**AULA DE CAMPO NA GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES
NAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS DO PARANÁ, UEM CAMPUS DE MARINGÁ E
UNESPAR CAMPUS DE PARANAÍ**

Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, área de concentração: Análise Regional e Ambiental, linha de pesquisa Produção do Espaço e Dinâmicas Territoriais,

Aprovada em **17 de janeiro de 2024.**

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Leonardo Dirceu de Azambuja
Orientador – PGE/UEM


Prof. Dr. Gilmar Aparecido Asalin
Membro convidado – UNESPAR


Prof. Dr. Lucas Cesar Frediam Santana
Membro convidado - UEM

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, João Rodolfo de
Jesus Giacomini (*in memoriam*) e
Elza José da Silva Giacomini.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu bom Deus por me proporcionar sabedoria, foco e força de vontade para alcançar essa realização profissional.

Ao meu orientador Prof. Dr. Leonardo Dirceu de Azambuja pela orientação no desenvolvimento da pesquisa, onde sabiamente, sempre me instruiu com paciência e dedicação.

Ao Prof. Dr. Claudivan Sanches Lopes por disponibilizar sua turma no desenvolvimento do estágio à docência, no qual, me motivou a continuar/seguir esse caminho.

A Profa. Dr^a. Sandra Regina Pizzolato Ferreira, por seu apreço em aulas de campo. Seu trabalho, influenciou diretamente e positivamente na escolha da temática dessa pesquisa.

Ao professor Dr. Edison Fortes pelas pertinentes contribuições e ideias no Colóquio.

A todos os alunos e professores da UEM e UNESPAR que se submeteram a participar dessa pesquisa.

Aos professores Dr. Gilmar Aparecido Asalin e Dr. Lucas César Freudini Sant'ana por suas contribuições no exame de qualificação, bem como, suas participações na defesa final.

Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro nessa trajetória.

Aos meus irmãos Fábio de Oliveira Giacomini e Fernando de Oliveira Giacomini que sempre me ajudaram direta e indiretamente a seguir o caminho dos estudos, a caminhar devagar, com sabedoria e humildade em cada conquista.

Aos meus amigos Lucas Andrei Soares da Silva e Gabriel Martins Vitorino da Silva, por todos esses anos de amizade, grupos de estudos e dedicação a ciência geográfica.

Por fim, todos aqueles que me ajudaram nesses anos, minha mãe, irmãos, tios, primos, amigos, colegas de profissão, meu muito obrigado.

RESUMO

A presente pesquisa propõe avaliar as dificuldades/empecilhos e contribuições ao realizar um trabalho de campo/aula de campo na Universidade Estadual de Maringá – UEM e na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR. O estudo deste tema é importante, uma vez que o campo de estudo do professor de geografia e do geógrafo é o espaço geográfico e, para conhecê-lo, os trabalhos de campo/aulas de campo se fazem e são um aparato muito importante nesse processo. Todavia, mesmo possuindo essa pertinência na formação desses profissionais, sua realização, por hora, parece apresentar aspectos conflituosos, hora por falta de ônibus, recursos de alunos, professores e das próprias universidades. A vista disso, o objetivo geral dessa dissertação tem por intuito diagnosticar as dificuldades de professores e alunos para a realização, nas duas universidades, dessas atividades à campo. Por que isso acontece? Há uma saída? Com os resultados da investigação o propósito também é apontar caminhos alternativos de realização e de aprendizado a esse modelo de aula/ pesquisa. Para esse estudo, foram divididas etapas de levantamentos de dados, estudos bibliográficos acerca do tema, a elaboração da fundamentação desse trabalho, bem como, a aplicação de questionários e entrevistas. Estes aparatos de recolha de informações, foram direcionados ao seu público-alvo que, especificamente, são e variam entre professores e alunos de geografia licenciandos e bacharéis dessas instituições. Como tratamos aqui de uma pesquisa qualitativa foi buscado fazer-se a análise dos dados obtidos através dos estudos de Bardin (2016) por meio da análise de conteúdo. Por meio do questionário dos alunos foi constatado que o maior número destes exercem funções remuneradas, trabalhos formais e ou estágios, bem como, mantém ou ao menos ajudam nas finanças da moradia em que residem. Notou-se que o motivo do não comparecimento dos alunos, por vezes, não é tanto pelo recurso financeiro, mas sim, na própria disponibilidade deste ausentar-se de suas funções profissionais para estarem presentes nos trabalhos de campo/ aulas de campo. Dessa forma, foi proposto ao longo dessa pesquisa que essas atividades sejam realizadas em menos dias e em dias mais acessíveis. Todavia, como observado também, ocorrem situações e situações, quer dizer, nem sempre essa alternativa será possível, tudo depende dos objetivos do professor para/com os trabalhos de campo/ aulas de campo, a lugares que permitam uma apreciação mais rápida, outros não. Então, mais uma vez, a depender dos objetivos desses campos a participação dos alunos pode ser menor ou maior. Já no questionário dos docentes, somados as entrevistas com alguns destes participantes, como hipoteticamente pensado, os resultados apontaram realmente para dificuldades de realização por questões de transporte, de recursos financeiros de alunos e professores o que ocasionalmente acaba culminando em sua não realização. Aos alunos que não participam dos campos, os professores, com a intensão de amenizarem essa não participação direcionam/emitem uma atividade para suprirem o conhecimento desses, partem desde roteiros virtuais, físicos até o uso de Geotecnologias como o Google Earth. Todos eles, alunos e professores alegaram que o campo é um recurso importante em suas formações e práticas e que, apesar das tentativas de substituí-lo e ou ao menos amenizar sua não realização ou não participação, nenhum aparato, recurso ou tecnologia alcança o que o campo pode proporcionar a quem o utiliza como recurso no processo de ensino-aprendizagem, seja esse na Educação Básica ou no Ensino Superior.

Palavras-Chave: Geografia; ensino de Geografia; trabalho/ aula de campo.

ABSTRACT

This research proposes to evaluate the difficulties/obstacles and contributions when considering carrying out fieldwork/field classes at the State University of Maringá – UEM and the State University of Paraná – UNESPAR. The study of this topic is important, since the field of study of the geography teacher and geographer is the Geographic Space and, to understand it, fieldwork/field classes are carried out and are a very important apparatus in this process. . However, even with this relevance in the training of these professionals, their achievements, at the moment, seem to present conflicting aspects, sometimes due to the lack of buses, resources from students, teachers and the universities themselves. In view of this, the general objective of this dissertation is to diagnose the difficulties faced by teachers and classes in carrying out, at both universities, these activities in the field. Why does it happen? Is there a way out? With the results of the investigation, the purpose is also to point out alternative paths of achievement and learning to this class/research model. For this study, stages of data collection, bibliographic studies on the topic, the elaboration of the basis for this work, as well as the application of questionnaires and interviews were divided. These information collection devices were aimed at their target audience, which specifically is a variation between geography teachers and students with degrees and bachelor's degrees from these institutions. As we are dealing here with qualitative research that was sought to analyze the data obtained through the studies of Bardin (2016) through content analysis. Through the students' questionnaire, it was found that most of them perform paid jobs, formal and/or progressive work, as well as maintain or at least help with the finances of the house in which they live. It should be noted that the reason for not comparing students is sometimes not so much due to financial resources, but rather their own availability to be absent from their professional duties to be present at fieldwork/field classes. Therefore, it was proposed throughout this research that these activities be carried out on fewer days and on more accessible days. However, as also noted, situations and situations occur, that is, this alternative will not always be possible, it all depends on the teacher's objectives for/with fieldwork/field classes, places that allow for faster assessment, others that do not . So, once again, depending on the objectives of these fields, student participation may be lower or higher. In the teachers' questionnaire, added to the interviews with some of the participants, as hypothetically thought, the results really pointed to difficulties in carrying it out due to issues of transportation, financial resources of students and occasional teachers that ended up culminating in its non-fulfillment. For students who do not participate in the fields, teachers, with the intention of alleviating this non-participation, direct/issue an activity to suppress this knowledge, ranging from virtual and physical itineraries to the use of Geotechnologies such as Google Earth. All of them, students and teachers, claimed that the field is an important resource in their training and practices and that, despite attempts to replace it and or at least alleviate its non-realization or non-participation, no apparatus, resource or technology achieves what the field can provide those who use it as a resource in the teaching-learning process, whether in Basic Education or Higher Education.

Key words: Geography; Geography teaching; field work/class.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1: Respostas dos docentes a questão: "Por que realiza ou não realiza trabalhos de campo"? | 50 |
| Quadro 2: Respostas dos docentes a questão: Algum comentário específico sobre a questão - Em seus trabalhos de campo já realizados encontrou alguma limitação financeira e ou material? | 53 |
| Quadro 3: Algum comentário específico sobre as etapas de realização das aulas de campo, bem como, as relações entre os estudos bibliográficos e o campo? | 57 |
| Quadro 4: Respostas dos docentes a pergunta: Pensando na importância das atividades de campo, qual contribuição tal recurso pode agregar nas formações dos graduandos? | 59 |
| Quadro 5: Respostas dos docentes a questão: Você identifica diferenças quando o trabalho de campo envolve conteúdos relacionados com a natureza (Geografia Física) ou conteúdos relacionados com a sociedade (Geografia Humana)? Quais? | 62 |
| Quadro 6: Cargos e funções remuneradas exercidas pelos discentes da UEM e UNESPAR. | 69 |
| Quadro 7: Respostas dos discentes a questão: Na oportunidade de realização de uma aula de campo você consegue liberação do serviço? | 70 |
| Quadro 8: Contribuições das aulas de campo na formação do Geógrafo e do professor de Geografia discentes da UEM e UNESPAR. | 72 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Classificação das áreas de atuação dos professores - nível mestrado..... | 47 |
| Tabela 2: Classificação das áreas de atuação dos professores - nível doutorado..... | 48 |
| Tabela 3: Realização das aulas de campo..... | 49 |
| Tabela 4: Limitações financeiras e ou materiais dos docentes, discentes e universidade. | 52 |
| Tabela 5: Disponibilidade de veículo para realização das aulas de campo. | 55 |
| Tabela 6: Ajuda da universidade com custos dos trabalhos de campo..... | 56 |
| Tabela 7: Realização das aulas de campo durante o Ensino Fundamental..... | 65 |
| Tabela 8: Denominação das saídas para fora da escola..... | 66 |
| Tabela 9: Realização das aulas de campo durante o Ensino Médio. | 67 |
| Tabela 10: Realização das aulas de campo na graduação. | 67 |
| Tabela 11: Ajuda dos graduandos em suas moradias..... | 68 |
| Tabela 12: Ajuda dos pais ou responsáveis as moradias em que residem os graduandos..... | 69 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Local de estudo - Universidade Estadual de Maringá - UEM | 17 |
| Figura 2: Local de estudo - Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. | 18 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS. | 17 |
| 3 TRABALHO DE CAMPO, AULA DE CAMPO COMO METODOLOGIAS DE PESQUISA E ENSINO NA GEOGRAFIA..... | 24 |
| 3.1 OS TRABALHOS DE CAMPO, A GEOGRAFIA TRADICIONAL E AS NECESSIDADES DE RENOVACÃO..... | 26 |
| 3.2 TRABALHO DE CAMPO E OS ESTUDOS DA NATUREZA, O GEOSSISTEMA E O CAMPO..... | 30 |
| 3.3 O TRABALHO DE CAMPO E A GEOGRAFIA NA ATUALIDADE, CULTURAL E OU CRÍTICA..... | 35 |
| 4 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO, DOCENTES DA UEM E UNESPAR. | 46 |
| 5 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO, DISCENTES DA UEM E UNESPAR. | 65 |
| 6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS, DOCENTES DA UEM E UNESPAR. | 76 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 91 |
| REFERÊNCIAS. | 95 |
| ANEXOS | 99 |
| ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA. | 100 |
| ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PROFESSORES E GRADUANDOS EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA E BACHAREL. | 105 |
| ANEXO C – ANUÊNCIA INSTITUCIONAL UEM..... | 108 |
| ANEXO D – ANUÊNCIA INSTITUCIONAL UNESPAR..... | 109 |
| ANEXO E - QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO E BACHAREL EM GEOGRAFIA. | 110 |
| ANEXO F - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES(AS) DE GEOGRAFIA DA UEM E DA UNESPAR..... | 113 |
| ANEXO G - ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES(AS) DE GEOGRAFIA DA UEM E DA UNESPAR..... | 115 |

INTRODUÇÃO

Trabalho de campo, um recurso de investigação e ensino que possui um valor indubitavelmente significativo para a ciência Geográfica. Nas palavras de Venturi (2011, p.23) “o valor do trabalho de campo para os geógrafos atravessou séculos, fortalecendo-se com os naturalistas, resistindo às revoluções científicas que reformularam a Geografia e chegando ao século XXI com seu status inabalado.”

Nas correntes de pensamento da Geografia, Tradicional, Pragmática, Fenomenológica e Crítica/Radical, apenas na corrente pragmática esse recurso foi suprimido ou ao menos relativizado. Em um contexto geral, sob outra perspectiva, trabalho de campo foi “[...] talvez o maior consenso entre os geógrafos das mais diversas tendências e formações” (Venturi, 2011, p. 23).

Ler/observar o espaço geográfico, suas formas e funções a par com o movimento sócio-histórico ou socioespacial da realidade, para sua apreensão, tal instrumento se fez e faz oportuno enquanto procedimento de investigação e análise. Certamente, uma possibilidade vantajosa de trabalho para Licenciados, Geógrafos e outros profissionais que atuam em segmentos formativos e que, necessitam, por vezes, fazerem análises mais aprofundadas e contextualizadas de seus objetos de estudo.

Efetivadas algumas reflexões sobre a temática, há algum tempo, em especial, durante a graduação em Geografia na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR (2018-2021), surgiu o interesse pessoal em aprofundar os estudos direcionados aos trabalhos de campo/ aulas de campo. Essa inquietação partiu de questionamentos e experiências próprias com esse recurso, sendo, naquele momento, observável que alguns colegas de classe participavam com maior vigor dessa prática, já outros nem tanto. Tal como, os professores que as vezes faziam uso desse recurso, em sua grande maioria, eram sempre os mesmos.

Certamente aula de campo é um recurso didático que se fez e faz muito importante na formação dos profissionais dessa ciência, mas, por que em certos momentos, parece ser pouco utilizado? A intenção aqui não é achar um “culpado,” mas sim, diagnosticar os possíveis obstáculos nos quais alunos, professores e instituição têm “esbarrado”, dificultando assim a realização dessas práticas de ensino. Ainda, no caminho da superação encontrar e elaborar proposições para que a aula de campo possa existir com a frequência necessária no ensino de graduação em Geografia.

A presente dissertação justifica-se, pela necessidade de elencar os empecilhos e as contribuições que a aula de campo pode apresentar e contribuir na profissionalização desses graduandos. Diagnosticado as dificuldades de realização a intenção é propor caminhos alternativos de logística (custo), práticas (individuais e integradas) e didáticas (alunos dirigindo os próprios trabalhos de campo) para então sanar e ou ao menos amenizar os problemas.

Nos contextos pretéritos, Alexandre Von Humboldt (1769-1859), com o objetivo de causar nos Geógrafos intuições a partir de observações da paisagem propôs o empirismo raciocinado (Moraes, 2007). A partir desse exercício foi possível durante e ou a partir das expedições geográficas que tinham fins descritivos/comparativos da paisagem dar início aos pressupostos enquanto método da então Geografia Tradicional. Naquele momento, a espinha dorsal para a constituição da Geografia enquanto ciência.

Karl Ritter (1779-1859), outro pensador importante na base da Geografia Tradicional reforça o pensamento de Humboldt. Para ele é necessário caminhar de observação em observação. Todavia, essa condição de ‘observar’ e ‘comparar’ empobreceram a Geografia, quando esta não foi mais capaz de compreender o movimento da sociedade pós-revolução industrial situada entre os séculos XVIII até o início do século XX.

Com essa atualização constante do espaço geográfico e de novas necessidades de interpretação outras correntes de pensamento foram surgindo ao longo do século XX, a Geografia Teórico-Quantitativa, a Geografia da Percepção e do Pensamento e a Geografia Crítica/Radical. Os trabalhos de campo nas correntes que se submetem a utilizá-lo, cientificamente trazem retorno significativo ao processo de elaboração desse conhecimento. Para além dessa condição, as atividades de investigação á campo quando incluídas nas atividades de ensino-aprendizagem de graduandos licenciados e bacharéis assumem também a finalidade formativa em Geografia. A denominação aula de campo será então assumida no presente relatório incluindo o entendimento também de trabalho de campo. Será também utilizado com esse significado a forma trabalho/ aula de campo.

A partir desse breve contexto, elenca-se como objetivo geral e específicos dessa dissertação os seguintes:

Objetivo geral:

Compreender a importância e o lugar da aula de campo na graduação em Geografia, suas contribuições e desafios para a formações de licenciandos e bacharéis nesta área de conhecimento e atuação profissional.

Objetivos específicos:

- Identificar e entender as motivações dos professores para realizar ou não realizar aulas de campo;
- Analisar as práticas de aulas de campo, se desenvolvidas na Educação Básica (ensino fundamental e médio) e ou no Ensino Superior e as possíveis contribuições na formação dos atuais graduandos;
- Identificar, compreender e refletir sobre as etapas metodológicas (pré-campo, campo e pós-campo) de organização das aulas de campo, suas aplicações, bem como, seus efeitos/resultados no processo de ensino-aprendizagem.
- Identificar e analisar o suporte disponibilizado pelas universidades e as condições de participação dos acadêmicos (sendo ou não aluno trabalhador) e dos professores e na realização dessa prática de ensino;
- Refletir sobre e propor sugestões para a realização de aulas de campo que possam ser mais compatíveis com as condições materiais e de logísticas e, que possam contribuir positivamente no ensino-aprendizagem dos graduandos.

Nessa perspectiva, as discussões realizadas até o momento nesse trabalho, estão divididas em 5 seções. A primeira, “introdução”, conceitua o surgimento do apreço por esse objeto de estudo, com um breve contexto sobre sua utilização e atualização. Isso perante a manifestação de novas correntes de pensamento, bem como, a justificativa, a problemática central, o objetivo geral e específicos que, juntos, fecham o elo científico e direcionam essa pesquisa.

A segunda seção, “procedimento teóricos metodológicos”, centraliza a pesquisa para fins qualitativos, determinando o método de recolhimento de informações, seus participantes, o recorte da pesquisa e intenções com as respostas pretendidas. Além de outras justificativas que apontam o porquê de cada escolha nesses segmentos.

A terceira seção, “trabalhos de campo, aulas de campo e estudo do meio como metodologias de ensino e pesquisa na Geografia”, traz consigo reflexões/definições do que é e como é realizar um trabalho de campo e ou uma de aula de campo a sempre relacionado com um meio, um lugar. Ainda nessa seção, contextos pretéritos e atuais são abordados, retratando que, a depender da corrente de pensamento a abordagem dos trabalhos de campo/aulas de campo mudam respectivamente.

A quarta seção, “Análise dos questionários, docentes da UEM e UNESPAR”, expõem os resultados que foram obtidos, separados por categorias semânticas, cada contexto está em conjunto a sua categoria. Outras respostas que não seguem a ordem das questões anexadas nesse trabalho encontram-se deslocadas justamente para fazermos reflexões acerca do dado obtido.

A quinta e última seção, “considerações finais”, com base nos aportes teóricos, discussões e análise parcial dos dados, apontam, como hipoteticamente pensado, a problemas de logística, tempo, recursos financeiros dentre outros. Momentaneamente mudar, (quando possível) a abordagem dos trabalhos de campo, direcionando os alunos que exercem funções remuneradas a realizarem seus próprias trabalhos de campo em seu contexto/cotidiano através de um roteiro.

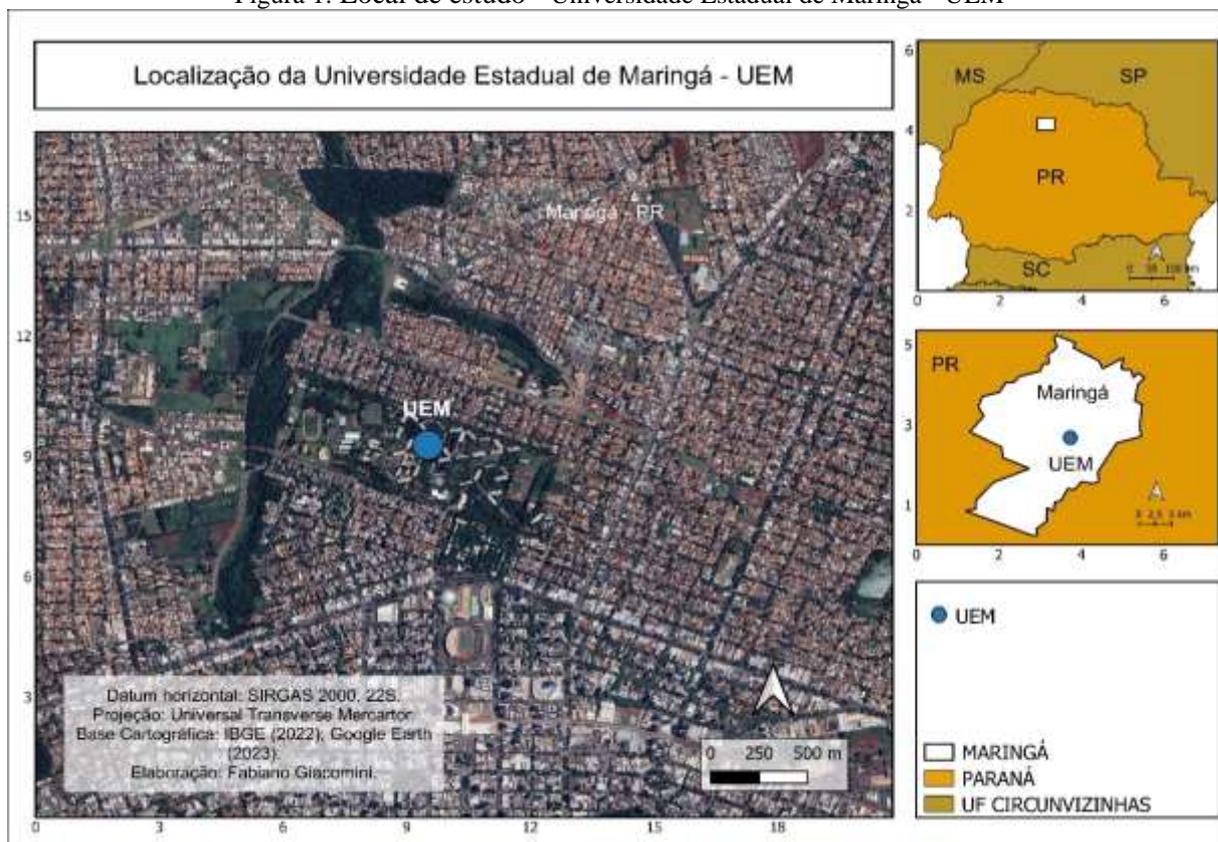
2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS.

Escolher com precisão o local de estudo, qual recurso e técnica utilizar na pesquisa é devidamente crucial para o retorno das respostas que aqui propomos. O campo determinado para a realização dessa pesquisa foi a Universidade Estadual de Maringá campus de Maringá - UEM e a UNESPAR Universidade Estadual do Paraná campus de Paranavaí. Vejamos o porque da escolha desses ambientes acadêmicos.

Direcionar/escolher a UEM levou em consideração o fato de que essa pesquisa faz parte do PGE – Programa de Pós-Graduação em Geografia desta faculdade, bem como, o interesse pessoal em expandir conhecimentos e experiências em outras universidades, até o momento, paranaenses. A UEM é uma instituição pública de ensino superior, fundada em 06 de novembro de 1969, está localizada na Avenida Colombo, N° 5790 – Zona 7, CEP 87020-900.

A UEM com o desenvolvimento/crescimento da malha urbana da cidade de Maringá seu campus universitário se tornou integrado a área da cidade, ficando, de certa maneira, integrado por esse avanço. Para que haja mais clareza na localização desta, vejamos na figura um (1) essa representação.

Figura 1: Local de estudo - Universidade Estadual de Maringá - UEM

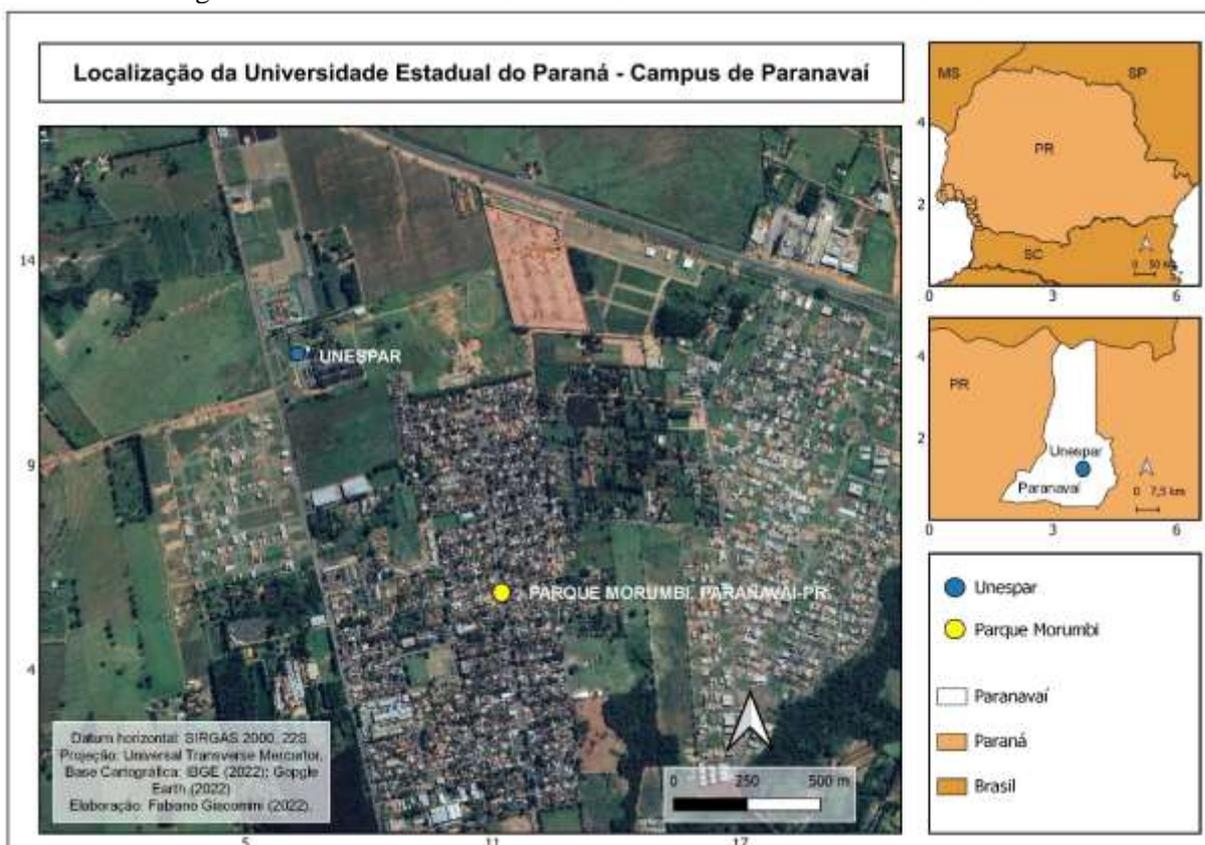


Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2023.

Já na escolha da UNESPAR, campus de Paranavaí, semelhante a UEM, foi pela abertura e familiaridade que o autor desse trabalho tem com a respectiva universidade, pois, foi nela em que realizou o curso de graduação em Geografia entre os anos de 2018-2021. Nas duas faculdades a prática das aulas de campo se efetivam no curso de graduação e também daí, o entendimento da oportunidade e significado estudar/pesquisar universidades que se teve/tem contato direto. A UNESPAR, é também uma instituição pública, localizada na Avenida Gabriel Esperidião/SN, N° 525, CEP 87701-020 centro de Paranavaí – Paraná.

Na figura dois (2), logo abaixo, está retratado o campus da UNESPAR de Paranavaí, sua localidade é mais afastada da área central da cidade. Com o crescimento e abertura contínua de novos loteamentos em seu entorno a tendência em uma escala de tempo pequena é que este centro acadêmico esteja rodeado de novas construções, excluindo a ideia de ser afastada da área central. Aos novos moradores/estudantes, certamente será um atrativo terem próximo de suas moradias uma faculdade renomada, pública e de qualidade.

Figura 2: Local de estudo - Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR.



Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2023.

Definidas essas localizações empíricas destacam-se então que toda pesquisa precisa de procedimentos teóricos metodológicos e, nessa, definida como uma pesquisa qualitativa se incluem estudos aprofundados em fontes bibliográficas e à campo. Para a execução desta, foi

definido como meio de recolhimento de informações o uso dos questionários. Esse, para Gil (1999, p.128) é uma “[...] técnica de investigação composta por um número de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”.

Esses, foram elaborados na plataforma *Google Forms*, seu público-alvo foram todos os discentes do 2º ao 4º ano de Geografia da UEM e da UNESPAR campus de Paranavaí, bem como, seus respectivos docentes dessa mesma ciência. Os discentes dos primeiros anos não fizeram parte da pesquisa, pois, provavelmente, ainda não realizaram atividades de aula de campo. Esse e outro fator importante nessa decisão é a constatação de estarem na etapa inicial dos seus estudos acadêmicos fator que pode dificultar uma opinião ou avaliação mais abrangente sobre o objeto da pesquisa.

A pretensão dos questionários aos acadêmicos é de que os mesmos relembrem e retratem suas experiências adquiridas durante sua vida e trajetória de formação. Assim sendo, para alcançar essas informações, o questionário foi estruturado acerca de uma ordem temporal de estudo do participante, onde - de maneira precisa - abarca questionamentos sobre a vida estudantil do então graduando que se inicia e perpassa pelo Ensino Fundamental/Médio e Ensino Superior.

Já o intuito dos questionários aos professores foi o de descreverem o porquê e para que realizam aulas de campo, quais suas dificuldades e especificidades encontradas ao propor realizar tal trabalho, como também, sua forma de organizar e articular esse recurso para ser valorativo e rico em aprendizagem para todos, até mesmo aqueles que não consigam estar presentes fisicamente por motivos de trabalho e ou outros provenientes.

Em continuidade, o questionário dos docentes em sua respectiva estrutura aborda questionamentos que vão ao encontro, a princípio, das áreas de formações dos participantes até suas práticas e experiências com a utilização e aplicação desse recurso.

Foi estipulado que o número aproximado de participantes seriam sessenta (60) pessoas entre alunos e professores. Esse número é apenas uma soma aproximada e uma amostragem significativa de docentes e discentes que estudam/trabalham nos respectivos campus universitários.

Vale evidenciar que a grande maioria dos alunos que estão matriculados nas duas universidades sofreram e ou tiveram seus estudos redirecionados pela pandemia do COVID-19 entre 2020-2021, ceifando drasticamente suas aulas presenciais e, conseqüentemente, as realizações das aulas de campo. É oportuno observar que essa realidade será considerada no momento da análise dos resultados.

Recapitulando o envio dos questionários, esses, se deram concomitantemente pelo contato entre as secretarias de cada Universidade. Na UEM, a secretária a pedido nosso disponibilizou o convite por e-mail aos participantes que, foram respondendo gradativamente entre os meses de março e abril de 2023.

Na UNESPAR, os questionários foram enviados aos professores e alunos diretamente pelo autor desse trabalho, tendo, um breve contato com a secretaria, mais especificamente, apenas para solicitar os e-mails de cada participante. Outros profissionais que trabalham na secretaria foram comunicados para disponibilizar a pesquisa aos envolvidos, no entanto, não obtivemos retorno se fariam ou não, por isso, a diferença de aplicação.

A escolha desses procedimentos metodológicos é justificada por meio dos objetivos dessa dissertação que, tem por intuito identificar dificuldades ou empecilhos teórico metodológico e práticos na realização de atividades didática à campo, bem como, outras contribuições que esse recurso pode agregar na formação em Geografia. Norteados por esses objetivos vislumbra-se a necessidade de situar aspectos conceituais e metodológicos para o desenvolvimento da trajetória de pesquisa visando os resultados desejados.

Almejando esses resultados, algumas das seguintes questões, nesse momento, apenas para fins de reflexão foram direcionadas aos participantes. Então, quais os motivos/condições que fazem ou não docentes realizarem aulas de campo? Foram ou não realizadas aulas de campo na educação básica e, principalmente no ensino superior, quais foram suas contribuições? Quais são os empecilhos? São apenas a disponibilidade de alunos? Professores e o suporte das universidades? Como é a participação de alunos trabalhadores? Questões desse cunho faz-se necessário reconsiderar ou não o uso desse recurso didático, e aí, o interesse da pesquisa.

Para descrição dos resultados, primeiro em questões de carácter aberto, consideramos como procedimento de análise os estudos de Bardin (2016), que se dividem em três (3) momentos: A pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Para isso, foram elencadas categorias (semânticas) de “realizações”, bem como, suas etapas (de ou não realizar trabalhos de campo); “limitações” (desafios ao pensar contar com esse aparato); “distinções” (entre Geografia Física e Humana) e contribuições” (para formação dos licenciados e bacharéis em Geografia). Lembrando que essas categorias fazem parte da análise do questionário dos docentes.

Para a análise do questionário dos discentes foram criadas as seguintes categorias: “Aulas de campo em diferentes períodos, educação básica e ensino superior;” “finanças, custo, moradia e participação;” “discentes trabalhadores”. É de referir-se que na análise dos dados a intenção dessa dissertação não teve por objetivo comparar as duas universidades, mas sim,

evidenciar como está sendo realizada essa prática nesses dois câmpus, desconsiderando, dessa maneira, qualquer ponto comparativo.

Para complementar algumas lacunas encontradas pós aplicação do questionário aos discentes e docentes foi necessário entrevistarmos alguns dos professores que participaram e se disponibilizaram a serem entrevistados (as), sendo esses, dois (2) de cada campus. Essas, foram agendadas e gravadas por meio do aplicativo WhatsApp conforme a disponibilidade de cada docente, seu tempo de aplicação variou entre dez (10) á vinte (20) minutos.

Para a análise das entrevistas, como já descrito, seguimos também os pressupostos analíticos de Bardin (2016). Assim, foram listadas as seguintes categorias (semânticas) de análise, sendo a primeira: a “Compensação” para os alunos que não participam dos trabalhos de campo/ aulas de campo, a segunda as “alternativas de participação”, o lugar como foco de análise e por fim, as “possibilidades de aplicação” através das tecnologias digitais da informação e roteirização.

Mais uma vez, na análise dos resultados, algumas questões retratadas ao longo desse trabalho estão em formato de tabelas, quadros e citações, nesta última, os participantes estão identificados(as) por letras, o discente **A**, o docente **A** e assim sucessivamente.

Com as respostas obtidas com a pesquisa, a intenção é propor sugestões e ou caminhos alternativos à comunidade científica ao pensar usar esse tipo de metodologia de ensino, para que, o então processo de ensino-aprendizagem seja ainda mais valorativo para os envolvidos.

E ainda, mais precisamente, fazer as universidades refletirem o desenvolvimento dessas aulas de campo nos cursos de graduação. Em outras palavras, como cada universidade precisa pensar e ou elaborar/direcionar uma aula de campo mais compatível com as expectativas e condições presentes em cada contexto acadêmico e social.

Ao final, espera-se contribuir dessa maneira, com as práticas de ensino nestas Universidades e, de maneira geral, cursos e formação de docentes para atuarem nas escolas, assim como, todo escopo científico que terá acesso a esse trabalho.

Para pensar no objetivo de cada questão é de grande valia retratarmos as semelhanças e diferenças na formação de um Geógrafo e de um professor de Geografia pois, além do mais, a UEM forma também o Geógrafo e, estes, juntamente com os licenciados dessa mesma universidade e da UNESPAR são foco de análise.

Então, na formação primeiro dos Bacharéis, seguindo as concepções de Batista (2015, p. 35) onde nos aponta que essa:

“[...] formação volta-se à especialização (alto grau de conhecimento específico e fragmentação das áreas do saber); apropriação tecnológica (sob a perspectiva do treinamento); e reprodução das determinações sociais, políticas e econômicas para o planejamento do ordenamento territorial (perspectiva mecanicista de trabalho na execução de Políticas Públicas e/ou exigências privadas com vistas ao aporte de recursos econômicos e da natureza.

Sendo assim, de maneira geral, pode-se aqui considerar ou destacar, dentre os referenciais teóricos e metodológicos, que a análise referenciada no Geossistema tem bagagem significativa nessa formação, se solidificando com os fatores humanos. Perante a isso, ou melhor, o então geógrafo, na busca e ou oportunidade de alcançar uma significativa qualidade de vida as pessoas, como enfatizado, “[...] é capaz de estabelecer relações entre os diferentes agentes que atuam no espaço, seja na perspectiva físico-natural ou humana” (Magalhães; Ribeiro e Albuquerque, 2020, p.220).

Seguramente essa perspectiva requer uma análise ampla do espaço geográfico em questão. No qual, estende-se o campo de atuação nos setores áreas definidas como: Ambiental, Planejamento; Cartografia; Meio Físico e Turismo. No capítulo terceiro, vamos refletir mais sobre esses possíveis referenciais teóricos e metodológicos e a investigação à campo. Lembrando que o geógrafo também pode e deve ter outros fundamentos, sócio-históricos para a análise geográfica referenciados nas perspectivas crítica e ou cultural, por exemplo.

Assim como já mencionado, para refletirmos sobre as semelhanças e diferenças nesses seguimentos formativos, seguimos, agora, para a formação dos licenciandos, ainda utilizando os estudos de Batista (2015, p. 35-36) essa:

“[...] formação parece deslocar-se de um debate sobre o significado de ensinar-se Geografia (a crítica construída sobre as origens de uma Geografia aliada à um projeto de Estado Nação e a necessidade de constituir uma Geografia que explique os fundamentos dos territórios, lugares e paisagens para sua transformação) para discutir-se como trabalhar formas de inserção social de sujeitos marginais à realidade escolar, sem, contudo, compreender os significados de sua marginalização.

Em relação e comparação a formação dos professores de geografia para a Educação Básica, essa, “[...] visa preparar profissionais críticos e reflexivos, conscientes e comprometidos com um ensino de qualidade” (Sacramento e Souza, 2018, p.137). Em outras palavras, ainda de acordo com as autoras, os professores precisam dominar os conceitos submetidos, bem como, os conteúdos que fazem parte dessa ciência, conforme a sua capacitação e saberes docentes utilizar-se concepções e realidades do mundo contemporâneo, para descrever, compreender e analisar o mundo no qual vivemos e compartilhamos nossas experiências.

Então, recapitulando os estudos de Batista (2015) o professor de geografia ensina os conceitos de território, lugar e paisagem e em complemento regiões, nisso, o docente com seu conhecimento e prática ensina e direciona os acadêmicos a compreenderem os conteúdos, as

práticas e necessidades de aprendizado de um futuro professor da Educação Básica. Essa forma e grade de aprendizado direciona-o a atuação na sua futura prática docente, no caso, ao ramo de trabalho em colégios e universidades existentes, diferente do campo de atuação dos bacharéis.

Como vimos, o próprio campo de atuação dos bacharéis é mais técnico, ou seja, na realização de um trabalho de campo com esses e por esses não possuem fins pedagógicos na perspectiva dos licenciados, mesmo que possamos considerar também aí um viés educativo na atuação desses profissionais. “No bacharelado em Geografia a formação visa propiciar meios e instrumentos para o profissional realizar reconhecimentos, levantamentos, estudos e pesquisas de caráter físico-geográfico, antropogeográfico e geoeconômico no campo específico da Geografia” (Magalhães; Ribeiro e Albuquerque, 2020, p. 222).

Seguindo ainda as ponderações dos autores acima, no âmbito da licenciatura são priorizadas as questões didático-pedagógicas relacionadas ao ensino da Geografia. E daí que, uma aula/trabalho de campo realizado com futuros professores de geografia, além de aprenderem a temática/conteúdo da aula de campo, aprendem também a realizar a própria aula/trabalho de campo agregando, mais uma vez, fins pedagógicos em sua abordagem. Na complexidade e importância do campo na formação dos professores de geografia Nunes et al (2018, p.3) enfatiza que:

O professor de Geografia tem a necessidade de utilizar espaços além da sala de aula para o desenvolvimento de suas atividades com o objetivo de tornar mais compreensível para seus alunos, os diversos fenômenos discutidos pela ciência geográfica, daí a importância da prática de campo e do conhecimento dessa metodologia para aplicação futura enquanto profissional.

“O professor formador não deve ter apenas o conhecimento do conteúdo, mas também o conhecimento de como ajudar seus alunos a entenderem a matéria por ele ensinada, o que só é possível por meio de um diálogo curricular com as disciplinas pedagógicas” (Santos, 2022, p.5) Seguindo os estudos do autor, não se pode separar o que se ensina, ou seja, a matéria e o conteúdo, de como se ensina, do ponto de vista metodológico, é preciso/necessário transpor os conteúdos para um entendimento significativo, e aí, a oportunidade de realização das aulas de campo para transpor e gerar esse conhecimento.

Nessa concepção, para que não haja conflito ao relacionarmos os aspectos transcritos acima, no momento de estabelecer como são as aulas de campo nas diferentes abordagens que foram retratadas, trabalho de campo, aula de campo e estudo do meio (semelhanças e diferenças) e tal qual, fortificarmos os argumentos, o próximo capítulo vai ao encontro de emergir suas especificidades e funcionalidades, realçando perante pesquisa para fins teóricos de ensino na graduação.

3 TRABALHO DE CAMPO, AULA DE CAMPO COMO METODOLOGIAS DE PESQUISA E ENSINO NA GEOGRAFIA.

Para fundamentar a respectiva pesquisa é suposto que comecemos por explicitar as semelhanças e diferenças entre trabalho de campo, aula de campo, isso porque utilizaremos, mais intensamente nesse trabalho a definição aula de campo na medida em que é essa denominação que sintoniza com o objeto da nossa pesquisa. A denominação trabalho/ aula de campo também será utilizada em alguns momentos do texto, porém, com esse mesmo significado.

Na utilização desse então recurso didático metodológico (aula de campo) pode também estar relacionado ou ter aproximação com a ação investigativa conhecida como estudo do meio. Existem muitos meios a serem estudados, mas isso varia de acordo com o conteúdo e proposta que se trabalha em sala de aula. Daí é oportuno explicitar uma breve incursão sobre o entendimento de estudo do meio enquanto uma metodologia que inclui atividades de campo.

Podemos compreender que o ponto de partida do estudo do meio é “[...] a reflexão individual e coletiva sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em determinada escola e o desejo de melhorar a formação do aluno, construindo um currículo mais próximo dos interesses e da realidade vivida” (Lopes e Pontuschka, 2009, p.7).

Seguindo os autores mencionados anteriormente, o estudo do meio, tem por seu objetivo proporcionar aos estudantes uma aprendizagem “mais perto da vida”, ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada, seja ela, natural ou social.

Já nos estudos de Dias (2015) o estudo do meio é um método de ensino integrador do currículo que oferece ao estudante possibilidades de construir e aprimorar seu conhecimento.

Mas então, o que realmente é o meio? Quais são as necessidades dos trabalhos de campo em sua realização? Em resposta, Oliveira e Assis (2009, p.8) salientam que “o meio é uma geografia viva. A escola, o córrego, a população de um bairro, o distrito industrial, um parque, uma reserva florestal, um shopping, um hipermercado, a chácara vizinha são elementos integrantes de um espaço, que podem ser pontos de partida para uma reflexão”.

Assim, o estudo do meio e a aula de campo são compatíveis, estudar o meio é estudar os espaços geográficos, claro, divididos ou recortados, localizados em macro e microrregiões e/ou lugares específicos, utilizando-se da metodologia expositiva e investigativa à campo sugerindo ou oportunizando agregar informações e reflexões para uma melhor compreensão da realidade selecionada para estudo.

Pois então, para estudar um determinado meio com a perspectiva geográfica é necessário compreender a realidade socioespacial enquanto forma, função, processos e estruturas (Santos,

2021). Essas categorias, juntas, formam o espaço total, em outras palavras, qualquer que seja o movimento, o acontecer de um lugar não é indiferente do acontecer de outro lugar, pois qualquer que seja o acontecer é um produto do movimento da sociedade total.

Ainda nas palavras desse autor “[...] qualquer que seja a análise ou o estudo que não leva em consideração todas essas categorias e todas elas ao mesmo tempo, não poderá abraçar a realidade total. E uma análise feita sem essa preocupação levará, seguramente, a uma interpretação falsa” (Santos, 2021, p. 219).

E, essas análises/procedimentos incluem relacionar e levar em consideração as experiências e o cotidiano dos alunos e, na oportunidade da sua realização as aulas de campo podem oportunizar esse entendimento.

Em outras palavras, é observável nos atentarmos que os acadêmicos de Geografia licenciatura e bacharel ao longo de sua formação têm contato e se apropriam de referenciais teóricos de conhecimento. Todavia, mesmo com essa gama teórica, entender/compreender o espaço no qual vivemos e compartilhamos nossas experiências é uma tarefa que precisa incluir a interação desse conhecimento e a realidade socioespacial.

Vale sublinhar que há uma dinamicidade de realização de aulas de campo e que, por hora, pode permear diferenças entre um trabalho de campo realizado pelo pesquisador e um trabalho/aula de campo realizado pelo professor.

Em continuidade a reflexão anterior, vejamos que a finalidade dos trabalhos de campo e das aulas de campo podem ser diferentes, e aí, transmutarem entre um trabalho de campo que tem o objetivo de responder questões/hipóteses que são criadas pelo pesquisador e uma aula de campo/trabalho de campo com fins pedagógicos, onde, no caso, é realizada com alunos da graduação em Geografia. Em outras palavras, é necessário pensarmos que essa metodologia “[...] pode ser analisada tanto no contexto da pesquisa tanto no contexto do ensino acadêmico” (Suertegaray, 2002, p.100). Ressalva-se ainda, que as aulas de campo, pode similarmente estar presente também nos projetos de extensão.

No trabalho de campo voltado a pesquisa, assim como o trabalho/ aula de campo voltado ao ensino, tem-se que determinar/escolher o objeto de estudo e/ou tema, e, a partir dessa decisão já acontece/reflete preocupações que são resultado da própria inserção desse profissional em sua realidade vivida, ou seja, na realização/utilização desse recurso de investigação e ou didático quando incluído nos processos de ensino no curso de graduação.

A aula de campo é um recurso do qual se lança mão quando as experiências de aprendizagem não podem ser realizadas dentro da sala de aula ou em laboratório “[...] diferencia-se do trabalho de campo na medida em que este último está mais voltado à pesquisa, enquanto a aula de campo é uma estratégia didática mais voltada ao ensino (Conti, 2011, p.520).

Em complemento, “a maneira como as práticas em campo é conduzida e objetivada varia de proposta para proposta, segundo os referenciais teórico, conceitual, pedagógico e cultural que regem cada prática de campo a ser definida pelo professor e/ou pesquisador” (Sacramento e Souza, 2018, p. 126).

Em conformidade com os estudos de Rodrigues e Otaviano (2001) o trabalho de campo e ou trabalho/ aula de campo abre a possibilidade para que o professor, o aluno, o técnico e o cientista possam, em seus mais variados estudos, descobrir, observar e entender da melhor maneira as formas e os processos sociais que ocorrem no espaço geográfico.

Assim, o desígnio com as abordagens especificadas, foi o de direcionar essa pesquisa para os fins teóricos metodológicos de “ensino” para/com as aulas de campo, que assim são realizadas nos cursos de graduação. E partir dessa particularidade, investigar o uso, na pesquisa e, em especial, nas práticas de ensino.

Mas para isso é oportuno e necessário as diferentes abordagens das atividades à campo, como veremos a princípio e em sequência temporal na Geografia Tradicional, na Geografia Teórico-Quantitativa, na análise sistêmica ou do Geossistema, na vertente da fenomenologia da Geografia Cultural e, na Geografia Crítica/Radical/Social fundamentada em referenciais sociohistóricos.

Em síntese, neste trabalho o que será investigado mais a fundo e intensamente será a aula de campo, na medida em que é essa denominação que sintoniza mais e melhor como estratégia didática para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem na disciplina de Geografia. Mas na fala de Conti, (2011, p.522) “o campo é fértil tanto para o ensino como para a pesquisa e que essas duas vertentes do saber podem ocorrer simultaneamente”.

3.1 OS TRABALHOS DE CAMPO, A GEOGRAFIA TRADICIONAL E AS NECESSIDADES DE RENOVACÃO.

No passado, desde a formação da ciência geográfica, o mais impactante durante o seu desenvolvimento foi definir seus objetos e métodos de estudo. Discussões que durante os séculos XIX e XX foram longevas e, ainda se fazem presentes nas discussões atuais. Pois, cada professor ou pesquisador utiliza-se do método que entende ser o mais pertinente, desde uma Geografia

Clássica/Tradicional, passando pela renovação Quantitativa-Teorética, Fenomenologia, Sistêmica e, ou Teórico Crítica.

Partindo desse pressuposto, para o geógrafo francês Emanuel de Martone, a Geografia é “a ciência que estuda a distribuição dos fenômenos físicos, biológicos e humanos da superfície da Terra, as causas desta distribuição e as relações locais destes fenômenos” (Andrade, 1998, p. 17).

Já para André Cholley, também geógrafo francês essa ciência tem por objeto “conhecer a Terra em seu caráter total, não em termos de categorias individuais de fenômenos - físicos, biológicos e humanas, dispostos em série. “[...] Mas em termos das combinações produzidas entre eles, porque tais combinações é que criam os diferentes aspectos físicos e humanos que a superfície da terra nos revela” (Hartshorn, 1978, p. 15).

E ainda, no American College Dictionary, consta que:

O estudo da diferenciação de áreas da superfície terrestre, reveladas no seu caráter, na disposição e nas inter-relações, na face do globo, de elementos como o clima, o relevo, o solo, a vegetação, a população, a utilização da terra, as indústrias, os Estados, e o estudo das unidades de áreas formadas pelo complexo desses elementos individuais (Hartshorn, 1978, p. 15).

Em continuidade as definições do que realmente é a geografia, Rodrigues (2008) afirma que os objetos e métodos da geografia como já explicitado, perpassaram por grandes indefinições, sendo assim, já foram em um determinado momento durante o desenvolvimento da ciência geográfica definidos como, por exemplo, estudos da superfície terrestre, estudos da paisagem, estudo da individualidade dos lugares, estudo da diferenciação de áreas e estudos das relações entre o homem e a natureza. Vejamos de forma mais aprofundada a posteriori.

Diante a essa perspectiva, alguns autores a colocam como o estudo da superfície terrestre, definição um tanto vaga, pois nessa linha de pensamento teria de sintetizar todas as outras ciências que têm contato com a superfície terrestre, outros, a definem como o estudo das paisagens, para estes, a análise geográfica estaria restrita aos aspectos visíveis do real (Moraes, 2007).

Onde, dessa maneira, “a paisagem posta como objeto específico da geografia, é vista como uma associação de múltiplos fenômenos o que mantém a concepção de ciência de síntese, que trabalha com dados de todas as demais ciências” (Moraes, 2007, p.32)

Outra definição em relação ao objeto que se desenrolou foi a definição da geografia como estudo da individualidade dos lugares. Advindas das raízes em autores como Heródoto e Estrabão, em um tom moderno, uma geografia que certamente buscava “[...] compreender o caráter singular de cada porção do planeta, pela descrição exaustiva dos elementos ou pela visão

ecológica, buscando a partir do inter-relacionamento, um elemento de singularização” (Rodrigues, 2008, p.30). E que, mais tarde, na escola francesa criada por Vidal de La Blache foi aprimorada como balizamento central a Geografia Regional, a região, nesse contexto, seria uma escala de análise, uma unidade espacial, dotada de uma individualidade em relação as suas áreas próximas (Moraes, 2007). Em um outro viés, a geografia também é definida como estudo da diferenciação das áreas.

Como vimos são muitas as colocações a respeito dos objetos e métodos de estudo da geografia, e ainda, a posteriori acrescenta-se a definição da geografia como estudo das relações entre o homem e o meio, ou em outras atribuições mais atuais, a relação entre a sociedade e a natureza foi assumida como referência ainda mais abrangente.

Com seus estudos restringindo-se aos aspectos visíveis do real, mensuráveis e palpáveis essa Geografia Tradicional perde força, pois, quando ela não consegue mais acompanhar as mudanças ocorridas agora, no então presente conceito, espaço geográfico, passa-se a se tornar ultrapassada (Andrade, 1987).

Mas antes de perder forças, autores como Humboldt (1769-1859) e Ritter (1779-1859) fizeram contribuições bem relevantes a respeito do próprio desenvolvimento dessa ciência e, por isso, são considerados os pais da geografia, visto que, suas obras compõem a base da geografia tradicional, sendo necessário rever essa conjunção/formação de estudos iniciais para entender o movimento do espaço-tempo atual.

Desse modo, fissurado em estudar as paisagens do planeta Humboldt propõe o “empirismo raciocinado”, ou seja, a intuição a partir da observação, nesse método o geógrafo deveria contemplar as paisagens de uma forma praticamente quase toda estética (Dantas e Medeiros, 2011).

“A paisagem causaria no observador uma “impressão”, a qual, combinada com a observação sistemática dos seus elementos componentes, e filtrada pelo raciocínio lógico, levaria a explicação: a causalidade das conexões contidas na paisagem observada” (Moraes, 2007, p. 62).

Com as observações e descrições das paisagens Humboldt se tornou um grande viajante naturalista de sua época, sempre deixando bem claro para todos que a pesquisa precisa iniciar-se no campo (Dantas e Medeiros, 2011).

Assim, como bem nos reforça Moraes (2007) em cooperação a esse pensamento de Humboldt, Ritter, filósofo e historiador definiu o conceito de “sistema natural”, ou seja, uma área delimitada dotada de uma individualidade. Para o filósofo a geografia deveria estudar esses arranjos individuais e compará-los. Assim, sua geografia seria um estudo dos lugares, certamente, uma busca da individualidade destes.

Em continuidade as ideias do autor acima, tanto Humboldt como Ritter reforçam a análise empírica, o caminhar de observação em observação, e assim, os trabalhos de campo vão sendo realizados naquele período da Geografia Clássica fundamentada no Positivismo, na observação e descrição das paisagens. Diante de todo o seu desenvolvimento a expansão e a exploração do espaço foi algo primordial para o desenvolvimento de determinadas sociedades. Portanto, nessa geografia, “caberia ao estudo geográfico descobrir pelo livre exercício do pensamento combinando as observações e a constância dos fenômenos em meio as suas variações aparentes” (Moraes, 2007, p. 62).

Observar as paisagens e compará-las/descrevê-las, realizar expedições e trabalhos de campos para estudar o mundo, naquele período foi de grande valia para o conhecimento e expansão dos humanos para outros horizontes. No entanto, para interpretar o mundo atual não é mais suficiente, só olhar, observar, descrever e comparar.

O olhar de um geógrafo precisa ir além do que os olhos podem ver, mas também analisar o que já ocorreu em uma paisagem, o que está ocorrendo e o que poderá ocorrer em uma escala de tempo geológico, da natureza e, no tempo-espaço da sociedade, ou seja, interpretar a dimensão sócio-histórica do lugar, a própria historicidade do local.

Esses e outros pontos como as influências humanas que necessitam ser interpretadas identificam limitações nas análises efetivadas na Geografia Clássica, sua definição de objetos e métodos a empobreceram, tornaram-se insuficiente em um contexto de mais complexidade socioespacial. Daí a necessidade de renovação teórica e metodológica da Geografia e com isso das metodologias e finalidades do trabalho ou das investigações de campo.

Uma das vertentes dessa renovação da ciência geográfica pode ser identificada na chamada Geografia Teórico-Quantitativa. Nessa perspectiva o trabalho de investigação à campo perde centralidade e por isso não está sintonizado ao objeto de estudo da presente dissertação. Alentejano e Rocha-Leão (2006, p.56) referindo-se ao tema afirmam que: “[...] a ser execrados e praticamente riscados do mapa das práticas dos geógrafos, sob o argumento de que as tecnologias da informação e os modelos matemáticos seriam instrumentos mais adequados para a investigação da realidade”

Seguindo as concepções desses autores e não apenas concordando com suas afirmações, mas, também, fazendo jus ao movimento do espaço-tempo que requer técnicas de pesquisa que alcancem índices/percentuais valorativos de respostas, ao qual, pesquisadores, docentes e discente buscam encontrar através das aulas e ou trabalhos de campo, na então concordância, reafirmam que:

A simples integração de bases temáticas de cunho social e natural em ambiente de SIG não resolve, em nosso entendimento, os problemas epistemológicos da dicotomia sociedade/natureza na produção do conhecimento geográfico, nem aponta, necessariamente, um caminho para produção de uma visão não fragmentada da sociedade e da natureza (Alentejano e Rocha-Leão, 2006, p. 56).

O espaço em que essa geografia matemática, assim chamada por Milton Santos, pretende produzir não é o espaço das sociedades em movimento no espaço-tempo, mas sim, apenas a fotografia de momentos que se resumem apenas a meras descrições das relações espaciais e, essas, não podem ser confundidas com explicação ou interpretação da totalidade socioespacial (Santos, 2021).

Essa nova geografia ao romper com os procedimentos tradicionais em relação ao campo, simplifica arbitrariamente o universo da análise geográfica, torna-o mais distante do realmente existente, em outras palavras, definições que não explicam a realidade concreta (Moraes, 2007).

Retomando e atualizando as definições de objeto e método cabe citar que a Geografia é “a ciência que estuda o espaço geográfico, espaço produzido pelo homem ao intervir no meio natural, adaptando-o à sua exploração, à utilização dos seus recursos, segundo as formas institucionais e as disponibilidades culturais, técnicas e econômicas de que dispõe” (Andrade, 1998, p.18).

Nessa ótica da ciência geográfica podemos identificar três vertentes metodológicas, sendo elas - a priori - a Sistêmica ou do Geossistema, que vai estar relacionada com o estudo da natureza ou melhor dizendo, a própria geografia física - em sequência - em outras facetas, contemos a Fenomenologia que se identifica com a vertente conhecida como Geografia da Percepção-Cultural e, ao final, a Geografia Crítica/Radical/Social que interage com os métodos fundamentados no marxismo ou na perspectiva sociohistórica dessa cognição.

Então, para compreendermos onde os trabalhos de campo se encaixam ou se fazem necessários hordienamente é importante, também, assim como na Geografia Clássica entendermos tais vertentes. Faremos isso nos itens a seguir.

3.2 TRABALHO DE CAMPO E OS ESTUDOS DA NATUREZA, O GEOSSISTEMA E O CAMPO.

Inicialmente, para aguçar o debate desse item cabe aqui realçar o significado existencial de ambiente para a sociedade e, a partir disso, ressaír essa unidade destacando os considerados criadores/estudiosos que inventaram e aprimoraram com base na Teoria dos Sistemas a análise geográfica fundamentada no Geossistema. Pois então, “o ambiente só tem existência social

através da maneira como os grupos humanos o concebem, analisam e percebem suas possibilidades, e através das técnicas que permitem explorá-lo: a mediação tecnológica é essencial nas relações dos grupos humanos com o mundo que os rodeia” (Claval, 2007, p. 221).

A partir dessas mediações e possibilidades de apropriação desse ambiente é que o homem enquanto ser social modifica e ou explora a natureza a seu favor, geralmente algo comum e da natureza humana buscar recursos para sua sobrevivência nos processos pretéritos. Inicialmente “[...] a história das chamadas relações entre sociedade e natureza é, em todos os lugares habitados, a de um meio natural, *dado* a uma determinada sociedade, por um meio cada vez mais artificializado, isto é sucessivamente *instrumentalizado* por essa mesma sociedade” (Santos, 2020, p. 233).

Pode-se assim dizer que mudanças maiores e significativas no meio aconteceram a partir do século XX com a intensificação da técnica oportunizando um grande avanço enquanto sociedade. Todavia, com essa possibilidade do homem em poder cada vez mais utilizar o ambiente a seu favor desencadeou um desequilíbrio na harmonia em que havia entre sociedade e natureza. Em outros termos, na passagem do Meio Natural, para o Meio-Técnico e após meio Técnico-Científico-Informacional foi sentida imensamente pelo planeta, agora menor, global, explorado/inovado, porém, mais quente, com recursos esgotáveis, espécies da Fauna e Flora em processos de extinção, dentre outros efeitos a serem identificados.

Essas mudanças que podem ser chamadas de socioambientais também exigiram novas interpretações científica incluindo as da Geografia. “[...] os geógrafos passaram a ter preocupação maior com a problemática social, de vez que o desenvolvimento industrial passou a exercer grande impacto sobre a natureza e a sociedade, degradando e dilapidando os recursos naturais” (Andrade, 2008, p.189).

Caminhando um pouco mais nessa contextualização cabe lembrar que as reuniões e ou conferências tornaram-se mais frequentes no âmbito global. A Conferência de Estocolmo (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, 1972) foi a primeira grande reunião organizada pelas Nações Unidas a concentrar-se sobre questões de meio ambiente. Outros exemplos como a Conferência do Rio (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1992), A Cúpula de Joanesburgo (Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, 2002) e a Rio+20 são referências dessas discussões/pautas (Lago, 2013).

Em complemento a esse enfoque, mesmo com essas conferências, os embates entre os meios naturais e as ações antrópicas ainda resistem em crescer para caminhos degradáveis e as vezes até irreversíveis. Ainda que avanços na conscientização das pessoas e agentes globais foram ao menos submetidos/alertados, a insaciável busca pelo lucro como foco de uma

sociedade ainda em formação é o gatilho perfeito para marcharmos para as ruínas do Planeta. Daí a necessidade de buscar meios que possam reter/analisar a geração desses impactos. Daí a teoria dos sistemas fundamenta a matriz do Geossistema enquanto uma das possibilidades de interpretação socioambiental pela Geografia.

É avultoso mencionar os considerados criadores desse conceito, Bertrand e Sochava, assim como, a partir destes surgiram novas concepções, críticas construtivas e aprimoramentos a respeito da Teoria dos Sistemas e ou do Geossistema. Elucidando os inventores, para Cavalcanti (2013) cada um possui uma definição sobre Geossistema, o primeiro, o compreende como “[...] uma entidade natural formada pelas relações entre os componentes da natureza e impactada pela ação da sociedade”. Já o segundo define-o sendo uma “[...] unidade natural de todas as categorias possíveis, do Geossistema planetário (envelope geográfico ou ambiente geográfico em geral) ao Geossistema elementar (fácies físicogeográfica)” (Sochava, 1963, p. 53).

Acrescendo esse entendimento, nas concepções de Capdevila (1992) o Geossistema contém subsistemas que se dividem entre: **abiótico, biótico e antrópico**. O primeiro, parte para os elementos desprovidos de vida (rochas, relevo, clima), o segundo, ao contrário do primeiro, vai ao encontro dos elementos mais dotados de vida (Vegetação e Fauna) e, o terceiro, relacionado ao homem e suas virtudes econômicas e sociais.

No entendimento da definição dessa teoria advindas de Sochava e da Escola Alemã é relevante contextualizar que:

“[...] o Geossistema é um sistema natural, complexo e integrado onde há circulação de energia e matéria e onde ocorre exploração biológica, inclusive aquela praticada pelo homem. Pela ação antrópica poderão ocorrer pequenas alterações no sistema, afetando algumas de suas características, porém estes serão perceptíveis apenas em micro-escala e nunca com tal intensidade que o Geossistema seja totalmente transformado, descaracterizado ou condenada a desaparecer” (Troppmair e Galina, 2006, p. 81).

A origem na Rússia dos referenciais do Geossistema é destacada por Oliveira e Neto (2020, p. 5) ao afirmar que: “Intimamente inserida em um contexto político ideológico, o desenvolvimento teórico dos Geossistemas na Rússia aparece sobremaneira influenciado pelas representações espaciais inseridas na ótica socialista da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS”.

Seguindo os estudos desses mesmos autores, a ideia era de que, o discurso geográfico preconizado por este momento político-cultural incentiva o desenvolvimento e aperfeiçoamento técnico e experimental de uma Geografia Física voltada para resolução de questões de ordem

prática, visando subsidiar o desenvolvimento do quadro geográfico para a organização territorial do país.

Nesse momento, foram realizadas grandes expedições geográficas (em nosso entendimento, trabalhos de campo) para recenseamento e reconhecimento multitemáticos de territórios infindáveis da Rússia asiática. Estas expedições estavam associadas aos planos de construção de usinas hidrelétricas, prospecção de depósitos de recursos minerais e à necessidade de colonização de vastos espaços próximos (Frolova, 2006)

Nesse contexto, Sochava, ao criar o conceito de Geossistema “[...] o fez com base na vivência, na pesquisa e na interpretação do espaço geográfico do seu país, a Ex-União Soviética. Portanto, “[...] o Geossistema para este geógrafo abrange sempre áreas com centenas e mesmo milhares de quilômetros quadrados” (Troppmair e Galina, 2006, p. 80). Deixando claro seu funcionamento em escala regional.

Já Bertrand (1978) quando aplica a teoria dos Geossistemas para a realidade francesa, provavelmente o fez levando em consideração as dimensões e as escalas daquele país. “Refere-se a áreas relativamente pequenas para definir Geossistemas, geofácies e geotopos variando a área entre alguns quilômetros quadrados (Geossistema) e a poucos metros quadrados (geotopo)” (Troppmair e Galina, 2006, p. 81).

Na continuidade da aplicação de Geossistema Bertrand propõe na década de 1980 uma atualização em seu método, agora denominada de o sistema tripolar GTP, (Geossistema (fonte), Território (recurso) e Paisagem (identidade), nas palavras de Oliveira e Neto (2020, p. 13):

“[...] O sistema GTP possibilita fornecer caráter cultural à paisagem, enquanto que o território configura a entrada que permite analisar as repercussões da organização e dos funcionamentos sociais e econômicos sobre o espaço considerado e, o geossistema é um conceito territorial, uma unidade espacial bem delimitada e analisada a uma dada escala, ou seja, é um conceito naturalista que põe em evidência a interação entre seus três componentes: biótico, abiótico, antrópico.

Já Aziz Ab’ Saber, para estudos voltados a geomorfologia (ou a própria geografia física) preconizava a caracterização de três níveis, intimamente relacionados na análise da paisagem sendo, Compartimentação, Estrutura Superficial e Fisiologia da Paisagem, enquanto o primeiro ligava-se ao plano horizontal, o segundo revelava-se, no plano vertical, a estrutura enquanto o terceiro nível – numa imagem biológica – abrangida toda a complexa gama dos processos dinamizadores da paisagem, indicando-se dessa maneira as ações antrópicas (Monteiro, 2000).

Os debates a respeito das definições de como e que jeito aplicar a teoria do Geossistema não param por aqui, todavia, como um dos intuitos nesse trabalho é diferenciar as distintas abordagens que podem ser analisadas através de um método e ou categoria de análise, atribuir e ou abrir novas críticas a esse modelo (Geossistema) não faz parte de nosso objetivo, no entanto,

nesse véis científico está incluindo a Geografia Física e uma constante relação com a antropização – Geografia Humana.

Vimos mesmo de forma sucinta no próprio modelo sistêmico pode haver variações de interpretação dos lugares, a questão da escala de análise entre Bertrand e Sochava é uma delas, assim como o fator socioeconômico incluído pelo segundo autor. Nesse momento, cabe retomarmos alguns pontos para enfatizarmos a necessidade de exemplificar essas variações. Portanto, se na Geografia Tradicional a paisagem era considerada de uma forma quase estática havendo pouca ou quase nenhuma modificação em sua estrutura, nesse contexto “mais recente” na criação e aprimoração do conceito de Geossistema sua abordagem é diferente da abordagem hora tradicional.

Em outras palavras, o movimento do espaço-tempo a partir da lógica de trabalho e de capital, como já mencionado nesse trabalho, as possibilidades de exploração do homem para/com o meio ganharam rigor. Nessa abertura, incluem-se a Geografia Física e Humana, que por sua vez, formam a ciência geográfica.

Na complementariedade dessa pesquisa, fundamenta-se nessa forma sistêmica de análise (Geossistema) a necessidade de uma metodologia, no caso, trabalho de campo/aula de campo, que possa compreender essas diferentes espacialidades-realidades variando suas áreas de pesquisa, ou seja, estudos geomorfológicos (foco de análise principalmente de Azis Ab’ Saber), hidrológicos, pedológicos e até mesmo as influências climatológicas necessitam de estudos de mais proximidade com os ambientes a serem efetivados nas prática à campo.

E daí que, somente análises com recursos tecnológicos não são suficientes, mais uma vez, os trabalhos/aulas de campo aparecem como possibilidade para alcançar esse entendimento, pois, o professor de geografia e o geógrafo enquanto profissional tem a primazia e a capacidade de estudar a sociedade e a natureza abarcando altas miríades de respostas a partir de suas pesquisas, envolvendo o meio físico e social ou ambos relacionados.

Pensando assim, o próximo item desse trabalho tem o compromisso de detalhar outro tipo de abordagem para compreender o espaço geográfico e as relações que nele se disponham. Leva em conta assim como na análise do Geossistema as interpretações focam a dimensão entendida como socioambiental com mais identidade aos elementos naturais em associação aos sociais. Daí, a necessidade de ampliar essas possibilidades metodológicas da Geografia. Essa atualidade inclui então as Geografia fundamentadas ou definidas como Cultural e ou Crítica/ sócio-histórica bem como, os trabalhos/ aulas de campo nessas correntes de pensamento.

3.3 O TRABALHO DE CAMPO E A GEOGRAFIA NA ATUALIDADE, CULTURAL E OU CRÍTICA.

Usualmente, para o geógrafo é importante também considerar assim como os estudos do Geossistema, os estudos da Fenomenologia condicionados com a Geografia na atualidade. Os estudos fenomenológicos estão pautados na geografia da percepção, onde são valorizados os conceitos de paisagem e de lugar. “A geografia da percepção e do comportamento busca estudar como os homens percebem o espaço por eles vivenciados, como reagem as condições da natureza ambiente e como esse processo reflete na ação sobre o espaço” (Rodrigues, 2008, p.108).

Na questão de método, para usufruir do que se propõe essa Geografia fenomenológica, entrevistas, questionários/formulários além de outros recursos que possam ser usados para recolher dados/ informações, aplicados através de uma aula de campo são recursos que, talvez, se bem planejados e aplicados possam alcançar/compreender esse sentimento, os espaços vividos/compartilhados, suas reações e identidades de que as pessoas identificam em ou com cada lugar.

Aperfeiçoando a definição fenomenológica, “esta tendência levava o geógrafo a realizar estudos para caracterizar como o indivíduo tem a percepção do lugar próximo e distante e como fez refletir esta percepção através de uma sistematização” (Andrade, 1998, p.183).

Para Rodrigues (2008) as correntes anteriores a essa (tradicional e teórico-quantitativas) não supriam a necessidade explicativa das novas configurações do espaço geográfico. Em outros vocábulos, era necessário - no momento - buscar estudos para completar as interpretações necessárias.

No contexto atual, existem geógrafos que estudam e defendem ou assumem a Geografia Cultural e ou a Geografia Crítica, cada qual com seu fundamento e viés, entretanto, uma pode ser complementar a outra em determinados momentos de investigação e estudo. Assim, pensando na ocasião sobre a realização do trabalho e ou da aula de campo nessas correntes de pensamento, Serpa (2006, p.20) explica que “[...] dialética e fenomenologia não se excluem no trabalho de campo em Geografia. Enquanto métodos podem funcionar como estratégias complementares, buscando-se sempre a construção da síntese sujeito-objeto, própria ao ato de conhecer.

A abordagem histórico-dialética representa o intuito de entender e desvendar a realidade social, permitindo resgatar contextos socioespaciais e fazer o movimento contraditório das ideias e dos atores e agentes envolvidos” (Alves e Monteiro, p.12).

Ainda considerando os estudos dos autores acima, uma das propostas da Geografia Crítica é entender o fenômeno em suas várias dimensões escalares, partindo/pensando na premissa de que o trabalho de campo não pode ser isolado ou restrito a escala local e do lugar, e sim, sendo necessário entendê-lo no contexto regional, nacional e global.

Dessa forma, em uma geografia que tem como centralidade ser uma geografia de luta de classes, de melhores condições de vida, de igualdade e ou de maneira geral, que lute por uma sociedade mais justa, entender só o que os homens sentem e como reagem a mudanças significativas no espaço geográfico não é suficiente.

Pensando assim, para uma boa interpretação de diferentes contextos socioespaciais a par com o movimento do espaço-tempo, é necessário frisar o que já aconteceu, o que acontece e ações tendenciosas que poderão acontecer, recorrendo a totalidade na ocorrência desses fenômenos, aí sim, pode-se dizer que a análise direcionada a um determinado espaço foram significativas. Para compreendermos o porquê e como cientificamente chegamos nessas conclusões voltemos aos processos pretéritos, na então abordagem de Milton Santos sobre esse nexos sócio-histórico.

Nos estudos desse autor, a princípio, é crucial considerarmos sua definição do que realmente é o espaço geográfico, para adiante, elucidarmos o papel do campo nessas perspectivas compreendendo o porquê a Geografia em si ganha conteúdos sociais.

Então, nas definições de Santos (1988, p. 25):

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais.

Nas definições de objeto Santos (2007, p.46) os define como “[...] tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade”.

Ainda de acordo com o autor acima, a ação é o próprio do homem. Só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade. O espaço é definitivamente um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Na construção desses sistemas, podemos citar três períodos: O meio-natural, o meio-técnico e o meio técnico-científico-informacional. Para Santos (2007, p. 157):

Quando tudo era meio natural, o homem escolhia da natureza aquelas suas partes ou aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo.

Em outras virtudes, como mencionado no item sobre a Teoria dos Sistemas ou Geossistema, no Meio-Natural a exploração da natureza era mínima, o comportamento da sociedade nesse momento era diferente, diferente no sentido de respeitar e preservar a natureza que lhes foi herdada. O que é similar ao período Meio-Técnico, porém, já com algumas mudanças em relação a “harmonia” que se prevalecia no Meio-Natural. Como bem nos define Santos (2007, p. 158):

O período técnico vê a emergência do espaço mecanizado. Os objetos que formam o meio não são, apenas, objetos culturais; eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo. Quanto ao espaço, o componente material é crescentemente formado do "natural" e do "artificial". Mas o número e a qualidade de artefatos variam. As áreas, os espaços, as regiões, os países passam a se distinguir em função da extensão e da densidade da substituição, neles, dos objetos naturais e dos objetos culturais, por objetos técnicos.

Seguindo as ideias desse mesmo autor, neste período é perceptível notar mudanças significativas no espaço, uma vez que, passa-se dos objetos naturais/culturais para os objetos técnicos, ou seja, essa atribuição de poder do homem em modificar determinados espaços a seu favor sobreponha-se aos tempos naturais. Mesmo que presente em poucos lugares, é enfático explanarmos a lógica de sua instalação que, baseava-se na razão do comércio e não da natureza.

Na década de 1970, como já mencionado em um determinado momento dessa dissertação, aumentaram-se as preocupações principalmente dos geógrafos em relação aos novos rumos que se tomavam a sociedade. Para que fique mais claro esses arranjos, tomemos como exemplo os estudos de Corrêa (2007), onde o mesmo nos especifica que com as necessidades de sobrevivência de um homem (fome, sede, frio...) é notado uma ação de intervenção na natureza para que se sanem suas necessidades. E, nessa, podemos enfatizar novamente os estudos da corrente fenomenológica ao buscar analisar o lugar e a paisagem a partir das ações humanas, seus sentimentos e identidades com cada lugar.

Ainda de acordo com o autor acima, é nesse caráter social que se envolvem os trabalhos coletivamente, o que de certa forma implica em uma divisão de trabalho, o foco é a produção, e nessa produção e trabalho social que os homens estabelecem relações entre si e partir destas, com a natureza. Em outras palavras, nessas/essas relações de trabalho está o próprio comércio mundial. Assim, nas diferentes intencionalidades da sociedade e seus meios de produção surge o meio Técnico-Científico-Informacional, que nos domínios de Santos (2007, p. 159) são:

Os objetos técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje, quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio técnico-científico-informacional.

Esse novo meio é a nova cara do espaço e do tempo. É aí que se instalam as atividades hegemônicas e ou atores hegemônicos, aquelas que têm relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais (Santos, 1994).

Em outras palavras, nunca houve tanta técnica, ciência e informação, vivemos o ápice da globalização que é, de certa forma, o auge do processo de internacionalização do mundo capitalista (Santos, 2001).

Cabe agora reassumir alguns pontos já descritos anteriormente, onde foram enfatizados que apenas descrever o espaço ou basear-se em dados facultativos não são suficientes. É necessário, agora, levar em conta as mudanças que ocorreram e ocorrem no espaço (novas relações socioespaciais, de política, ideologias, produção, comércio...), o lugar, a paisagem, não é possível compreendê-los mais localmente, pois a conectividade atual está presente em todos os ambientes, mais uma vez, desiguais. Com isso, não podemos perder de vista que as explicações nesse nexos de desenvolvimento, retomando aspectos já descritos, devem partir das escalas locais, relacionando-as regionais, nacionais até as globais.

Em consolidação a esse viés Alentejano e Rocha-Leão (2006, p.58) afirmam que, “é através da articulação das escalas que podemos efetivamente construir uma interpretação geográfica da realidade, indo do particular ao geral, e retornando a este.” Portanto, os lugares não se explicariam mais individualmente, mas sim, em conexões e relações com outros lugares.

É notório que a aula/ trabalho de campo como instrumento de pesquisa e ensino propiciou uma gama de conteúdo a serem estudados pela Geografia, isso levando em consideração o seu objeto de estudo, o espaço geográfico que, abarca todo e qualquer tipo de configurações espaciais e relações paisagísticas. Nas definições de configurações espaciais, de uma forma mais geral, Corrêa (2007, p. 52) as define como um:

“[...] Processo de organização e reorganização da sociedade deu-se concomitantemente à transformação da natureza primitiva em campos, cidades, estradas de ferro, voçorocas, parques nacionais, shopping centers etc. Estas obras do homem são as suas marcas apresentando um determinado padrão de localização que é próprio a cada sociedade. Organizadas espacialmente, constituem o espaço do homem, a organização espacial da sociedade ou, simplesmente, o espaço geográfico.

Detalhando a citação anterior, sabe-se que todo esse espaço é local-global, mesmo que involuntariamente eles se desenvolvem se organizam ou sofrem influências dessas organizações a partir da lógica de trabalho e de capital, com forte uso da técnica moldada por intencionalidades que, em sua grande maioria, são descabidas de sensibilidades para/com os modos de apropriação e produção que são desenfreadamente gananciosos pelo lucro.

Continuando esse raciocínio, como o centro da sociedade atualmente é o dinheiro, ao invés do próprio homem, cada lugar apresenta aspectos indiferentes uns dos outros, a partir desse movimento e ou dessa organização espacial a partir de sedes de empresas multinacionais, transnacionais, pessoas (migrantes, imigrantes, emigrantes...) culturas, religiões, crenças, todos caminham por uma lógica, ou seja, globalmente tudo é técnico-científico-informacional, mas nem tudo é técnico-científico-informacional da mesma forma. Em outras palavras, “[...] qualquer que seja o acontecer é um produto do movimento da sociedade total.” (Santos, 2021, p.218).

Nessa lógica de objetos e ações, mais uma vez, observar somente o local não é suficiente para compreendê-lo, sendo necessário recorrer aos processos históricos e a totalidade para entender as particularidades de cada localidade no espaço-tempo. Entretanto, retomando os aspectos fenomenológicos, é de suma importância que o local seja analisado de forma bem significativa, já que ele possui singularidades, mas divergem em alguns momentos justamente pelas pessoas que fazem e ou moram em cada lugar.

O pesquisador por não conviver nesse ambiente raramente terá um conhecimento abrangente sobre as particularidades, costumes e conhecimentos específicos de cada lugar antes de realizar uma aula de campo e ou de maneira individual um trabalho de campo. Portanto, os aspectos/conhecimentos da sociedade local, tem um significado particular para cada homem, seja no passado, presente ou lapsos de memória, em outras palavras, o espaço mesmo sendo o mesmo, pode apresentar diferentes percepções para cada pessoa.

Firmando a importância de considerar este conhecimento, Zusman (2011, p.17) afirma que “ahora no se concibe a los saberes locales como un obstáculo en la producción del conocimiento académico sino, por el contrario, un aporte a su conformación”.

Na construção do conhecimento científico sobre a sociedade, para entendê-la, Santos (2021) denominou quatro categorias em sua compreensão, sendo: Forma, Função, Estrutura e Processos. Ainda de acordo com o autor, existência são as formas, o tempo os processos e as funções, as estruturas, estruturas sociais ou subestruturas.

Essas categorias vão ao encontro de analisar os lugares e suas diferenciações que, até então, caminham - por um lado - pelo grau de modernização e, por outro, pela forma como se combinam as diferentes modalidades de recursos.

Em uma análise geográfica, como já mencionado nesse trabalho, essas quatro categorias representam um caminho profícuo, por conseguinte, qualquer que seja o estudo que não leva em consideração todas essas e todas elas ao mesmo tempo, não poderá abraçar a realidade total (Santos, 2021).

O próximo item desse trabalho, 3.4, traz à tona práticas de trabalhos de campo como experiências demonstrativas, enfatizando trabalhos realizados por Moraes e Lima (2018), Sanches (2011) e Passetti et al (2018). A intenção com cada abordagem foi de demonstrar que os trabalhos de campo podem variar de acordo com os objetivos de cada docente e, daí que, necessitam de lugares e contextos específicos para alcançar tais propósitos.

3.4 PRÁTICAS DE TRABALHOS DE CAMPO/ AULAS DE CAMPO COMO EXPERIÊNCIAS DEMONSTRATIVAS.

Nos textos anteriores, contextualizamos como cada corrente e ou vertente de pensamento precisa justificar-se e ou busca fazer suas abordagens, no entanto, deixamos propositalmente para esse último item em relação aos já descritos, experiências/ abordagens de aulas de campo no contexto contemporâneo.

De início, dentro de uma sequência temporal dos textos, começemos com a realização de uma aula de campo com alunos de graduação e que, nessa, especificamente, Moraes e Lima (2018) apontam para uma experiência organizativa que pode se constituir como alternativa de realização dessa atividade didática considerando a necessidade de superação de dificuldades operacionais e pedagógicas já aqui indicadas. Propõem ou relatam a realização de aula de campo a partir de uma forma integrada e com a organização dos alunos em grupos de trabalho. A atividade foi realizada pelas autoras na cidade de Goiânia com o objetivo de investigar os componentes físicos naturais que compõem o referido espaço urbano.

Ainda no encaminhamento, antes da montagem dos grupos e da própria realização do campo, cada aluno ficou responsável em buscar mais duas bibliografias para trazer à sala de aula, isso além da obra principal selecionada para o estudo. Essa responsabilidade teve como intuito aumentar o rol de bibliografias, subsidiando a partir daí o aprofundamento e debate sobre trabalho/ aula de campo proposta.

Como os alunos que participariam desse trabalho de campo faziam parte de períodos diferentes de estudo, as autoras decidiram realizá-lo em um dia só (das 08h às 18h), pois muitos dos alunos tinham compromissos com seus trabalhos.

Na escolha dos lugares, cada grupo ficou responsável em selecionar aqueles que melhor representassem pontos específicos de fatores físicos-naturais de Goiânia. Isso foi debatido entre

todos e, a partir desse procedimento, foram selecionados os melhores lugares que apresentassem compartimentos geomorfológicos desse município.

Na então abordagem e realização dessa aula de campo, foram organizados (5) cinco grupos integrados por cerca de quatro alunos, sendo que, cada grupo possuía um tema diferente e daí que o intuito foi o de realizar cinco investigações à campo em um único trabalho de campo. Assim, para desenvolvimento da atividade, cada grupo ficou responsável pelo trajeto, pela metodologia e pela abordagem didática do conteúdo referente a cada uma das situações (Morais e Lima, 2018).

A abordagem retratada acima é uma oportunidade de ensinar, bem como, direcionar graduandos a realizarem seus próprios trabalhos de campo podendo ajustar seus tempos e condições de efetivação. Considerando a temática da atividade, as interpretações aí elaboradas estiveram relacionadas com a análise sistêmica.

Para aumentar essa reflexão ainda relacionada com o Geossistema, vejamos outro trabalho realizado nesse seguimento, agora nos estudos de Sanches (2011). Esse autor faz uma proposta metodológica (roteiro) a partir dos princípios sistêmicos propostos por Bertrand (2004). Isso em uma atividade realizada sobre a paisagem do Parque Nacional de Itatiaia na região da Serra da Mantiqueira próximo à divisa dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Na então abordagem, para fazer a leitura dessa paisagem, de início, julgou-se necessário que os alunos desenvolvessem um levantamento preliminar de informações geológicas, geomorfológicas, hídricas, climáticas cartográficas etc. Isso a respeito do Parque Nacional e o Posto Avançado de Agulhas Negras, subsidiando, preliminarmente, toda discussão realizada *in loco*.

Pensando nas etapas de realização de um trabalho de campo/aula de campo, que são divididas entre pré-campo, campo e pós-campo, a abordagem acima retrata a primeira etapa de realização deste, pois, envolve o planejamento, a mobilização dos alunos, bem como, as problematizações prévias que podem-se pensar/retratar na localidade definida como aparato de estudo.

Para a análise dessa paisagem Sanches (2011, p.7) deixa claro que:

A leitura da paisagem (uma das habilidades iniciais a serem desenvolvidas nessa atividade) deveria ser exercitada desde o início do roteiro do trabalho de campo até a sua finalização, quando então retornariam ao gabinete para a organização e sistematização de ideias, dados e registros, para elaboração do relatório final.

A partir daí, o aluno enquanto participante ativo em um trabalho de campo, poderia encontrar uma sequência de paisagens que se sucederiam de acordo com aspectos naturais e

antropogênicos presentes nessa realidade socioespacial de transição entre o espaço urbano e não urbano (Sanches, 2011).

Assim, essas mudanças nas manifestações da paisagem foram então observadas e aproveitadas na referida investigação, mesmo essa tendo como objetivo principal as características geológicas-geomorfológicas. Com isso o autor discute aspectos de outras abrangências temáticas incluídas no conhecimento geográfico. Pensando na interdisciplinaridade, professores(as) com áreas diferentes de atuação poderiam estar presentes nesse trabalho e, essa participação condensaria e, certamente, daria um aporte maior de informações e interpretações entre a Geografia Física e Humana, relacionando ainda com o conteúdo de outras disciplinas científicas.

Retomando a análise do Parque Nacional de Itatiaia elucidando agora os recursos que foram utilizados, esses, dividem-se entre o “[...] sensoriamento remoto e imagens de radar obtidas pelo projeto SRTM (*Shuttle radar topographic mapper*) tratadas em ambiente computacional (*software globalmapper*)” (Sanches, 2011, p.7). Foram a partir desses recursos que houve a possibilidade de observar acentuados contrastes topográficos decorrentes dos movimentos tectônicos que deram origem, especificamente, a essa formação regional, ou como diria o autor antes citado, *glabem ou fossa tectônica*.

Na continuidade desse trabalho de campo/aula de campo, os alunos e o professor subiram a escarpa da Mantiqueira entre os meses de junho e agosto. A intenção era de aproveitar a condição do tempo daquela época as quais são caracterizadas como estação de seca e temperaturas baixas. Mais uma vez o intuito era agregar na sensibilidade do aluno, fazendo jus “[...] a participação variável geossistêmica climatológica na formação dos solos rasos, na sua estreita relação com a fitogeografia local, sobretudo com o chamado “efeito montanha” na sucessão da vegetação” (Sanches, 2011, p.7).

Como mencionado no início dessa abordagem além da indicada no Parque Nacional, o Posto Avançado das Agulhas Negras também fez parte das análises sistêmicas da paisagem. Nessa jornada, o caminhar em trilhas alcançou por meio das observações as singularidades da paisagem, como também, complexas formações herbáceo-arbustivas e arbóreas de baixíssimo porte, tal qual, caracterizam o recobrimento vegetal do terreno.

Caminhando para o final desse procedimento, o autor deixa claro como escala de abordagem o nível geossistêmico proposto por Bertrand. A partir dessa, “[...] caberia o registro da participação dos principais componentes geossistêmicos envolvidas na dinâmica morfogenética estrutural e escultural da paisagem local” (Sanches, 2011, p.9).

Como análise da paisagem local abordada cabe destacar que:

A análise da paisagem local nas unidades Geossistêmica, Geofácia e Geótopo (escalas têmporo-espaciais) permitem discorrer sobre os processos de decomposição dos inúmeros blocos rochosos (matacões) e suas depressões turfosas alinhadas ao talvegue, cortado por saltos e barras (rupturas de declive), que dá a impressão de se tratar de um pequeno vale suspenso (Sanches, 2011, p.10).

Com observações e deduções o autor já citado, chega à conclusão que “[...] ao observar a face voltada para as terras mineiras, visualizam-se “circos” de fundo pantanoso onde se encontram as nascentes dos ribeirões locais, denotando existência de evidências de geleiras no quaternário, visto suas características topográficas” (Sanches, 2011, p.10).

Vale destacar que Sanches (2011) fez uma análise longa sobre o Parque e que, usamos apenas pontos de interesse para destacar e realçar como realizar uma aula de campo a partir da Teoria dos Sistemas ou Geossistema. Para encerrarmos essa abordagem e direcionarmos esse encaminhamento para um outro tipo de abordagem (fenomenológica, crítica) Sanches (2011, p. 13) na então importância das aulas de campo presentes na formação do geógrafo e do professor de geografia, no ensino, especifica que:

Processos intempéricos (físicos, químicos e biológicos), dinâmica morfoestrutural e morfoescultural, fenômenos atmosféricos, formações vegetais e relações biogeográficas e, sobretudo a abordagem dos problemas socioambientais são amplamente trabalhados além das paredes da sala de aula.

Portanto, por meio das aulas de campo pode-se vangloriar o professor e o geógrafo do que é expandir suas análises para além do que os olhos podem ver, podendo também prestigiar o movimento do que foi, é e pode ser e ou apresentar cada localidade, cada região, cada espaço.

A vista disso, agora em uma outra abordagem, continuamos com os estudos de Passetti *et al* (2018) onde, demasiadamente, os autores abordam o trabalho de campo e o estudo da paisagem arquitetônica no Rio Grande do Sul. No então procedimento, três trabalhos de campo foram realizados pelo curso de Geografia da Universidade Passo Fundo. Nesse caso a intenção principal era identificar *in loco* as múltiplas paisagens do Rio Grande do Sul, especificamente, de norte a sul nas cidades de Passo Fundo, Lajeado e Pelotas. Outras cidades estão presente no trabalho, todavia, nosso interesse permaneceu nas localidades supracitadas por retratarem mais evidentemente relações com as intenções dessa dissertação.

Tomando como exemplo os objetivos desses trabalhos que, se iniciam e perpassam desde resgatar o processo de ocupação desse estado, a compreensão da distribuição espacial de etnias, até a chegada na análise material dos diferentes grupos sociais da paisagem gaúcha. Passetti, *et al* (2018, p.4) para alcançar esse entendimento, enfatiza que “à medida que o homem ganha o espaço e o define como morada, seus traços culturais são deixados, e assim, um espaço dotado de significações passa a ser constituído.”

Para não perdemos a linha de raciocínio com os textos anteriores, paisagens culturais apresentam aspectos fenomenológicos de identidade, como também, sócio-históricos, daí que, no contexto espacial do Rio Grande do Sul, estudado por Passetti e outros (2018), á uma forte presença de imigrantes italianos em Passo Fundo. Essa compreensão foi condensada através dos trabalhos de campo/aulas de campo no então predomínio de registros fotográficos e observações dos enormes casarões construídos de madeira e pedras. Essa e outra característica interessante na cidade é a de que ela foi construída ao redor de paróquias e igrejas, algo comum em cidades que contém a ocupação de imigrantes italianos.

Contemplando ainda esse trabalho de campo, estendo-o agora para a cidade de Lajeado, nessa, especificamente, possui uma forte presença de alemães, não diferente dos italianos, sua presença é marcada pela arquitetura de suas casas. Com aspectos peculiares, Passetti *et al* (2018, p.12-13) elucida que:

As fachadas de diversos prédios e as casas denotam o enxaimel, estilo de construção onde a madeira é trabalhada e encaixada entre si. Outra característica pertinente a este estilo arquitetônico é a construção dos telhados, pela sua robustez e a sua grande inclinação. Tal peculiaridade evita o acúmulo de neve, sendo está uma característica da região de origem dos imigrantes alemães, que foi reproduzida no estado gaúcho.

Já na inserção dos franceses à cidade de Pelotas e suas construções a datar de sua chegada denotam muito luxo, mesmo que acerca de uma mera observação (sem considerar o tempo) desse espaço é possível constatar o poderio financeiro desses imigrantes. Esse aspecto arquitetônico é mais robusto nas áreas centrais de Pelotas, entretanto, seus arredores são cercados pela modernidade e, conseqüentemente, novas formas de vida e estruturas. O interessante nessa cidade são as rugosidades apresentadas no centro ao invés das extremidades.

Pensando nesse contexto migratório, fenomenológico é sócio-históricos, como analisar o cenário socioespacial do Rio Grande do Sul através das paisagens? Em resposta, nos trabalhos de campo realizados pelos autores previamente citados, o recurso fotográfico foi bastante utilizado, tal como, a própria observação da paisagem. Complementando esse processo empírico é o que Santos (2021, p.173) chamaria de “rugosidades,” essas, para o autor são “[...] o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço.”

Ainda de acordo com Santos (2021, p.173) o autor reforça que:

O espaço, portanto, é um testemunho; ele testemunha um *momento* de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto outras criam novas formas para se inserir dentro delas.

Examinando a citação anterior e as aulas de campo realizadas por Passetti *et al* (2018), nos faz pensar mais uma vez na funcionalidade do espaço (e intencionalidade do homem) o

mover-se da sociedade irrigado a partir da lógica de trabalho e de capital – comércio. Todas as cidades caminham por essa mesma rota que, para muitos (atores hegemônicos, donos do poder) é uma rota perfeita, mas, para outros, é uma luta constante pela sobrevivência. O pouco que refletimos sobre os imigrantes terem saído de seus países de origem já é suficiente, pois, certamente imigraram por uma razão, sendo a principal delas (na maioria das vezes) “a melhor qualidade de vida.”

Retomando o que já foi apresentado pelos textos anteriores sobre a importância do local e a luta por melhores condições de trabalho, infraestrutura, educação, saúde e tantos outros direitos humanos, como vimos, nos estudos do autor supracitado retratado em seu trabalho de campo/aula de campo aspectos arquitetônicos de cidades do Rio grande do Sul, embora muito relevante o uso da fotografia, a observação e levantamento de dados sobre o porquê das imigrações, Passetti *et al* (2018, p. 5) elucida que “a paisagem cultural um fragmento do espaço geográfico, pode-se dizer que a mesma, é a concretização de um processo sócio-histórico e que, portanto, a compressão apenas do que é visível e atual torna-se insuficiente”.

Em completo as palavras do autor acima, é necessário que o olhar o do professor de Geografia e do Geógrafo ir além do que os olhos podem ver, enxergar as mudanças do espaço não como forma aparente, mas pensar como e porque as coisas foram e são dessa maneira. Então, o trabalho de campo/aula de campo realizado, poderia incluir também questionamentos como: Por que tantos imigrantes no Rio grande do Sul? Vieram do país de origem e ou são fruto de outra imigração? Vieram em busca de que? Por que tão longe de seu país de origem? Por que no Rio grande do Sul e não em outro lugar? Tais questionamentos solidificariam ainda mais o contexto sócio-histórico descrito.

Levando em conta os questionamentos anteriores a par com o pensamento fenomenológico e crítico, a abordagem aqui apresentada juntas como corrente de pensamento da Geografia, para uma boa análise do espaço, nessas, além do levantamento de dados sobre tal localidade, mais a observação e a fotografia, e ainda utilizar outros aparatos que retratem a espacialidade, como a participação das pessoas que residem nesse espaço a partir do uso de técnicas, a exemplo, questionários/entrevistas que recolham dados relevantes sobre aquela realidade.

Com as técnicas de recolhimento de informações/dados e o olhar crítico do realizador da aula de campo é possível compreender o porquê os elementos representativos dessas paisagens e espaço geográfico, no geral, foram, são e estão em constantes mudanças de formas, funções e estruturas, uma abordagem indubitavelmente relevante ao cogitar a realização de um trabalho de campo/aula de campo.

4 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO, DOCENTES DA UEM E UNESPAR.

Nesta unidade, antes de começarmos as análises dos dados, cabe aqui realçar alguns pontos que facilitarão na leitura e interpretação de possíveis leitores acerca do que pesquisamos e obtemos de resultados. Vale lembrar que a hipótese do trabalho permeou, no geral, em avaliar como estão sendo realizadas essas práticas nas duas universidades estaduais do Paraná UEM campus de Maringá e UNESPAR campus de Paranavaí, bem como, desafios e contribuições ao contar com esse aparato. A partir dessa premissa e os resultados obtidos, a intenção foi propor sugestões que alcancem sempre números elevados de aprendizagem e participação.

Assim, na exposição dos dados e em questões principalmente de caráter aberto foram criadas categorias de análise a partir dos pressupostos analíticos de Bardin (2016). Através desse método, foi possível separar e organizar os dados brutos em dados mais precisos, de modo que, tudo que for e estiver associado a uma determinada categoria deve estar equivalente em seu contexto, na oportunidade foram constituídas as seguintes:

- “Realizações” das aulas de campo e suas etapas;
- “Limitações” ao propor realizar um trabalho de campo;
- “Distinções” entre Geografia Física e Humana;
- “Contribuições” na formação do licenciando e do bacharel em Geografia.

Definidas as categorias de análise, foi estipulado que o número significativo e aproximado de participantes seria de sessenta (60) pessoas, ou seja, esse número incluía uma amostra de todo corpo docente, como também, discentes do 2º ao 4º ano de Geografia Licenciatura e Bacharel. Mais uma vez esse número de participantes é apenas um número aproximado de alunos e professores que fazem parte desses câmpus, não tendo assim uma justificativa pessoal para ser sessenta (60) pessoas.

O número de respostas alcançadas foi o total de trinta e nove (39), sendo, quinze (15) professores e vinte e quatro (24) discentes. Os dados obtidos não seguem fins comparativos, mas sim, apenas tem a intenção de retratar como está sendo realizada essa prática nas universidades a depender de suas condições, dessa forma, os dados aqui demonstrados estão expostos de maneira integrada, descartando, como salientado, pontos comparativos.

Em relação as respostas obtidas, sua grande maioria está organizada de acordo com a sequência numérica das perguntas que foram direcionadas aos participantes por meio do questionário/formulário, as que não seguem tal ordem, estão deslocadas justamente para fazermos a reflexão com outras questões que julgamos necessárias. Em outras palavras, as

categorias elencadas separam os dados brutos e agrupam aqueles que tratam somente de determinado assunto.

Como justificativa na escolha dessa referência foi pensado que na exposição dos dados obtidos para que não haja e ou que os resultados não sejam limitados em números, mas sim, que a partir destes, exista um aprofundamento melhor e de qualidade nas interpretações e reflexões a respeito do objeto de pesquisa.

Já adentrando aos resultados, é importante ressaltar o consentimento dos participantes da pesquisa que foram devidamente esclarecidos antes mesmo de iniciarem suas participações, tendo, após o esclarecimento, a liberdade de assinalarem com SIM ou NÃO para cooperarem com o estudo.

Entre os participantes, docentes, todos que se submeteram participar da pesquisa consentiram. O convite foi enviado pela secretaria acadêmica e, vale destacar, mais uma vez, que os convidados tinham liberdade de participar ou não participar.

Nas palavras de Gil (1999, p. 89) “as pesquisas sociais abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade. Por essa razão, nas pesquisas sociais é muito frequente trabalhar com uma amostra, ou seja, com uma pequena parte dos elementos que compõem o universo”. Não sendo necessário a participação de todo corpo docente, apenas uma parte deste que consiga representar o contexto geral.

Como o número de respostas obtidas foi um total de trinta e nove (39), isso ultrapassou mais da metade o número preliminarmente elencado de participantes, por conseguinte, um número significativo e passível de realizar e validar essa pesquisa.

Para facilitar a interpretação/visualização das áreas de atuação de cada docente, foi realizado um agrupamento de cada de estudo, deixando assim, cada área representada, como mostra a tabela um (1).

Tabela 1: Classificação das áreas de atuação dos professores - nível mestrado.

| Área de atuação – Mestrado | Quantidade em cada área |
|---|-------------------------|
| Ensino de Geografia e educação. | 2 |
| Análise Regional e Urbana | 4 |
| Análise Ambiental e Conservação de Recursos Naturais. | 6 |
| Engenharia Urbana | 1 |
| Engenharia Cartográfica | 1 |
| Cartografia e Semiótica. | 1 |

Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Considerando essas diversidades estudantis e linkando com a realização de um trabalho de campo/aula de campo, como constado, têm tudo para serem pertinentes a partir da solidificação de todo esse conhecimento na realização de um (ou mais) trabalhos de campo/aulas de campo, de modo igual, como enfatiza o **docente C**, “acredito ser fundamental que os trabalhos de campo sejam mais interdisciplinares”.

Conforme tabela dois (2) segue a mesma linha de raciocínio da tabela um (1), agrupando cada área de atuação. Associando as áreas de atuações entre mestrado e doutorado foi constatado um acréscimo no eixo temático “Ensino de Geografia” e “Análise Ambiental”. Vale destacar que uma área de atuação X não é melhor nem pior que uma área Y, todas são importantes e cada professor atua naquilo que tem maior apreço.

Tabela 2: Classificação das áreas de atuação dos professores - nível doutorado.

| Área de atuação - Doutorado | Quantidade em cada área |
|---------------------------------|-------------------------|
| Análise regional e urbana | 3 |
| Epistemologia e Semiótica | 1 |
| Geografia da Saúde | 1 |
| Ensino de Geografia | 3 |
| Análise Ambiental e Geociências | 6 |

Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

É perceptível que tanto em nível de mestrado como no doutorado, as áreas que predominam são a análise ambiental/geociências e a análise regional/urbana, trazendo à tona a questão da força da interdisciplinaridade que poderia ser desenvolvida nos trabalhos de campo das instituições de forma muito efetiva.

Uma das questões reflexivas dessa dissertação vai ao encontro de pensar sobre esses campos de estudo/atuações, mais especificamente, se facilitam e ou dificultam os docentes a utilizarem o recurso aula de campo em suas disciplinas. A depender do campo e disciplina de estudo a abertura e ou oportunidade de realizar trabalhos de campo podem ser maiores, como exemplo, no geral, podemos citar o eixo temático “análise ambiental”.

Em contrapartida, essa abertura, como elucidada o **docente F** ao deparar-se com as questões: “Realizou trabalhos de campos? Por que realizou ou por que não realizou?” o mesmo especifica que: “quase não ministrei disciplinas que previam saídas de campo”, logo, como afirmamos anteriormente, essa prática varia de acordo com cada disciplina e, às vezes, área de atuação. Como dois eixos temáticos predominaram, acreditamos que sejam esses também que utilizam com maior vigor o campo.

É importante destacar que o “quesito” realizar ou não trabalho de campo abrangem muitos fatores, isto é, como constatado, diferentes condições e ou perspectivas para cada docente, o problema encontrado por um, pode não ser o mesmo para o outro, são turmas diferentes, contextos distintos em cada classe.

Na sequência, a tabela três (3), evidencia de forma quantificável o número de docentes que realizam, não realizam ou as vezes realizam trabalhos de campo/aulas de campo e, dentre essas alternativas, uma justificativa para cada uma.

Tabela 3: Realização das aulas de campo.

| Em suas atividades como docente, realiza trabalhos de campo? | Porcentagem % |
|--|---------------|
| Sim | 74,8 |
| Não | 8,4 |
| As vezes | 16,8 |

Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Como apurado, verifica-se um percentual positivo de realização de trabalhos de campo/aula de campo. Tal afirmação é positiva em função de que, como constatado nessa pesquisa, vários obstáculos são encontrados ao cogitar realizar esse tipo de aula, como o **docente E** enfatiza: “As principais limitações para trabalho de campo são financeiras e logísticas, dos alunos, dos professores e da universidade”. Essa resposta assim como os obstáculos variam entre os docentes, a vista disso, veremos todas com cautela mais adiante.

Os docentes que as vezes realizam trabalhos de campo deparam-se com dificuldades com transporte, disponibilidades dos alunos por conta dos trabalhos e, por, a depender de seus objetivos acadêmicos, trabalhos de campo com mais de um dia de duração e em dias que, conseqüentemente, abrangem dias de semana. Isso dificulta a participação dos acadêmicos.

A opção “não”, pouco foi assinalada, de fato um bom sinal, pois, mesmo com as dificuldades de realização os professores não deixam para “escanteio” essa prática tão importante na formação desses profissionais. O quadro um (1) abaixo retrata principalmente os motivos de cada docente executar (ou as vezes executar) trabalhos de campos.

Quadro 1: Respostas dos docentes a questão: "Por que realiza ou não realiza trabalhos de campo"?

| CATEGORIA | SUBCATEGORIA | QUANT | % | RESPOSTAS DOS DOCENTES IDENTIFICAÇÃO: A-B-C-D-E-F-G-H-I-J-K-N-O |
|--------------------------|--------------|-------|------|---|
| REALIZAÇÃO (POR QUÊ?) | Sim | 11 | 74,8 | <p>D.A: As realizo porque considero fundamentais para o processo de formação de professores de Geografia.</p> <p>D.B: Trabalhos de campo trazem grande contribuição para o aprendizado.</p> <p>D.C: Eu já realizei trabalho de campo com os alunos, contudo foi em outra instituição de ensino em que lecionei, na UNESPAR (Paranavaí), e o que motivou o trabalho foi que entendi que seria importante para os alunos frente aos conteúdos trabalhados. Então sempre que penso em realizar ou não um campo busco refletir sobre como o trabalho contribuirá para a formação dos alunos.</p> <p>D.D: Porque considero o trabalho de campo fundamental no aprendizado do conhecimento geográfico.</p> <p>D.E: Aplicação dos conceitos e estudos realizados em sala de aula. Experiência prática para o futuro Geógrafo e/ou professor de Geografia.</p> <p>D.F: Realizo trabalhos de campo em atividades/tarefas pontuais.</p> <p>D.G: Não há concretude da Geografia sem o trabalho de campo. Ele é extremamente necessário para o desenvolvimento científico e o conhecimento docente.</p> <p>D.H: Realizo, pois entendo que é um momento de materializar o conteúdo discutido em sala de aula.</p> <p>D.I: Realizei porque fiz a graduação em Geografia, na Universidade que mais fazia trabalho de campo no Brasil. O trabalho de campo era inerente às disciplinas.</p> <p>D.J: O trabalho de campo é fundamental para que os alunos complementem a teoria dada na sala de aula com a prática de campo.</p> |

| | | | | |
|--|----------|---|------|--|
| | | | | D.K: Para complementar o conteúdo da disciplina ao processo prático de aprendizagem na leitura da paisagem. |
| | Não | 1 | 8,4 | D.N: Dificuldades com o custo, tempo, já que a maioria dos alunos são trabalhadores e estudam a noite. |
| | Às vezes | 2 | 16,8 | D.B: Nos últimos anos tem sido mais difícil devido à falta de recursos na Universidade. Mas também é verdade que graduandos as vezes tem recursos limitados que dificultam. Inclusive a opção quanto a docentes também pode ser verdadeira, pois nem sempre a instituição libera recursos para os docentes. D.O: As aulas de campo, até foram programadas durante o ano letivo, mas a baixa procura por parte dos alunos, fizeram os projetos não se concretizarem. A adesão dos alunos (acadêmicos) para as aulas de campo tem sido baixa, principalmente pelo fato deles residirem em outros municípios diferente da IES, por trabalharem em serviços com uma carga horária mais rígida com pouca flexibilidade. Além dos recursos financeiros, que também acabam por serem um obstáculo nessa caminhada acadêmica. |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Nota-se no quadro acima o empenho dos docentes em incluir a prática dos trabalhos de campo em suas disciplinas, em tempo, esboçam justificativas para adesão ou não adesão desses em suas aulas. Presencia-se, de forma geral, experiências que optam por esses trabalhos, como o **docente F** “em tarefas mais pontuais” que são estreitamente selecionadas para ampliar os horizontes dos alunos sobre o espaço geográfico, ou, como os **docentes N, F e O** que, ao planejarem incluir os trabalhos de campo, muitos empecilhos são encontrados, o que faz com que esses docentes não concretizem essa prática em suas matérias.

Vale ressaltar que a UEM e a UNESPAR são instituições que contém em seus cursos de Geografia o período noturno. Está opção de período certamente contém uma viabilidade maior para os alunos que, como é de caráter comum aos que estudam nesse horário, exercerem trabalhos/funções remunerados durante o dia. A baixa procura por trabalhos de campo expostas por alguns dos docentes certamente está correlacionada, em partes, a esses estudantes que, em sua grande maioria, viajam todos os dias para os campus.

A tabela quatro (4) retrata as condições encontradas ao pensar realizar uma aula de campo. Vale acentuar que a questão permitia assinalar somente uma alternativa, essa seletividade fez com que os docentes concentrassem, em maior peso, suas afirmações entre os graduandos.

Tabela 4: Limitações financeiras e ou materiais dos docentes, discentes e universidade.

| Em seus trabalhos de campo já realizados, observou alguma limitação (financeira e ou materiais)? | Porcentagem % |
|--|---------------|
| Sim, dos graduandos | 92,4 |
| Sim, de nós docentes | SEM RESPOSTA |
| Sim, da universidade | 7,6 |
| Não realizei trabalhos de campo | SEM RESPOSTA |

Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Em sequência, no espaço deixando aos docentes para direcionarem comentários específicos a questão que aborda as condições encontradas ao propor e ou realizar um trabalho de campo, os professores deixam nítido, no quadro dois (2), logo abaixo, que as limitações não são apenas só da universidade ou só dos graduandos, mesmo a tabela quatro (4) mostrando o percentual dessas duas opções.

Quadro 2: Respostas dos docentes a questão: Algum comentário específico sobre a questão - Em seus trabalhos de campo já realizados encontrou alguma limitação financeira e ou material?

| CATEGORIA | SUBCATEGORIA | RESPOSTAS DOS DOCENTES IDENTIFICAÇÃO: A-B-C-D-G-I-J-L-M |
|------------|--------------|--|
| LIMITAÇÕES | GRADUANDOS | D.A: As limitações para a realização dos trabalhos de campo não são apenas da instituição, mas também dos alunos. |
| | | D.C: No que tange aos alunos verifiquei nas experiências que tive que embora os mesmos desejem realizar o trabalho o fator financeiro sempre é o maior limitante. |
| | | D.G: Observo que alguns alunos não têm condições financeiras para algumas atividades de campo. |
| | DOCENTES | D.D: Todas essas limitações - no caso especificamente para o trabalho campo - ao longo da minha vida na docência, já foram enfrentadas. |
| | UNIVERSIDADE | D.A: A Universidade dispõe de veículos para a realização dos trabalhos de campo, mas nem sempre estão disponíveis para os dias e horários que planejamos. |
| | | D.B: Sobre a Universidade liberar transportes: existe a possibilidade, mas tem sido cada vez mais difícil conseguir pela indisponibilidade de veículos e de motoristas, além dos recursos de diárias também restritos para os motoristas. |
| | | D.C: Na UEM não realizei trabalhos de campo que necessitassem de transporte, mas sei que há a disponibilidade de ônibus, embora com alguma limitação. |
| | | D.I: Da universidade pagar o ônibus e quando não pagar os alunos ratearem entre eles. |
| | | D.J: Entendo que a disponibilização de veículo e motorista é recurso financeiro despendido pela universidade. |
| | | D.L: Já aconteceu em anos anteriores que a universidade não disponibilizou o ônibus para os trabalhos de campo, nesse momento os alunos tiveram que buscar uma empresa particular para realizar o trabalho de campo (aula de campo). |

| | | |
|--|--|--|
| | | D.M: Tive situações em que a Universidade cortou a verba de diárias para as viagens e em outro caso, não houve a disponibilidade de ônibus, por falta de manutenção dos mesmos. |
|--|--|--|

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

As limitações são bem marcantes na vida de alguns discentes, influenciando na participação ou não dos campos, fica evidente a questão financeira, até a questão da falta de transporte.

Na oportunidade de realização de trabalhos de campo, a depender da ocasião, o transporte é oferecido pela universidade, como manifesta a tabela cinco (5), todavia, possui uma demanda elevada, visto que, o mesmo veículo é oferecido a toda instituição, no caso a UEM, para fazer uso deste, agendamentos precisam ser levados em consideração ao pensar contar com esse transporte.

No geral, nas duas universidades, alunos e professores acabam por providenciar serviços privados, isso facilita a marcar uma data acessível para todos, mas, acaba esbarrando em outros quesitos financeiros.

Tabela 5: Disponibilidade de veículo para realização das aulas de campo.

| O transporte é disponibilizado pela universidade? | Porcentagem % |
|---|---------------|
| Sim | 61,5 |
| Não | 15,4 |
| Alunos e professores precisam pagar algum valor | 30,8 |

Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Às vezes, alunos que possuem maiores dificuldades são contemplados com a mobilização dos docentes junto a universidade na busca e ou oportunidade de agregarem todos em um único trabalho. Isso evita atividade terceiras que, de certa forma, não possuem o mesmo efeito (aprendizagem) de um trabalho de campo, apenas cumprem com o quesito “fechar a nota” do aluno.

Nas experiências do **docente J** a falta de recursos era resolvida assim: “Paguei muita participação de alunos nos trabalhos de campo que realizava com o dinheiro das diárias que recebia como docente. A falta de condições dos alunos era resolvida assim”.

Fica perceptível a empatia dos professores em relação aos alunos carentes e o interesse em fazer a aula de campo, a tabela seis (6) evidencia que as universidades, por vezes, pouco contribuem com a realização dessa prática tão importante na complementação do processo de ensino aprendizagem.

Tabela 6: Ajuda da universidade com custos dos trabalhos de campo.

| A universidade disponibiliza algum valor financeiro para realização dos trabalhos de campo? | Porcentagem % |
|---|---------------|
| Sim | 38,4 |
| Não | 30,8 |
| As vezes | 30,8 |

Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Nítidamente nota-se que professores e alunos pouco recebem suporte das universidades na realização dos trabalhos de campo. Isso dificulta a realização dessa prática se pensado que o perfil dos alunos dos períodos noturnos é de acadêmicos trabalhadores, trabalham durante o dia e estudam a noite. Os mesmos, certamente possuem despesas elevadas a exemplo: O pagamento do próprio transporte a universidade, aluguéis e outras contas que se fazem necessárias.

Em relação ao curso de Geografia da UNESPAR, em sua grade, poderia aparecer (ao menos) um item na disciplina de “prática curricular” sobre trabalhos de campo, como possibilidade, ser ofertado na segunda metade do curso, onde os alunos já estarão com os sentidos críticos mais aguçados. A partir desse item, a intenção é ensinar os alunos a realizarem seus próprios trabalhos de campo, assim o graduando pode se questionar na organização de uma futura prática, qual o melhor local/lugar no campo para ensinar determinado conteúdo? O que é necessário solicitar aos alunos para levar nessa prática (prancheta, caderno, água, protetor solar)? O que ensinar e de que forma ensinar? Por que aqui e não em outro lugar do espaço geográfico? Certamente seria interessante cada aluno apresentar sua proposta de aula de campo e, talvez, se bem planejado, realizá-los no próprio campus tendo como enfoque alunos mediadores de tal prática.

Já na quarta e última etapa do questionário dos docentes, essa, tinha por intuito questões mais voltadas as aplicações das aulas de campo. Entre relacionar os estudos bibliográficos e o campo e seguir as etapas e ou procedimentos para sua realização, todos os docentes de ambas as universidades seguem à risca esses ‘momentos’ em suas aulas. Para nos fundamentarmos dessas etapas, alguns dos docentes retrataram algumas particularidades de cada aula de campo. O quadro três (3) apresenta as que foram obtidas.

Quadro 3: Algum comentário específico sobre as etapas de realização das aulas de campo, bem como, as relações entre os estudos bibliográficos e o campo?

| CATEGORIA | RESPOSTAS DOS DOCENTES IDENTIFICAÇÃO: A, B, E, H, I, J, K |
|----------------------|--|
| ETAPAS DE REALIZAÇÃO | <p>D.A: É fundamental relacionar a teoria aos trabalhos de campo. O campo deve ser guiado por uma determinada teoria. Gosto de dizer aos meus alunos que o campo é uma atividade prática e teórica ao mesmo tempo. Evitar a separação da teoria e a prática é fundamental.</p> |
| | <p>D.B: Os trabalhos teórico-práticos da disciplina são voltados a mesma problematização que será vista de modo detalhado no trabalho de campo.</p> |
| | <p>D.E: As atividades de campo, bem como os procedimentos variam conforme o objetivo; se for para aula ou pesquisa.</p> |
| | <p>D.H: Primeiramente eu trabalho o conteúdo em sala, e, após o campo, ou até mesmo logo no final, faço uma discussão e análise com atividade. Em sala, no retorno, faço mais debates e sinalizo o visto em campo. Por este motivo, não gosto de deixar o campo para o final das aulas. Gosto de ter algumas aulas posteriores para elucidar conteúdos com aspectos já observados em campo.</p> |
| | <p>D.I: Entendo o trabalho de campo com uma atividade que é construída preliminarmente em sala de aula e que posteriormente é também utilizada para refinar o conhecimento adquirido previamente com discussões em sala de aula. Outro ponto, entendo também é necessário e oportuno utilizar o trabalho de campo para que os alunos sejam ativos, ou seja, com atividades práticas.</p> |
| | <p>D.J: Na linguagem utilizada na Geografia realizo a etapa de gabinete e a etapa de campo. E não acredito nesses campos feitos em poucos dias que promete devolver resultados para prefeituras. Só se ele fosse interdisciplinar, o que não é.</p> |
| | <p>D.K: Antes do trabalho de campo os alunos recebem orientações em sala de aula do que irão fazer, como proceder, recebem ainda um material didático para a elaboração do estudo de campo que faz parte de uma avaliação da disciplina.</p> |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

O quadro quatro (4) demonstra a importância da valorização do planejamento das atividades que possam relacionar teoria e prática, rompendo tal dicotomia. Na oportunidade, o **docente A** menciona não separar teoria e prática, pois no campo também tem teoria, como na sala de aula também tem prática. Essa ideia de que a prática só é realizada quando se sai da sala de aula precisa ser evidenciada maiormente. Em complemento, o **docente B** centraliza os mesmos questionamentos das salas de aula nas aulas de campo. Essa condição permite ao aluno ampliar seu horizonte através da sua observação e olhar crítico do geógrafo e do professor de geografia.

Nas palavras do **docente E**, vale aqui destacar que, como já evidenciamos no item três (3) uma aula de campo realizada pelo pesquisador e uma aula com alunos detém diversidades, em outras palavras, uma aula de campo com alunos da graduação dispõe de finalidades pedagógicas, já o campo individual produzido apenas pelo pesquisador não. Nas falas dos **docentes H e I**, notamos que esses, em suas aulas de campo, sinalizam para metodologias que façam os alunos serem agentes ativos de seu conhecimento.

O **docente J** centraliza um ponto importante, especificamente na realização do campo em poucos dias. Só de pensarmos que ciência exige paciência esse campo com pouca duração acaba-se conflitando. Todavia, existem contextos diferentes, a depender da análise de cada campo a duração precisa realmente ser maior, principalmente, quando envolvem agentes particulares. Outros contextos a depender da finalidade/objetivo da aula de campo, no caso mais voltada para fins pedagógicos, acreditamos que haja possibilidade de ser realizado em menos dias, todavia, mais uma vez, isso depende dos objetivos de cada professor, para/com os trabalhos de campo/aulas de campo.

Nas experiências do **docente K** fica nítido as etapas das aulas de campo, pré-campo, campo e pós-campo, onde partem de orientações iniciais do que e como proceder a partir de estudos bibliográficos, após, o campo em si, momento de fazer a práxis e, por fim a atividade final, nas quais ocorrem divergências ‘no avaliar’ entre alunos que estiveram presentes nos campos e os que não estiveram.

Completando todo esse contexto reflexivo, ressalva-se destacar as contribuições que as aulas de campo podem trazer na formação do geógrafo e do professor de geografia. Sabe-se que esse recurso pode agregar e, contemos, cientificamente muitas informações sobre isso, todavia, consideramos pertinente abrir e ou deixar um espaço aos professores evidenciarem suas experiências/contribuições a respeito disso. O quadro quatro (4) apresenta esses incentivos.

Quadro 4: Respostas dos docentes a pergunta: Pensando na importância das atividades de campo, qual contribuição tal recurso pode agregar nas formações dos graduandos?

| CATEGORIA | RESPOSTAS DOS DOCENTES IDENTIFICAÇÃO: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O |
|----------------------------------|---|
| CONTRIBUIÇÕES DAS AULAS DE CAMPO | D.A: A realização dos trabalhos de campo, bem como dos estudos de meio e, mesmo das aulas de campo, são importantes porque estamos diante de uma atividade que compõe os modos de se produzir novos conhecimentos no campo da geografia. Realizá-los, desde uma perspectiva didática, é uma habilidade importante a ser desenvolvida pelos licenciandos, futuros professores, para oportunamente, realizá-los com proficiência como seus alunos. |
| | D.B: Dependendo da atividade pode trazer a dimensão da prática além de sempre trazer a realidade para a análise de modo efetivo. |
| | D.C: As atividades de campo são fundamentais para a clarificação dos aportes teóricos e aplicação dos mesmos, por possibilitar que os alunos vivenciem na prática o que foi debatido. |
| | D.D: Toda a contribuição possível. O trabalho de campo só oferece vantagens no processo do aprendizado geográfico. |
| | D.E: O principal aprendizado diz respeito ao ensinamento de obtenção de informações primárias, aquelas feitas a partir de uma metodologia, objetivos, hipóteses, etc. Que levam ao reconhecimento de uma realidade empírica dos fatos. |
| | D.F: Depende do graduando, do professor, da disciplina e do propósito da atividade. Acredito que, de maneira geral, o campo pode provocar uma interação mais rica com a teoria e auxiliar no desenvolvimento da práxis. O campo também pode ser um catalisador para o aluno construir um sentido ao conteúdo teórico apreendido. |
| | D.G: Bacharel (experiência prática; atribuições do profissional Geógrafo no mercado de trabalho; estudos geográficos) - Licenciatura (experiência prática e relação com o ensino, etc). |
| | D.H: Nenhum vídeo, nenhuma explicação e nenhum artigo consegue disponibilizar o conteúdo da realidade. Viver algo, de perto, ver e sentir a paisagem, é sempre melhor do que ler sobre ela. |
| | D.I: Observação e análise do conteúdo teórico. |
| | D.J: Essa pergunta é resultado da compreensão que se tem atualmente do campo na Geografia, de resgate, de reconhecimento, de agregação. Fala-se muito na importância do trabalho de campo, mas efetivamente pouco se faz. Aprendi quando fiz a graduação que |

| | |
|--|--|
| | <p>o trabalho de campo é inerente à Geografia. Quem não faz campo é meio geógrafo ou professor de Geografia. Para ter uma ideia, nós tínhamos um trabalho de campo grande, indo a lugar mais distantes e por mais dias, e dois ou três campos regionais de final de semana, no semestre. O transporte para trabalho de campo na UEL, sempre foi terceirizado e sempre funcionou e funciona até hoje. A UEM tem um ônibus que é dividido pela universidade inteira. É uma briga para fechar a agenda.</p> |
| | <p>D.K: Acredita-se que os alunos consigam assimilar de forma mais rápida e concreta como o espaço geográfico se organiza e funciona.</p> |
| | <p>D.L: Na leitura e apreensão do espaço geográfico.</p> |
| | <p>D.M: Principalmente na aplicação, no "saber fazer e utilizar".</p> |
| | <p>D.N: Acredito que as atividades de campo buscam romper a dicotomia entre a teoria e a prática, essas saídas permitem articular os textos, lidos, sistematizados e discutidos com o mundo real.</p> |
| | <p>D.O: Em todos os projetos elaborados durante o ano letivo de 2022, havia um planejamento, onde a prática do campo iria se complementar com as aulas teóricas, estabelecendo assim um paralelo importante entre a teoria e a prática, contribuindo para a formação do profissional.</p> |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

No que se refere as contribuições do campo, fica marcante a preocupação dos docentes em romper com a dicotomia entre a teoria e a prática, auxiliando no desenvolvimento da práxis, em busca de formar um profissional que consiga dar mais sentido aos conteúdos teóricos.

Deste modo, são muitas as contribuições que as aulas de campo podem agregar na formação desses profissionais. Nas palavras do **docente H**, “nenhum vídeo, nenhuma explicação e nenhum artigo consegue disponibilizar o conteúdo da realidade. Viver algo, de perto, ver e sentir a paisagem, é sempre melhor do que ler sobre ela.”

Vale evidenciar que aula de campo como recurso didático é uma possibilidade dos discentes, como mencionado, compreender o espaço geográfico, é importante, mas não é o salvador da pátria.

Mesmo com essas contribuições, ainda permanecem algumas (re)mediações sobre esse recurso como: “o custo, o tempo, a disponibilidade de alunos e professores e a dicotomia apresentada entre Geografia Física e Geografia Humana”, parte-se da cogitação de que ambas deveriam suceder de forma separada.

Essa divisão não deveria acontecer/existir, mas existe, pois, certamente é prejudicial a ciência geográfica, somente pensando que a base do espaço geográfico é a primeira natureza e que, a partir desta, suas relações físicas, químicas, biológicas, e ainda, de políticas, ideologias, produção, comércio, estão diretamente interligadas.

Pensando na elaboração das aulas de campo, foi perguntado aos professores se enxergavam diferenças na realização dessas aulas quando os conteúdos estão mais voltados a Geografia Física ou Geografia Humana. O quadro cinco (5) apresenta essas respostas.

Quadro 5: Respostas dos docentes a questão: Você identifica diferenças quando o trabalho de campo envolve conteúdos relacionados com a natureza (Geografia Física) ou conteúdos relacionados com a sociedade (Geografia Humana)? Quais?

| CATEGORIA | RESPOSTAS DOS DOCENTES IDENTIFICAÇÃO: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P |
|------------|---|
| DISTINÇÕES | D.A: Na medida do possível é fundamental que os conteúdos desses "dois campos" da Geografia sejam trabalhados em unidade. Assim, do meu ponto de vista, embora os objetivos possam variar ou com essa variação a escolha do lugar a ser investigado a unidade deve ser buscada. |
| | D.B: Sim, as áreas trazem peculiaridades. Seria bom trabalhar de modo mais articulado e complementar, mas a própria compartimentação em áreas e disciplinas nos leva a traçar roteiros mais específicos. Já realizamos campos mais articulados, mas foram poucos. |
| | D.C: Há diferença nos procedimentos de coleta de dados, mas quanto a importância do campo dada pelos alunos não vejo diferença. |
| | D.D: Entendo que na medida do possível, o campo deve analisar a totalidade da Geografia. Todavia, o professor tem autonomia, para englobar apenas aspectos físicos ou humanos no seu trabalho de campo a depender do objetivo dele. |
| | D.E: Sim! A resposta anterior explica esse questionamento. Os conteúdos ministrados e tratados no âmbito da Geografia, remetem ao campo. Este é onde o homem cria a civilização, altera as paisagens, controla ou destrói o ambiente natural e o transforma em recursos para seu progresso em determinado momento histórico e ideológico. O campo é a essência da Geografia, ao contrário da Matemática, Física ou Química..., cujos conteúdos podem ser meramente experimentais e teóricos. |
| | D.F: Sim, principalmente nos procedimentos que devem ser empregados para a realização da atividade (por exemplo: abrir uma trincheira e fazer um ensaio hidrológico x entrevistar um grupo de pessoas envolve habilidades distintas, mas complementares). |
| | D.G: A temática é sim diferente. A muitas vezes, a metodologia também! Porém, vejo que ambos são estudos de cunho Geográfico, de atribuições do profissional de Geografia. O que sempre falo é que: "Acima de tudo, desta dualidade que há dentro da Geografia - o que espera de um profissional GEÓGRAFO (a depender da análise) é a integração do meio físico e social. |
| | D.H: Não. Inclusive sempre tento correlacionar e mostrar o quanto as duas estão lado a lado. |
| | D.I: Sim e busco sempre a interação entre estes conteúdos. |
| | D.J: O campo não deveria fazer essa diferença, pois justamente o trabalho de campo serve para relacionar natureza/sociedade. Mas a preocupação da Geografia atualmente não é com a natureza, mas com a sociedade/sociedade; a questão é ambiental e substituiu a natureza. |

| | |
|--|---|
| | <p>Essa dicotomia acirrada a partir da década de 1980, foi promovida pela Geografia Crítica. Foi no contexto dela que se acirrou a história do aluno ou professor expressar isso: "eu prefiro a Geografia Humana" ou "eu prefiro a Geografia Física". A Geografia perdeu com essa divisão. Aliás, os geógrafos e professores de Geografia tem o péssimo hábito de achar que a Geografia não tem proposta para nada; daí vão "dialogar" com as áreas afins e trazem as práticas deles, que pouco contribui para a Geografia, e pouco contribui para suas análises.</p> |
| | <p>D.K: Não vejo, acho que a Geografia Física e Humana se complementam, nos meus trabalhos de campo sempre procuro levar um colega da área da Geografia Humana.</p> |
| | <p>D.L: Não identifico.</p> |
| | <p>D.M: Não, até por minha formação, costumo realizar abordagens integradas.</p> |
| | <p>D.O: O ideal é articular ambos, partindo do pressuposto de que o objeto de estudo da Geografia é a natureza transformada pelo homem.</p> |
| | <p>D.P: Acredito que essa segmentação seja um pouco prejudicial à ciência geográfica, por isso a aula de campo, deve ser um elo para fortalecer a relação natureza e sociedade, e os acadêmicos devem sair da prática compreendendo ainda mais essa relação de interdependência.</p> |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

No geral, as falas vão ao encontro de mostrar que o campo é, ou pode ser, um grande articulador entre a Geografia Física e Humana, em falas que declaram a busca por interação dos conteúdos, integração do meio físico e social.

Essa dicotomia apresentada pela Geografia ainda permanece nos dias de hoje e é nitidamente expressada nas falas dos docentes que a articulação entre ambas sempre deve existir. Uma separação desses “dois campos” foi e é prejudicial a ciência geográfica. Evitar separação, deve ser o foco de cada aluno e professor. Como observado pelo **docente J**, dizer “eu prefiro Geografia humana” ou “eu prefiro Geografia Física, só trivializa mais a Geografia.

Então, é necessário partir do princípio que o homem enquanto ser social articula o espaço geográfico de acordo com suas necessidades e interesses, fazendo com que esse espaço sempre esteja propício a incontáveis e inconstantes mudanças, como elucida o **docente E** “os conteúdos ministrados e tratados no âmbito da Geografia, remetem ao campo. Este é onde o homem cria a civilização, altera as paisagens, controla ou destrói o ambiente natural e o transforma em recursos para seu progresso em determinado momento histórico e ideológico”.

Nesse contexto, Geografia Física e Geografia Humana trabalhadas de formas separadas não alcança e ou se tornam passíveis de análises parciais e não abrangentes da totalidade socioespacial. Uma análise integrada, bem como, totalizante precisa ser empregada ao realizar aulas de campo. Percebe-se que “a diferenças nos procedimentos de coletas de dados” como realça o **docente C** e ou o tipo de abordagem, todavia, no final, como sublinha o **docente K** “mesmo existindo essa dicotomia, ambas acabam por se completar”, ou seja, integralmente tudo é Geografia.

O próximo item vai ao encontro da análise do questionário dos discentes tendo por foco alcançar o segundo objetivo dessa dissertação, que trata, especificamente, das práticas das aulas de campo desenvolvidas na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) e ou no Ensino Superior (e as condições de participação dos alunos), bem como, possíveis contribuições na formação dos graduandos atuais.

5 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO, DISCENTES DA UEM E UNESPAR.

Este item tem por objetivo avaliar as práticas das aulas de campo desenvolvidas na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) e Ensino Superior, retratando, especificamente, as condições de participação dos alunos em serem ou não alunos trabalhadores, bem como, ao enxergar dos alunados, como esse recurso didático pode contribuir em sua formação.

Novamente, vale especificar que alguns dos alunos ou turmas que participaram da pesquisa vivenciaram a pandemia de COVID-19 em 2020-2021, isso pode ter alterado alguns dados que, em uma outra pesquisa, que não tenha resquícios de uma pandemia, poderia demonstrar de outra forma e ou dados diferentes dos que aqui foram levantados.

Assim como os dados coletados a partir do questionário dos docentes, esse, dos discentes, segue também os pressupostos analíticos de Bardin (2016), sendo agrupados em três (3) categorias semânticas, as quais foram constituídas da seguinte maneira:

- Aulas de campo em diferentes períodos, educação básica e ensino superior;
- Finanças, custo, moradia e participação;
- Discentes trabalhadores.

Sucedendo essas categorias organizativas, começamos com a realização das aulas de campo efetuadas ou não por graduandos durante a Educação Básica. A tabela sete (7), aborda o percentual sobre o acontecer dessas aulas. A resposta sim ou não pode oscilar por muitos fatores, desde burocracias encontradas pelos docentes ao remeterem-se utilizar esse recurso, até vaguidades encontradas em sua formação.

Tabela 7: Realização das aulas de campo durante o Ensino Fundamental.

| Realizou trabalhos de campo durante o Ensino Fundamental? | Porcentagem % |
|---|---------------|
| Sim | 45,2 |
| Não | 43 |
| Não lembro | 11,8 |

Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Sabe-se que o ensino na escola segue a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e que o processo de ensino aprendizagem ocorre em interação com a equipe diretiva de toda a escola. Ou seja, uma parceria entre professor e pedagogo diariamente/semanalmente precisa acontecer.

E assim, analisarem juntos como está o aprendizado do aluno, bem como, suas dificuldades durante as aulas e, a partir daí, planejarem possibilidades e recursos didáticos metodológicos para um bom processo de ensino-aprendizagem.

Nesse entendimento, para fins reflexivos, as aulas de campo são um desses recursos metodológicos e ativos que as escolas atualmente seguem ou ao menos buscam seguir como base. Particularmente, essa inserção curricular “ativa” é realmente importante, mas então, por que na universidade os graduandos não são suficientemente habilitados para realizarem suas próprias aulas de campo? Essa prática deve ser apenas espelho dos campos realizados (como participante e, não como agente ativo) durante a graduação? Como fazer algo que não os ensinaram a fazer?

Essa condição, como já especificado, pode variar por muitos fatores, mesmo a base curricular sendo a mesma. Cada escola pode apresentar contextos diferentes que permitam ou não as realizações dessas aulas e isso, certamente, acaba impactando no desenrolar de práticas metodológicas ativas e divergentes das “tradicionais”.

Sabe-se que no contexto escolar uma das dificuldades encontradas pelos docentes é chamar a atenção dos alunados. Dessa forma, cada professor busca engajar suas aulas com metodologias, técnicas e recursos atrativos para despertar o interesse dos estudantes.

Na intenção de chamar a atenção dos alunos, a tabela oito (8), retrata como os professores denominam as saídas para a fora da escola, em maior peso, a denominação “passeio” sobressai. Essa denominação não quer dizer que o educador irá realmente suceder dessa maneira, pelo contrário, ele usa esse codinome para chamar, mais uma vez, a atenção dos alunos.

Tabela 8: Denominação das saídas para fora da escola.

| Como os professores(as) chamavam as saídas para atividades em ambientes fora da escola? | Porcentagem % |
|---|---------------|
| Trabalhos de campo | SEM RESPOSTA |
| Aula de campo | 13,0 |
| Estudo do meio | SEM RESPOSTA |
| Visita orientada | 8 |
| Passeio | 66,0 |
| Não foram realizados trabalhos de campo | 13,0 |

Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Na tabela (9), as aulas de campo realizadas no Ensino Médio, com alunos da graduação permaneceram com 48,4% para realização e não realização. Sabe-se que umas das virtudes da Geografia é poder fazer uso dessa prática independente da seriação, seja no Ensino Fundamental ou Médio, estudar o espaço geográfico abre o leque para uma imensidão de possibilidades e isso, como analisado, a depender do contexto e condições são aproveitados. No mais, os professores fazem o que é possível com os recursos que se tem e são disponibilizados para sua docência nas escolas.

Tabela 9: Realização das aulas de campo durante o Ensino Médio.

| Realizou trabalhos de campo durante o Ensino Médio? | Porcentagem % |
|---|---------------|
| Sim | 48,4 |
| Não | 48,4 |
| Não lembro | 3,2 |

Fonte: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Na tabela dez (10) chegamos as aulas de campo realizadas no Ensino Superior, os resultados indicados na tabela sintonizam com a disposição dos professores em sempre ou quando sempre/podem fazer uso das aulas de campo em suas disciplinas. Como foi transcrito, através das falas dos próprios docentes, esse artifício contém muitos fatores assertivos na formação do Geógrafo e do professor de Geografia, por isso, a tabela abaixo consta um percentual propício a execução dessa prática de ensino.

Tabela 10: Realização das aulas de campo na graduação.

| Na Graduação, quantos trabalhos de campo você realizou? | Porcentagem % |
|---|---------------|
| 1 a 3 | 41,4 |
| 3 a 6 | 27,6 |
| 6 ou mais | 23,0 |
| Nenhum | 8 |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Ressalva-se que mesmo a opção “nenhum” estando presente, ainda assim, o percentual é aceitável, visto que, pode ter sido assinalada por graduandos que ingressaram nesta universidade recentemente. Como a aula de campo faz parte da grade curricular de Geografia,

esses 8% não se formarão sem estarem por uma ou várias vezes em campo atribuindo conhecimento.

De caráter comum quando se é aprovado em uma universidade alguns alunos optam por transferir-se à cidade sede do campus de estudo (para repúblicas por exemplo). Essa condição facilita seu deslocamento simplificando, também, sua inserção no mundo acadêmico ao ver e se ter contato com outros acadêmicos diariamente. Avaliando as condições de participação desses alunos em/nas aulas de campo, morando ou não em repúblicas, manter uma moradia requer gastos.

Assiste-se na tabela onze (11) que 52,7% dos graduandos ajudam nas despesas de seus domicílios e essa quantidade é quase metade dos graduandos que participaram da pesquisa. Sabe-se que a grande maioria das aulas de campo tem, por muitas vezes, custos elevados. Para os campos que requerem maior poder financeiro, um levantamento pelo docente que está à frente das funções organizativas desse momento precisa ser pensado, organizando, se possível, um campo mais próximo que não exija tantos recursos dos alunos. Ir a campo com 21,5% destes é inviável.

Tabela 11: Ajuda dos graduandos em suas moradias.

| Você ajuda nas despesas da moradia em que reside? | Porcentagem % |
|---|---------------|
| Sim | 52,7 |
| Não | 21,5 |
| Parcialmente | 17,2 |
| Moro sozinho(a) pago todas as contas | 8,6 |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Nota-se que o perfil dos alunos é de trabalhadores, apenas 21,5% tem sua renda livre para seus afazeres, o restante, possuem outras obrigações que, por hora, deixar sua principal ou uma das principais fontes de renda para participar de aulas de campo pode ser prejudicial, em geral, para sua própria sobrevivência.

Na mesma percepção das tabelas anteriores, quando perguntado aos graduandos se ajudam ou não com os gastos de sua moradia, a tabela doze (12) é reflexo dessas respostas, quando demonstra que metade dos pais e ou responsáveis ajudam em suas moradias e, a outra metade, não.

Tabela 12: Ajuda dos pais ou responsáveis as moradias em que residem os graduandos.

| Seus pais ou responsáveis legais mantém a moradia em que você reside? | Porcentagem % |
|---|---------------|
| Sim | 47,36 |
| Não | 47,36 |
| Parcialmente | 5,28 |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Mesmo o gasto habitacional das moradias que residem os graduandos sendo mantida por parte significativa dos pais e ou responsáveis, ainda assim, muitos destes, optam e ou necessitam ajudar seus responsáveis. Assim, a baixa procura e ou participação em aulas de campo, certamente, descende dessa e outras circunstâncias.

Entende-se que essa participação, nas universidades, por vezes, não é tanto pelo dinheiro, mas sim, pela própria disponibilidade em questão de tempo e liberação dos trabalhos desses alunos, já que a maior parte exerce funções remuneradas e, além disso, deslocar-se de suas cidades até o ponto de partida da ou das aulas de campo pode ser outro problema, pois, parcela significativa não reside na cidade sede dos campus.

O quadro seis (6) representa os cargos/funções exercidas por cada graduando da UEM e UNESPAR. Trabalhos com carteira assinada e estágios permaneceram com os maiores índices.

Quadro 6: Cargos e funções remuneradas exercidas pelos discentes da UEM e UNESPAR.

| CARGOS FUNÇÕES | DISCENTES – UEM (%) |
|---------------------|-------------------------|
| Trabalho registrado | 41,2 |
| Estágio | 35,3 |
| Bolsista | 11,8 |
| Não tenho renda | 11,8 |
| | |
| CARGOS FUNÇÕES | DISCENTES – UNESPAR (%) |
| Trabalho registrado | 50 |
| Estágio | 33,3 |
| Trabalho informal | 16,7 |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Trabalho registrado tem maiores benefícios financeiros que estagiários e ou bolsistas, todavia, para conseguir liberação e participar de aulas de campo na UEM ou UNESPAR é árdua. Com esses trabalhos, os alunos apresentam mais condições financeiras, mas, dispõe de menos

tempo livre. Alunos estagiários tem mais tempo, entretanto, podem não terem recursos suficientes para participar desse modelo de aula. Como demonstra o quadro sete (7).

Quadro 7: Respostas dos discentes a questão: Na oportunidade de realização de uma aula de campo você consegue liberação do serviço?

| DISCENTES UEM | PORCENTAGEM (%) |
|--|-----------------|
| Sim | 13,3 |
| Talvez | 40 |
| Somente se comunicado a empresa com dias de antecedência | 40 |
| A empresa não libera para fins acadêmicos | 6,7 |
| | |
| DISCENTES UNESPAR | PORCENTAGEM (%) |
| Sim | 50 |
| Talvez | 25 |
| Somente se comunicado a empresa com dias de antecedência | 25 |
| A empresa não libera para fins acadêmicos | 0 |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Para os alunos que não participam, normalmente aplica-se uma atividade/trabalho que tenha relação com a temática do campo. Todavia, essa atividade, como já mencionado, não tem o mesmo “peso” que uma aula de campo. Como alternativa a depender da temática em estudo propõe-se que os alunos (seguidos por um roteiro detalhadamente pensado pelo docente) realizem suas próprias aulas de campo nos dias em que tiverem maiores disponibilidades.

A intenção é que os alunos consigam seguir o roteiro e respondam as questões expostas pelo docente, caso surjam dúvidas ao longo do trabalho o interessante é levá-las a sala de aula para compartilhar com a turma e, lá, sanarem todas essas dúvidas.

Vale destacar que essa “aula” não necessariamente precisa ser realizada de forma individual, mas, para aqueles alunos que residem próximos e tem maiores afinidades para realizarem trabalhos juntos podem-se sim, elaborá-lo de forma integrada. Veremos no item seis (6) desse trabalho o que os docentes pensam sobre essa alternativa roteirizada.

Nem todas as disciplinas terão espaços para realizarem essa abordagem, justamente porque precisam de enfoques mais específicos. O espaço geográfico permite muitas e muitos tipos análises, assim, cada disciplina no curso de Geografia possuem lá suas aberturas para

efetuarem ou não aulas de campo, cabe ao professor discernir se esse modelo de aula será adequado ou não em sua disciplina.

Outra questão é o emprego da tecnologia cada vez mais presente tanto na Educação Básica como no Ensino Superior. O Google Earth, por exemplo, possui um modelo tridimensional do globo terrestre construído a partir de imagens de satélites. Com ele, docentes podem direcionar os alunos a realizarem uma aula de campo virtual, pois é possível observar os lugares e suas fronteiras, estradas, corpos d'água dentre outras oportunidades, a depender da temática escolhida para se trabalhar com essa ferramenta.

Já que, como demonstra a tabela treze (13) 56,55% dos graduandos já deixaram de participar de aulas de campo por motivos financeiros. Sabe-se que o planejar faz parte de todo o acontecer do trabalho docente, assim, antes de agendar uma aula de campo, mais uma vez, precisa-se pensar nessa condição.

Tabela 13: Participação ou não participação dos alunos em aulas de campo por motivos financeiros.

| Já deixou de participar de aulas de campo na graduação por motivos financeiros? | Porcentagem % |
|---|---------------|
| Sim | 56,55 |
| Não | 39,15 |
| Realmente não tive oportunidade de ir | 4,3 |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2024.

Propõe-se aplicar um questionário a classe com questões do tipo: Como está sua condição financeira? Pensando na realização de uma de campo a ser realizada no dia tal, você conseguiria participar? Além da questão financeira o que mais pode impedir você de estar presente nesse trabalho?

O docente, pós aplicação do questionário, sabendo das condições dos alunos, a depender da disponibilidade de transporte e trabalhos dos discentes, pode organizar/pensar em marcar aulas de campo mais voltadas para o início do mês, uma vez que é nesse período/intervalo que a maioria dos participantes receberam sua remuneração. Além disso, marcar aulas de campo com bastante dias de antecedência para os alunos se organizarem da melhor maneira possível. Algumas dessas proposições podem aumentar a participação dos discentes.

Continuando a análise, assim como os docentes especificaram como as aulas de campo podem contribuir na formação do Geógrafo e do professor de Geografia, os discentes também tiveram a oportunidade de especificar, ao seu enxergar, como esse recurso pode agregar em seus estudos. O quadro oito (8) especifica essas contribuições.

Quadro 8: Contribuições das aulas de campo na formação do Geógrafo e do professor de Geografia | discentes da UEM e UNESPAR.

| DISCENTES UEM | DISCENTES UNESPAR |
|---|--|
| <p>D.A: Os trabalhos de campo são de suma importância para absorção da teoria conseguimos ver na prática o que é ensinado em sala, acho essencial e contribui muitíssimo para o enriquecimento do conhecimento dos acadêmicos.</p> | <p>D.A: Num docente mais próximo da prática.</p> |
| <p>D.B: Vivências práticas materializadas.</p> | <p>D.B: É a melhor forma de adquirir mais conhecimento, isso ajuda a ter mais desenvolvimento no conhecimento.</p> |
| <p>D.C: Assimilar conteúdos vistos na teoria, e colocar em prática (sentir, tocar, ver, observar).</p> | <p>D.C: Experiências vividas por mim e, a oportunidade de, como professor, aplicar tais conhecimentos práticos aos meus alunos.</p> |
| <p>D.D: Mostrar uma realidade na qual as vezes vivemos e presenciamos, mas não damos conta por não ter a perspectiva eficaz ou orientada e as aulas de campo permite enxergarmos para além da "casca grossa" das primeiras impressões.</p> | <p>D.D: Assim como no estágio obrigatório que analisamos e ministramos aulas para assim termos experiência e vivência quando formos adentrar em sala de aula. Um trabalho de campo deve servir para vermos os conteúdos teóricos na prática. Deste modo, teríamos uma melhor aprendizagem e preparação para atuação pós-término na graduação.</p> |
| <p>D.E: Realmente a diferença entre aprender e fazer é feita pelo trabalho de campo, a única forma de saber se você é um bom aprendiz é executando o que aprendeu.</p> | <p>D.E: A experiência de poder observar melhor o ambiente.</p> |
| <p>D.F: Pode nos mostrar a realidade de práticas que só são estudadas teoricamente.</p> | <p>D.F: Fazem a total diferença na formação, a aprendizagem é maior, já que, com esses trabalhos, nós conseguimos sair da teoria e participamos da prática, fazendo com que haja riqueza em desenvolver os conhecimentos.</p> |

| | |
|---|--|
| D.G: Principalmente na questão de compreender melhor os fenômenos e ter novas experiências. | |
| D.H: Além do teórico, a prática serve para melhor absorção de conteúdo. | |
| D.I: Aumenta o conhecimento. | |
| D.J: Entendimento para melhorar absorção de conteúdo. | |
| D.K: É a oportunidade de aplicar em campo aquilo visto/estudado em sala em aula. | |
| D.L: Aprimoram e expandem o conhecimento e agregam experiências. | |
| D.M: Nas experiências e práticas que envolvem o campo. | |
| D.N: Com eles podemos ver o que estudamos na prática. | |
| D.O: No momento não tenho uma resposta definida. | |
| D.P: Na prática tudo é mais fácil de se compreender. | |
| D.Q: Podem contribuir porque permitem que eu entenda como se deu a teoria, como ela é construída, como ela é aplicada, sobre as dificuldades e conclusões sobre a realidade, permitindo que, no futuro, ao deparar-me com situações semelhantes, possa identificá-las e, também saber como agir para identificá-las. | |

FONTE: Giacomini, Fabiano de Jesus, 2023.

Assim como os docentes, os acadêmicos também demonstraram o quanto acham importante o campo, para vivenciar, executar o que aprenderam, poder observar melhor o meio, aumentando o conhecimento, em suma, fazer a ligação da teoria e prática.

De maneira geral, cada discente escreveu/retratou conforme suas experiências. Aqui daremos ênfase apenas em algumas dessas falas reflexivamente, pois sabemos que já existe um entendimento do que é e como contribui os trabalhos de campo/ aulas de campo na graduação do Geógrafo e do professor de Geografia.

Assim, foi satisfatoriamente retratado durante as falas dos graduandos da UEM e UNESPAR que o campo contribui significativamente em suas profissionalizações. Como destaca um dos participantes da UEM:

Podem contribuir porque permitem que eu entenda como se deu a teoria, como ela é construída, como ela é aplicada, sobre as dificuldades e conclusões sobre a realidade, permitindo que, no futuro, ao deparar-me com situações semelhantes, possa identificá-las e saber como agir para identificá-las (Discente Q).

Nota-se que a fala desse discente é bem completa, certamente entrelaça-se a fala do **discente E** da UNESPAR, onde este aponta que o campo contribui na “[...] experiência de poder observar melhor o ambiente” já que de forma virtual alguns pontos podem se tornar limitados, assim como, de forma física alguns pontos também podem estar sujeitos a difíceis acessos e ou visualizações. Todavia, de maneira geral, o campo é um recurso metodológico que dificilmente não trará conhecimentos significativos aos alunados.

Nas falas dos **discentes D e F** da UNESPAR fica nítido que os alunos possuem linhas de raciocínios semelhantes, o primeiro mencionado diz que “um trabalho de campo deve servir para vermos os conteúdos teóricos na prática”, e o segundo que “com esses trabalhos, nós conseguimos sair da teoria e participamos da prática, fazendo com que haja riqueza em desenvolver os conhecimentos”. Nas falas dos **discentes A e C** da UEM esse entendimento é igual, o primeiro diz que “os trabalhos de campo são de suma importância para absorção da teoria, conseguimos ver na prática o que é ensinado em sala” e o segundo que, com o campo é possível “assimilar conteúdos vistos na teoria, e colocar em prática (sentir, tocar, ver, observar)”.

Chamamos a atenção para precaver-se sobre esse entendimento, visto que, na sala de aula também existe a prática, assim como no campo também existe a teoria. A ideia de que no campo só se vê a prática e ou que na sala de aula só é vista a teoria precisa ser revista. Uma parte introdutória do campo pode ser aplicada em sala de aula, a outra, será abordada no próprio campo.

Como indicado ao longo da pesquisa, especificamente, pós aplicação dos questionários, surgiu a necessidade de serem realizadas algumas entrevistas para fechar os questionamentos desse trabalho. Dessa forma, o próximo item tem o compromisso de inferir sobre essas entrevistas respostas que não foram alcançadas durante a aplicação do primeiro aparato.

6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS, DOCENTES DA UEM E UNESPAR.

O penúltimo item desse trabalho tem por objetivo refletir sobre e propor sugestões para a realização de aulas de campo que possam ser mais compatíveis com as condições materiais e de logísticas e, que possam contribuir positivamente no ensino-aprendizagem dos graduandos.

Novamente, para complementar algumas lacunas encontradas pós aplicação dos questionários aos discentes e docentes, foi necessário entrevistarmos alguns dos professores que participaram e se disponibilizaram a serem entrevistados(as), sendo esses, dois (2) de cada Universidade. Nesta etapa, assim como na análise dos questionários, foi seguido o método de análise de Bardin (2016), sendo agrupadas três (3) categorias semânticas constituídas da seguinte forma:

- “Compensação” para os alunos que não participam dos trabalhos de campo;
- “Alternativas de participação”, o lugar como foco de análise;
- “Possibilidades de aplicação” das tecnologias digitais da informação e roteirização.

A partir daqui seguimos com as repostas dos docentes para cada questão. Vale lembrar que essas estão anexadas nesse trabalho e que, veremos todas essas a seguir de forma ordenada, ou seja, a disposição dessas segue o ordenamento das entrevistas, sendo primeiro os **docentes** da UEM, **A** e **B** e, após os da UNESPAR, **A** e **B** identicamente.

Como viemos tratando/trabalhando ao longo dessa pesquisa as dificuldades de participação dos alunos por motivos diversos ao cogitar realizar um trabalho de campo/ aula de campo, houve a necessidade de complementar esse entendimento, perguntando aos participantes como suceder significativamente com discentes que não estão presentes nesses campos.

Dessa forma, quando perguntado aos docentes da UEM se existem saídas/atividades significativas para os alunos que não participam e se essas possuem o mesmo peso, os **docentes A** e **B** responderam da seguinte maneira, primeiramente o **A**:

Trabalhos de campo complementam abordagens indiretas que fazemos do espaço geográfico, no trabalho de campo em si fazemos uma abordagem direta desse espaço. Então, no meu ponto de vista, quando isso acontece de um ou mais alunos não conseguirem participar ele vai ficar com uma lacuna, normalmente, fazemos uma atividade/pesquisa com a mesma temática que seja possível fazer uma abordagem indireta desse espaço, a ideia aqui do direto e indireto é isso, uma abordagem direta é quando você está *in loco* que é o próprio de um trabalho de campo e, o indireto, por meio de descrições daquele lugar, de fotografias/imagens de alguma forma disponível, embora possa haver uma “compensação” é sempre alguma coisa que não atinge o objetivo principal que é o aluno ter a experiência de abordar aquele espaço diretamente *in loco*.

Como descrito pelo **docente A**, embora algumas atividades sejam direcionadas a esses alunos que não estão presentes no campo, essas - por sua vez - não atingem o objetivo principal, ou seja, o aluno ter contato direto com o campo. Então, para esses alunados, caso não participem das atividades *in loco* acarretará, lamentavelmente, em uma lacuna na sua formação.

Semelhante a fala do **docente A**, o **docente B** retrata uma outra tentativa de amenizar a não participação nos trabalhos de campos / aulas de campo, especificando que:

Depende da situação, do que colocar no lugar, eu já fiz o seguinte: quando fomos visitar museus, algumas coisas assim, fazíamos um roteiro virtual, tipo uma visita virtual, a algumas instituições, fazia um roteiro assim para quem não foi, o que ele poderia fazer, é uma alternativa, claro, nunca será a mesma coisa, embora muitas vezes alguém que visite um acervo virtual, por exemplo, de um museu, acaba encontrando coisas bem interessantes também, já tivemos essa experiência, assim como instituições, fazíamos um roteiro direcionado o que poderia encontrar em sites das instituições. De mais interessante que eu me lembre foi isso, elaborar um roteiro virtual daquilo que estaria disponível dentro da internet para a pessoa “compensar”. Outra forma que eu já usei, foi fazer observações, por exemplo, quando fomos visitar outra cidade para tratar algumas temáticas, lembrando que Maringá também pode ser observada em alguns aspectos, então um roteiro pra Maringá. Isso acho que foram as melhores saídas. Passar trabalhos genéricos, coisas assim, não acho que compense muito.

Nas novas e cada vez mais presentes tecnologias digitais da informação, o **docente B** propôs aos alunos atividades/roteiros virtuais em acervos de museus e instituições, alegando que nesse processo são encontradas representações significativas da realidade. Outra condição importante exposta por esse, foi a utilização da 'observação'. Nas correntes de pensamento Geografia Tradicional e Geografia Cultural e ou Crítica a observação sempre esteve presente, mesmo cada corrente dispendo de seu método a observação sobressaiu.

Nesse entendimento, o educador manifesta a observação e, mais uma vez, a roteirização para compensar a não participação dos alunos em campo. Vale destacar que essa proposta depende do que está sendo trabalhado na disciplina, isto é, á lugares que permitam essa apreciação, por exemplo, na própria cidade de Maringá é possível fazer muitas análises, tal como, visitar/observar os templos religiosos.

Embora a cidade possua aspectos interessantes, ainda existem algumas limitações, quer dizer, não é possível analisar todos as condições que permitam ser estudadas pela ciência geográfica na cidade de Maringá ou Paranaíba. Daí a necessidade do deslocamento dos professores para outros lugares, tudo a depender dos objetivos de cada trabalho de campo/ aula de campo. Apesar das tentativas o professor deixou claro que mesmo havendo outras maneiras de amenizar essa ausência, a aprendizagem ou a experiência nunca será a mesma, no sentido de o aluno estar presente no campo.

Nas experiências do **docente A** da UNESPAR, quando questionado sobre o que e como fazer com alunos que não participam dos trabalhos de campo/ aulas de campo e, como fica o peso dessas atividades para esses alunos, na oportunidade, respondeu o seguinte:

Não penso nessa questão de peso, penso que nós lidamos com alunos do noroeste do estado que possuem/tem pessoas muito carentes e que realmente não tem dinheiro para ir nos trabalhos de campo se tiver que pagar. Tem gente que não pode deixar o trabalho de jeito nenhum, é uma questão de sobrevivência, então, eu procuro sempre, no caso e na medida do possível, quando não pode ir dar/passar um trabalho, sem levar em conta a questão de peso. Não tem como mensurar esse tipo de coisa, porque vou estar excluindo meu aluno, se fosse um curso diurno poderia pressionar de outro modo, mas ali não tem como. Quando o aluno chega para você e diz que não pode ir ao campo por vários motivos é passado uma atividade e, mais uma vez, o peso é o mesmo para todos se vale 10 para os outros, vai valer 10 para esse aluno também. É obvio que ele não vai ter o mesmo ganho em termos de conteúdo, mas também não posso prejudicá-lo porque ele está trabalhando, está mantendo a família, o trabalho e ou de repente não tem dinheiro para estar desviando para essa atividade.

Para os alunos que não participam dos trabalhos de campo/ aulas de campo, o docente passa/emite uma atividade para repor essa nota - na qual - nitidamente, não aplica distinções entre pesos de notas, ou melhor, mantem-se igual para todos. Quanto a participação dos alunos, aponta que ocorrem por motivos financeiros, onde, esses discentes não deixarão suas funções remuneradas para participar dessas atividades. O estudante pode até querer estar presente, mas, essa condição relatada pelo docente culmina nesse não comparecimento. Na mesma linha de raciocínio, o **docente B** da UNESPAR minucia que:

Geralmente, caso seja em uma unidade de conservação, o aluno poderá realizar uma pesquisa direcionada utilizando o plano de manejo do local. Caso seja em um outro ambiente o direcionamento será baseado em outras informações que estejam no meio científico e que serviram de base para a elaboração do roteiro da aula de campo. Mesmo que a orientação esteja a mais redonda possível, ainda não é o ideal para o processo de ensino aprendizagem, pois a relação dos indivíduos com o meio, são elementos importante no processo de formação acadêmica/profissional. Creio que essa alternativa de pesquisa teórica bibliográfica com roteiro direcionado seja a melhor possibilidade para suprir a ausência da atividade de campo.

Tendo em vista o local de realização dos trabalhos de campo/ aulas de campo o **docente B** menciona as unidades de conservação a par com o plano de manejo local, esse, de acordo com a lei N° 9.985, de 18 de julho de 2000, cap. I, art. 2, inc. XVII:

"[...] É um documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade (BRASIL, 2000).

Assim, o aluno contendo esse documento pode observar/analisar normas, regras e tentativas sociais de manter uma harmonia entre o homem e o meio ambiente. Lúcido dessas

informações, como futuro profissional Geógrafo ou professor de Geografia pode atuar nesses segmentos, com potencial para realizar alterações/atualizações em planos de manejo existentes, bem como, fazer parte da equipe diretiva que elabora esses documentos.

Por outro lado, como menciona o professor, caso esse campo seja em um outro ambiente, o alunado, seguido de um roteiro teórico bibliográfico, será condicionado a fazer um levantamento sobre, no geral, as características desse ambiente. Mesmo essa sendo uma alternativa, o docente deixa explicitado que isso não é o ideal para o processo de ensino-aprendizagem, valoriza, assim como os outros docentes, o contato direto com o campo.

Vimos até aqui como "compensar" os alunos que não conseguem participar dos trabalhos de campo/ aulas de campo. Agora, em um outro contexto, precisamente no retorno dos questionários dos discentes, notamos que alguns destes alegaram que os campos, por vezes, ocorrem em muitos dias (3 dias seguidos por exemplo), em dias de semana e em lugares muitos distantes. A partir desse breve contexto, perguntamos aos professores se um campo próximo a universidade não supriria a demanda da ou das disciplinas e, ainda, complementando, é necessário ir mesmo tão longe, ter campo com mais tempo de duração? O **docente A** da UEM afirmou o seguinte:

Cada trabalho de campo tem o seu objetivo, por exemplo, se você quer trabalhar a questão da metrópole, nós fizemos, eu e a professora (colega parceira da atividade), um estudo do meio em São Paulo, aproximadamente em 2017-2018, então veja, o objetivo era conhecer a metrópole, então se é uma metrópole tinha que ser uma grande cidade, ou seja, não dá para conhecer a metrópole aqui em Maringá. Enfim, depende muito dos objetivos do que se deseja, as vezes, um professor quer trabalhar em Geografia da população uma colônia alemã, uma colônia de italianos, então, se elas não estão aqui, não tem jeito porque alguns campos são muito específicos, mas no meu ponto de vista, um trabalho de campo significativo pode ser feito tanto na quadra da universidade, no bairro da universidade, quanto num lugar mais distante, tudo é o que o professor pretende, "os objetivos" que se tem para fazer um trabalho de campo. Mas o estudo do lugar não pode ser descartado, a significância independe do lugar visitado/escolhido para ser estudado. Como mencionei no início, alguns objetivos exigem que o trabalho de campo seja em lugares distantes como esse mencionado anteriormente.

Como descrito, tudo depende dos objetivos para/com os trabalhos de campo/ aulas de campo. A depender da temática é possível que um campo significativo seja realizado nas proximidades do campus. A qualidade do campo não está diretamente ligada na distância a ser percorrida para efetivá-lo, mas sim - mais uma vez - em seus objetivos. Na imensidão de possibilidades de estudo que existem no espaço geográfico, por vezes, é necessário deslocar-se para regiões distantes, observar condições que não existam aqui, no caso, na região noroeste do Paraná.

Quando os objetivos do campo exigem deslocamentos maiores, mais dias de disponibilidade e mais recursos financeiros, sugerimos que esses campos sejam comunicados

aos alunos com vários dias de antecedência antes de sua efetivação, além disso, alertar o docente para agendá-lo em feriados prolongados e, se possível, início do mês.

Como grande parte dos alunados exercem funções remuneradas (trabalho formal e ou estágios) pode ser, dependendo do ramo de atuação do seu trabalho, que sua liberação para participar dessas atividades em feriados seja menos descomplicada.

Em relação ao início do mês, é cotidianamente comum entre os assalariados receberem suas remunerações no quinto (5º) dia útil, parte-se da ideia de que os alunos nesse intervalo utilizariam uma parcela de seus salários para estarem presentes nessas atividades. Não estando assim, no desenrolar do mês, sujeitos/tentados as investidas capitalistas a gastarem com itens/coisas banais. Esse cenário pode, de alguma forma, facilitar sua participação nos trabalhos de campo/ aulas de campo.

Nas palavras do **docente B** da UEM, quando perguntado se os campos mais próximos a universidade e, também, se é realmente necessário ir mesmo tão longe, campos com mais tempo de duração, respondeu assim:

Bom, tudo depende com o que você estará trabalhando, no meu caso, a gente já fez muito, inclusive aqui no entorno da universidade, para observar, por exemplo, a arborização, esse já fiz mais que uma vez, dependendo do ano você dá determinadas ênfases, teve um período que eu trabalhei com uma paisagista, aluna do mestrado, ela veio fazer estágio de docência na minha disciplina aí, nesse ano, já tinha até me definido pra uma ênfase em questões ambientais dentro da Geografia urbana porque acho que é importante trabalhar com essas ênfases, justamente pra você fazer as atividades de campo que, dá para fazer dentro de algumas coisas mais conceituais fixas dentro da disciplina, mas eu gosto muito de uma parte mais flexível que é a parte que eu dou de temas de trabalhos que tem que estar articulado com o trabalho de campo. Então eu trabalho um pouco com essas ênfases assim. E aí, nesse ano, a gente fez, saímos daqui do campus fomos até na Paranaguá, da Paranaguá até nos blocos, descobrindo que não tinha nenhuma árvore. Outro tema que já trabalhei também, que é possível fazer próximo, é a questão das vias para pedestre, as calçadas, então assim, eu acho que uma coisa não substitui a outra, porque pro aluno de Geografia é importante ampliar os horizontes também geográficos, ou seja, é importante conhecer outras cidades, então assim, muitas vezes as pessoas tem oportunidade de viajar, mas tem muitos que não tem e, queira ou não, por mais que tenha o custo da estadia, da alimentação, mas você tem o transporte que, acho que pra muita gente é uma forma de facilitar mesmo. Então é possível fazer campo em Maringá? É, a gente faz, mas também é importante ter essa experiência de conhecer outros espaços, eu penso mais as cidades, mas assim, outros espaços pelo Paraná que seja. Uma das coisas quando você fez o questionário era pensando na variabilidade financeira de uns tempos pra cá, estava sendo muito difícil conseguir na universidade por conta da disponibilidade dos motoristas, por questões relacionadas a horas extras e também dos ônibus. Então a gente pensa e repensa antes de fazer porque é uma luta na garagem para conseguir isso. Mas assim, principalmente na disciplina da pós que é mais voltada para as cidades menores, fazemos "bate e volta", vamos pela manhã e voltamos a tarde, a única despesa é a alimentação, as vezes levamos lanches, fazemos piquenique, escolhemos os lugares mais baratos, então acho que aí é perfeitamente viável.

Como indicado pelo **docente B**, tudo depende com o que você está trabalhando, se o lugar próximo permite a efetivação de um trabalho de campo não é necessário deslocar-se para

lugares mais distantes, nota-se que essa fala vai ao encontro das argumentações do **docente A**. Mesmo o docente trabalhado com localidades próximas menciona que para o aluno é importante ampliar os horizontes e, assim, para alcançar essa ampliação não a outra saída/maneira a não ser buscar lugares afastados.

Seguindo ainda o mesmo questionamento direcionado aos **docentes A e B** da UEM, o **docente A** da UNESPAR respondeu da seguinte maneira:

Procuro sempre facilitar, faço campo pra Maringá porque assim, tem coisas que você vai conseguir ver muito bem aqui próximo, por exemplo, levei os alunos pra Maringá eles conseguem ver toda uma dinâmica espacial ali, eles conseguem ver o processo de conurbação que eu poderia levar, por exemplo, para São Paulo, né? Mas não tem dinheiro/recurso, então fazemos o que é possível. Agora, tem situações que a gente consegue levar um pouco mais longe, por exemplo, levei alunos para Foz do Iguaçu que é uma cidade que vive do turismo, tem coisas lá que você não vai conseguir visualizar perto Paranavaí por exemplo. Então acho que isso aqui é muito relativo, são dinâmicas diferentes e, as vezes, dependendo da disciplina que eu preciso vai ser suprido ali mesmo, próximo aqui da cidade de Paranavaí e vai facilitar, o menino vai aprender sem ter que perder dia de serviço, sem ter que desprender de muito dinheiro para poder fazer esse trabalho de campo, agora tem situações que não tem como, agora ai você faz o trabalho mais longe mesmo como é o caso de Foz do Iguaçu, porque ai eu não tenho nenhuma cidade com aquela dinâmica, porque assim, é uma cidade que tem algumas singularidades, é uma cidade de fronteira, é uma cidade que tem um vínculo muito grande com os países vizinhos, é uma cidade que exala o turismo e ai, ela tem vários pontos ali que eu posso levar o meu aluno e ele pode conseguir assimilar um monte de coisas que lá na sala de aula não vai acontecer. Então eu acho que tem situações e situações, penso desse modo.

Percebe-se as similaridades nas falas dos docentes de ambas as universidades, o **docente A** da UNESPAR explora também as possibilidades de trabalhos de campo/ aulas de campo na cidade de Maringá, menciona que o que é visto ali pode ser também visto em outro lugar, cita o exemplo de observar a conurbação na cidade de São Paulo que acontece, em uma escala diferente, também entre Maringá, Paiçandu e Sarandi, por exemplo. Então, ver as mesmas coisas, mas em lugares mais longes não é viável, precisa-se aproveitar o máximo de possibilidades possíveis no local/lugar, pois, como este especifica, as dificuldades com recursos, principalmente financeiros, dificultam tal realização.

Ainda de acordo com o docente existem situações e situações. Há realidades que conseguimos ver aqui próximas, outras não, no exemplo citado pelo mesmo, a dinamicidade da cidade de Maringá não é a mesma de Foz do Iguaçu, são situações diferentes. Foz do Iguaçu, por ser uma cidade de fronteira, de viver do turismo e ter um vínculo muito grande com países vizinhos, estas condições só podem ser enxergadas unicamente nesta cidade, logo, faz-se necessário um campo para/nesse lugar.

Já nas argumentações do **docente B** da UNESPAR, quando indagado sobre a realização de campos mais próximos, para suprir a demanda da ou das disciplinas e a necessidade de deslocar-se para lugares mais longes para efetuar essas atividades, o próprio, afirmou que:

Não necessariamente, afinal cada caso é um caso, tudo depende da disciplina, bem como, o seu objeto de estudo, o campo é uma opção complementar, cabendo ao docente analisar as diversas situações que ocorra durante o planejamento de suas aulas. Muitas vezes o campo mais próximo a universidade facilitaria a adesão, devido ao tempo e custo da atividade para os discentes.

O primeiro ponto citado pelo docente é a questão das disciplinas, vimos que a depender dessa, sua grade curricular pode ou não permitir a efetivação de trabalhos de campo/ aulas de campo. Como retratado nas inferências dos questionários, as áreas de atuação dos docentes são maiores em análise ambiental, por conseguinte, acredita-se que seja essa a que mais conte com esse recurso. Outra questão é a aplicação desses campos nas proximidades do campus, da cidade e ou na própria cidade de Maringá ou Paranavaí, como já indicado, facilitaria a participação desses alunos, retomando a fala do docente, cada caso é um caso.

Contemplamos até aqui como os professores compensam os alunos que não estão presentes nos campos, bem como, as alternativas de participação desses através dos lugares a serem realizadas essas atividades. Observamos que campos mais próximos ajudam os discentes a estarem presentes, conseguindo assim, encaixarem melhor em suas rotinas campos que tenham menos tempo de duração, que se iniciem pela manhã e terminem a tarde. Todavia, verificamos também que a depender dos objetivos do professor com esse recurso, não há alternativa, a não ser buscar/ir a lugares mais longes, visto que, mesmo cada lugar contendo similaridades, serem globais por exemplo, estes possuem também particularidades e essas só podem ser encontradas em lugares específicos/inerentes.

Na sequência, as questões direcionadas aos docentes ganham novos rumos, buscam complementar essa 'compensação' e 'alternativas' de participação (através dos lugares próximos ou distantes), agora, vão ao encontro de debater outras 'possibilidades' se é ou não possível suprir e ou ao menos amenizar essa não participação dos alunos em campo. Dessa forma, foi direcionado aos docentes questionamentos voltados as possibilidades de um trabalho de campo/ aula de campo a partir das tecnologias digitais da informação, em outras palavras, se é ou não possível realizar um trabalho de campo virtual a depender da disciplina, minuciando, também, se essa prática pode atender os objetivos de uma aula de campo 'normal'. Assim respondeu o **docente A** da UEM:

Hoje nós vivemos em um mundo completamente cartografado, fotografado, analisado, então essas imagens, essas fotografias elas são abundantes, com isso, eu não acredito que trabalho de campo fique superado. Eu acho que, nesse tempo em que as geotecnologias estão aí e nos fornecem imagens do mundo todo, podem ser usadas de maneira complementar, por que o estudo do terreno ele tem muitas vantagens no trabalho de campo, mas numa imagem, por exemplo, no *Google Earth*, você tem uma imagem de conjunto porque ela trabalha numa escala que o trabalho de campo não permite você observar, o trabalho de campo ele é interessante, mas ele tem suas limitações também, a gente não pode acreditar que o campo é milagroso, que o trabalho de campo resolve todos os problemas pedagógicos do professor, não é bem assim. Então eu creio que o avanço das geotecnologias, as possibilidades que se tem a partir delas são técnicas, são instrumentos que devem ser trabalhadas concomitantemente, que vem complementar o trabalho de campo, o trabalho de campo complementa os estudos dessas imagens que nos chegam muito facilmente e vice versa. Então, eu não creio que uma concorra com a outra, então, tanto uma coisa, como outra, a meu ver são elementos interessantíssimos a serem usados pelos professores.

Como direciona o docente, as tecnologias digitais da informação estão cada vez mais presentes em nosso meio, uma vez que, podem contribuir significativamente em análises do espaço geográfico, investigando-o em diferentes escalas, a título de exemplo, com a ferramenta *Google Earth* (e outras). Entretanto, deixa claro que mesmo contendo essas contribuições o trabalho de campo não é superado, pois o estudo do/no terreno possui também muitas vantagens.

Embora ambos sejam agraciados com utilidades que são importantes para o profissional Geógrafo e professor de Geografia, os dois também possuem desvantagens, as tecnologias por não terem contato direto com o campo e não observarem as formas e as funções que abrangem uma paisagem e, o campo, por não alcançar uma escala ampla de análise. Assim, as tecnologias digitais da informação e os trabalhos de campo não podem ser tratados como concorrentes, mas sim, como ferramentas integradas para atingirem análises pertinentes do espaço geográfico. Ainda no mesmo questionamento, o **docente B** da UEM relata que:

Eu acho que é possível você aproveitar, acho que a gente tem que aproveitar o google que projeta a rua, acho que tem muitas possibilidades, acho que as imagens contribuem muito. No período de pandemia acho que era perfeitamente justificável, embora, também nesse período de pandemia eu dei também esse exercício das calçadas porque cada um poderia fazer no seu trajeto, nem que fosse para ir para o supermercado os que não estavam trabalhando e deu um ótimo resultado assim, na disciplina, criei um instrumento, expliquei, então você vai fazer ali um trajeto curto, do seu cotidiano, então não precisa ser virtual, mesmo em um período difícil como esse da pandemia, uma coisa que faça parte do seu cotidiano bem orientada acho que já contribui bastante, mas eu acho que a gente pode, principalmente assim, espaços mais distantes, muita coisa, eu tenho muita mania de colocar nas imagens do google espaços que eu tenho vontade de conhecer, eu mesma faço isso, muito campo virtual, viagens virtual, eu acho que a gente tem que aproveitar esses recursos, agora de novo, dizer que substitui não, porque acho que tem coisa que você só percebe, um pouco do que vem da Geografia Cultural, o espaço tem cheiro, tem sensações que você só percebe estando ali, por exemplo, um dos campos que a gente fez para São Paulo, a gente até perguntou depois, a avaliação subjetiva de cada um e a questão, por exemplo, das pessoas em situação de rua, dificilmente você vai ter essa sensibilidade se o campo for virtual, porque tem coisa que te choca realmente quando você está ali, a sensibilidade é muito maior quando você está presencial, principalmente quando os objetivos estão voltados a espaço que não é só olhar é estar ali e as vezes conversar mesmo com as pessoas, na

medida do possível, então, isso, acho muito difícil que o virtual vá suprir porque tem umas coisas que você realmente precisa estar presente, um pouco sentir né? Não é só olhar, não é só objetivo, acho que a gente aprende muito por essa dimensão da sensibilidade e muitas coisas que vai muito além do objetivo que o professor colocou, uma coisa é o objetivo que o professor coloca, outra coisa é o que acontece com o próprio racional do aluno e com o emocional também né, porque a gente lida com isso.

Entrelaçada a fala do **docente A** o **docente B** sinaliza para apontamentos similares, retoma o exercício bem executado sobre as calçadas onde seus alunos puderam, em seu cotidiano, realizar essa atividade sem recorrerem diretamente para recursos tecnológicos. Chama-se a atenção para esse ponto, no qual, os alunos estiveram como agentes ativos de seus próprios trabalhos de campo, instruídos pelo educador para efetuá-lo de forma individual. Como uma parte dos objetivos dessa dissertação é apontar outras saídas significativas, essa experiência do **docente B** é um componente interessante para os demais professores pensarem propostas análogas para suas disciplinas, isso voltado para os alunos que não participam dos campos por motivos diversos.

Sobre a questão do uso das tecnologias digitais da informação o docente evidencia que pode ser usada para conhecer espaços mais distantes, mencionando, também, que o campo virtual não substitui o campo 'tradicional'. Há coisas que os alunos precisam sentir, precisam ser sensibilizados, ao conversarem com as pessoas, verem suas situações, expressões, jeitos, esses elementos só são perceptíveis em um trabalho de campo/ aula de campo 'físico'. Outra vez, observa-se necessária a presença dos campos na formação desses profissionais. No mesmo questionamento, sobre as possibilidades de realizar ou não trabalhos de campos virtuais, o **docente A** da UNESPAR respondeu o seguinte:

Nunca fiz uma aula de campo virtual vinculada as minhas disciplinas, embora, eu tenha mostrado pros meus alunos a partir de um trabalho virtual como que eles podem trabalhar com os alunos deles, por exemplo, eu mostrei pros meus alunos como que eles podem fazer um trabalho virtual com as bacias hidrográficas do território brasileiro, porque assim, você não vai conseguir levar nenhum aluno para ver o Rio São Francisco, para ver o Rio Amazonas, para ver o Rio Uruguai. Então, tem um emaranhado de elementos que você não vai conseguir fazer, agora, eu mostrei para eles que virtualmente você consegue fazer isso. Dentro da disciplina de prática curricular eu mostrei pelo *Google Earth* como eles podem levar os alunos deles a ver características, por exemplo, das bacias hidrográficas as mais variadas do território brasileiro, então, eu lembro da gente indo lá pro Rio Amazonas aí o aluno, "nossa, professor, o rio parece um oceano", é isso mesmo. Quando você pega a questão da escala você vê que tem partes do Rio que tem mais de quarenta (40) quilômetros de uma margem na outra, ali você dá um zoom, você vai aumentando a escala, você vai percebendo que tem containers lá, será mesmo containers? Aí você vai chegando próximo, você vê que tem navios lá, vê que tem portos, vê a planura que tem no rio, dá para ver algumas peculiaridades vinculadas ao Rio Amazonas, por exemplo, o encontro das águas do Rio Negro com o Solimões. Então, você consegue dentro dessa proposta, mas aí é uma proposta, no meu ponto de vista, ela é mais para o Ensino Básico, mas acho que se o professor planejar bem, eu acho que ele consegue fazer algumas coisas interessante aí. É obvio, o remoto a gente perde algumas coisas, é igual a aula do remoto e a aula presencial, o olho no olho ele ensina muita coisa né, o menino

vendo lá ao vivo e colorido ele vai fazer perguntas que, no virtual eu acredito que não vá acontecer, mas é um mecanismo que a gente tem. Eu como professor da rede já usei várias vezes essa situação e trouxe, como funcionou lá na rede, trouxe para minha disciplina de prática para mostrar para os alunos que é possível fazer isso, foi um trabalho bem legal e eu achei que foi bem funcional.

Vinculado aos apontamentos do **docente B** da UEM, o **docente A** da UNESPAR relata que também utilizou as tecnologias digitais da informação para demonstrar lugares que não a possibilidade de serem conhecidos, por serem muito distantes. Para vivenciar indiretamente essas localidades, o docente demonstrou para seus alunos em sua disciplina de prática curricular como trabalhar as bacias hidrográficas do território brasileiro por meio do *Google Earth*. Novamente, chamamos a atenção para as experiências dos professores acerca dos trabalhos de campo, para irem além das atividades que, são normalmente direcionadas aos não participantes desses campos, como menciona o docente, conhecer as bacias hidrográficas dessa forma foi um trabalho bem funcional.

Então, se o educador leciona uma ou mais disciplinas que permitam essa navegação virtual pelo espaço geográfico, seria interessante pensar algo nesse sentido para os discentes que não se fazem presentes nos trabalhos de campo/ aulas de campo. Nessa conjuntura, completa o **docente B** da UNESPAR, "a possibilidade do uso de tecnologias pode sim, ser uma alternativa diante dos empecilhos de uma aula de campo, porém, não acredito que irá suprir a aula de campo, pois a vivência e a interação muitas vezes se tornam um eixo principal nesta prática". Todos os relatos até aqui expressaram que o campo é insubstituível. Agora, veremos mais uma dessas tentativas de amenizarem a não realização e ou a não participação dos alunos em campo.

Dessa forma, como trouxemos no item 3.4 desse trabalho a abordagem efetuada por Morais e Lima (2018) no espaço urbano de Goiânia, consideramos pertinente perguntar aos docentes algo semelhante a essa abordagem, no caso, se o aluno (individual, duplas ou trios) com um roteiro elaborado pelo docente é capaz de realizar seu próprio trabalho de campo/ aula de campo (no seu tempo e condições) a depender da disciplina e abordagem e, se ele teria o mesmo aprendizado de um campo realizado com todos os alunos. Na oportunidade, o **docente A** da UEM, respondeu da seguinte maneira:

Eu creio que o melhor é que o professor que é aquele cara experiente que tem a expertise do trabalho de campo acompanhe, porque o aluno aprende muito não só com a forma que o professor expõe as questões trabalhadas no campo né, mas o modo como ele faz isso, então fica no aluno os conhecimentos do professor e os conhecimentos que o professor tem dos procedimentos, das habilidades envolvidas na realização do campo, professor pode fazer isso através de um roteiro? Acho que apenas parcialmente, não acho que é a mesma coisa, creio que a uma diferença entre um trabalho de campo acompanhado pelo professor, pelo docente que contém a expertise na realização daquele trabalho do que um simples roteiro, então, pode ser uma alternativa, mas a meu ver ainda é salutar que o professor acompanhe esse trabalho de campo.

Nota-se na fala do **docente A** o valor/peso da figura do professor na realização do campo, em sua presença, o aluno aprende não só a temática abordada *in loco*, mas também, o modo como esse pensa, organiza e efetua esses trabalhos de campo/ aulas de campo. Em outras palavras, os discentes tornam-se espelho desse personagem, assim, nenhum aparato/artifício pode substituí-lo por completo. Então, mesmo o roteiro sendo elaborado pelo próprio educador, podem surgir dúvidas que somente ele pode sanar. Sucedendo o mesmo questionamento, o **docente B** da UEM respondeu assim:

Eu acho que funciona bem, assim não tenho muitas experiências disso, de fazer esse roteiro, tive essa que eu comentei com você, os roteiros que eu fiz para substituir o campo que foi o que gente mencionou antes de fazer um roteiro pro campo virtual, mas acho que a principal experiência que eu tive foi essa de fazer um roteiro de avaliação de vias de pedestres, tinha uma parte ali de observação, uma parte de perguntar para as pessoas, essa parte de perguntar para as pessoas no período de pandemia eu restringi bastante assim, podendo ser a própria pessoa que responde ou alguém da própria família, para não ter que expor né, porque foi um que período que imagina, do ponto de vista institucional, você está propondo que o aluno vá para a rua ir conversar com as pessoas, não tinha como fazer isso nesse período. Eu acho que deu um bom resultado, inclusive é uma coisa que eu pretendo manter. Mas assim, o trabalho de campo coletivo, claro que a gente lida quando você tem uma turma muito grande, tem também dificuldades, porque trabalho de campo, vamos pensar com quarenta (40) alunos, já fica difícil o professor falar ou mesmo instruir, acho que trabalhos de campo com vinte (20) alunos estaria bom, mais que isso acho que precisa de um megafone né? Aí é muito mais difícil, mas as vezes a gente faz, é a mesma coisa? Não é a mesma coisa, estou falando primeiro do negativo se for um número muito grande pode ter dificuldade só que também tem o outro lado né, a gente tem os objetivos didáticos, técnicos, formativos, mas um trabalho de campo em uma turma ele acaba mesmo que o professor não tenha esse objetivo, gerando uma interação no grupo e, dificilmente isso aconteceria de outra maneira. A gente já percebeu por exemplo, turmas que entram na pós-graduação, você percebe que é o momento que os alunos começam a se configurar como uma turma, porque não tem como viajar junto, viajar junto são muitos momentos ali de aprendizado, mas também os outros momentos, então acho que cumpre também essa função da interação, da sociabilidade, inclusive também, as vezes, com outras pessoas que você irá encontrar ali, que irão fazer parte do roteiro que irão te atender, quantas vezes isso gera troca de contatos, inclusive contatos posteriores a conversa, então, não acaba ali né, dificilmente esse roteiro mais fechado, por mais que tenha um bom resultado, acho que não deve ser abandonado, é uma coisa que dá pra fazer e acho que quando lidamos com algumas dificuldades, como essa da falta do recurso do aluno. Geografia urbana, estamos em Maringá, Maringá tem muitos processos que a gente estuda, nas próprias aulas vamos falando algumas coisas que a pessoa nunca tinha prestado atenção, e aí, ela começa a prestar, isso é importante, mas acho que de novo, se a gente puder fazer trabalho de campo para ampliar os horizontes geográficos e ter também esse processo de interação de grupo, poder discutir. Outra coisa é, você tem o pós-campo, então você chega e o trabalho não vai morrer ali, é importante também esse grupo discutir, eu já fiz isso assim utilizando a mesma aula os roteiros virtuais, o pessoal fez o roteiro virtual falando do que encontrou junto com o pessoal que foi pra campo. Então, esse tipo de interação acho que ela é fundamental a gente considerar também, de novo, nessa questão dos conteúdos, mas também essas outras interações.

O **docente B** da UEM fez uma retomada de suas experiências com os roteiros, nesse ponto, chamamos a atenção para a comparação que este fez em relação ao trabalho de campo individual e coletivo. No individual, destacou que suas práticas com esse aparato obtiveram um

bom resultado, fazendo com que aderisse essa abordagem mais vezes em sua disciplina. Cita também, novamente, o período pandêmico, onde restringiu o contato de alunos com outras pessoas. Essa condição realmente é uma questão de preservação a vida, caso ocorra um novo período pandêmico restringir todo e qualquer tipo de contato é axiomático.

Nos pontos desfavoráveis do trabalho coletivo, o docente evidencia que campos com muitos alunos se torna difícil falar e - conseqüentemente - os alunos ouvirem, como enfatiza o professor, trabalhos de campo com vinte (20) alunos estaria bom, pois é mais fácil gerir trabalhos de campo/ aulas de campo com menos alunos. Nos pontos favoráveis, a interação dos alunos com outros alunos e com outras pessoas que se fazem presentes nos lugares visitados/estudados é interessante, visto que, essa interação não termina ao final do campo. Comparando essa execução dos trabalhos coletivos com os roteiros, percebe-se que ambos possuem suas especificidades e qualidades, entretanto, se o trabalho de campo/ aula de campo puder ser realizado esta ainda é a melhor opção. O **docente A** da UNESPAR, apontou para o mesmo questionamento que:

Acredito que não, porque o professor da disciplina você imagina que ele tem um capital de conhecimentos muito mais amplo, por mais que o aluno, seja um aluno bom eu não acredito que ele vai dar conta de algumas coisas que o professor que planejou aquela aula de campo, que levou os alunos, acredito que não vai ser a mesma coisa não. A não ser que o professor consiga criar mecanismos para poder complementar depois. A gente tem que partir sempre do pressuposto de que o professor de uma disciplina no curso superior ele tem que ter uma bagagem muito grande em relação a aquilo em que ele está desenvolvendo, não tem como, muitas vezes você faz o trabalho de campo você leva vários professores que é um trabalho multidisciplinar, porque o mesmo professor ele não dá conta de tudo, é obvio, se eu sou da área humana eu vou levar um aluno, por exemplo, para Foz do Iguaçu eu sempre vou focar mais naquilo que eu tenho maior conhecimento, maior proximidade, se eu levar um professor da área física por exemplo, ele vai conseguir dar um apoio naquilo que eu da área humana, muitas vezes não vou dominar, embora o professor é um conjunto né, quem já trabalhou, por exemplo, na Educação Básica tem esse conjunto mais bem elaborado eu percebo isso, do que aquele professor que só ficou na universidade, dá a impressão que as caixas elas são mais fechadas, entendeu? Quem viveu a Educação Básica parece que essas caixas elas são mais abertas, eu penso assim.

Assim como os outros professores, o **docente A** da UNESPAR também sinalizou para a importância do professor no campo, onde, menciona que não é a mesma coisa, no sentido de o aluno trabalhar a partir de um roteiro. Complementando esse entendimento, o **docente B** da UNESPAR similarmente aponta que:

Acredito que não, principalmente durante a graduação, o aluno precisa ser direcionado de maneira mais direta, e a participação presente e ativa do docente neste momento se torna crucial, para análises e discussões do campo, estabelecendo assim o eixo teoria e prática.

Retomando a fala do **docente A** da UNESPAR, este - salientou também - que pode ser aplicado, caso o professor crie mecanismos para amenizar e poder complementar depois, como como assim se refere o **docente B** da UNESPAR, não se pode deixar a mercê o eixo entre teoria e prática. Portanto, esses mecanismos precisam ser suficientes para complementar essa prática individual dos alunos. Nessa tentativa, voltamos as afirmações do **docente B** da UEM, no qual, realizou um pós-campo discutindo o que os alunos do campo virtual tinham encontrado junto com o pessoal que foi para campo, essa abordagem pode ser considerada como um mecanismo, envolve toda a sala acerca da mesma temática.

Outra questão abordada pelo **docente A** da UNESPAR são as áreas de formação dos professores (entre mestrado e doutorado), nos quais, cada um segue aquilo que possui/tem maior interesse/apreço. Logo, como a realização dos campos as vezes é limitada, efetuar um trabalho de campo/ aula de campo de forma multidisciplinar torna-se mais viável, já que, cada um vai focar naquilo que dispõe de maior conhecimento. Expandir o campo para mais de uma temática pode ser interessante, na medida do possível realizar campos mais integrados diminuiria o número de campos, mas a integração poderia facilitar agendá-lo em dias mais acessíveis, bem como, organizar melhor a liberação dos alunos de seus trabalhos e ou afazeres profissionais.

Como a entrevista efetuada junto aos professores era de caráter semiestruturada, os docentes ficaram livres para mencionar/dizer o que quiseram e consideraram importante. O **docente A** da UEM assim respondeu:

Então, porque o trabalho de campo é importante no ensino de Geografia, porque a Geografia desde os primórdios, desde o início, a produção do conhecimento geográfico é um trabalho que pressupõe um trabalho de campo, então os nossos tempos heroicos da disciplina, as grandes excursões, Humboldt, por exemplo, era um viajante né, um naturalista, Geógrafo e a Geografia nasceu dessas descrições de lugares distantes, depois visando uma sistematização de ideias, então, quando você faz um trabalho de campo, você ao mesmo tempo você ensina conteúdos relacionados a ciência e você ensina também os procedimentos relacionados a produção daquele conhecimento, então, isso é interessante né porque efetivamente você é um geógrafo quando você domina os conteúdos, as grandes temáticas da ciência e, ao mesmo tempo, os modos próprios característicos de fazer essa ciência, por isso que o trabalho de campo é um momento privilegiado do ensino de Geografia em qualquer nível, seja na universidade, seja na Educação Básica, então, creio que é a beleza e a força do trabalho de campo na minha opinião deve-se a isso.

O docente resgatou os pressupostos da formação da Geografia enquanto ciência, destacando os trabalhos/expedições do naturalista Humboldt, fundador do empirismo raciocinado que tinha como base a intuição, seguida da observação como recurso analítico, onde visava-se contemplar os arranjos da paisagem, mesmo que parcialmente estética. Humboldt, juntamente com o filósofo/historiador Ritter e sua proposta de o que e como a Geografia deveria estudar os lugares formaram a base da Geografia Tradicional. Pode-se dizer que as expedições

realizadas pelo naturalista foram e são espelho para os trabalhos de campo atuais, todavia, com uma certa atualização do fazer e pensar a Geografia. Já nas argumentações do **docente B** da UEM:

Acho que é um aprendizado lidar com trabalho de campo, acho que começamos a fazer reproduzindo, um pouco do que tivemos quando aluno, no meu caso, era um campo assim, eram ótimos, mas eram aqueles campos mais ilustrativos, as vezes até um pouco descolado e aluno sempre valorizando o “vamos viajar”, então tem isso, mas acho que não temos realmente na universidade as condições ideais para promover, a gente faz o que é possível, no mesmo tempo tenta-se fazer uma coisa um pouco mais aprofundada, mas a gente faz o que é possível, por falta de recursos, não só dos alunos, mas também da instituição. Acho que tem boas experiências, acho que a gente vai aprendendo algumas coisas, eu não me arrependo de nenhum campo que eu tenha feito, embora, tenham alguns que tenha tido muita dificuldade, como o ônibus quebrar, era muito difícil, a gente teve muitas vezes campos longe de Maringá que o ônibus da universidade quebrou, acho que o espaço mais distante que eu vivi essa situação, teve várias, uma foi em Brasília pro Norte de Brasília, quando a gente falou agora todo mundo coloca a mala dentro do ônibus que nós vamos embora o ônibus não ligava, depois não podia desligar nas paradas, porque se desligasse, achavam que não iriam ligar de novo. Depois teve um período que a UEM terceirizou, contratou na verdade, uma empresa e, quem ganhou a licitação colocavam os piores ônibus já com medo, medo de entrar em algumas vias, eu não fiz nenhuma viagem com essa empresa que o ônibus não quebrou também, então, sempre tivemos muitas dificuldades. Uma das coisas que eu sempre penso é que o desafio de ser professor é não ficar repetindo as coisas, até porque se eu repito sempre o mesmo campo, até pode ser interessante, sempre você vai aprofundando, mas também, ai fica chato pra gente né, sempre o mesmo roteiro, fica mais fácil né porque se já tem o esquema, já tem o roteiro, por mais que você aprofunde alguma coisa, algum ponto, mas eu sempre fiz pra lugares diferentes, tem assim, alguns que eu repeti, repeti a cidade mas não repeti o roteiro, mesmo Maringá, cada vez é um roteiro um pouco diferente né, porque acho que o desafio é o professor aprender né, então aproveitando isso para ver o que tem de novo, o que tem de interessante, então incluindo isso nos roteiros né.

Este retoma suas experiências com os trabalhos de campo/ aulas de campo, enfatizando que no início da aplicação de seus primeiros campos, esses, eram efetuados como reprodução do que foi conhecido durante a graduação. Neste ponto, mais uma vez, acreditamos que os graduandos precisam ser mais suficientemente habilitados a realizarem seus próprios trabalhos de campo/ aulas de campo como futuros profissionais Geógrafos e professores de Geografia. Em outras palavras, não aprender somente o conteúdo do campo, mais também, sua forma de efetuá-lo, as burocracias que o permeiam, a logística e os desafios encontrados ao pensar contar com esse aparato.

O docente seguiu gesticulando as dificuldades passadas/encontradas a respeito das condições dos ônibus da universidade que, mesmo esse centro acadêmico tendo terceirizado esse serviço por algum tempo, os problemas ainda insistiam em permanecer. Embora essa prática contenha em seu conjunto total essas dificuldades, percebe-se que os docentes nunca deixaram os trabalhos de campo/ aulas de campo à mercê, sempre que possível, buscavam utilizá-lo como recurso metodológico para ocorrer o processo de ensino-aprendizagem.

Assim como os alunos aprendem com os professores, os professores também aprendem com os alunos, cada campo por mais que seja no mesmo local/lugar, os questionamentos dirigidos aos docentes podem ser distintos. Nesse engajamento, o educador especificou que varia os roteiros de seus trabalhos de campo, justamente para aprender coisas novas e não regressar essas atividades para/em algo maçante. No espaço livre para argumentar o **docente A** da UNESPAR disse que:

Penso assim, trabalho de campo é um elemento, mais um dos elementos/metodologias que nós temos para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem, não sei até que ponto o professor vai conseguir depois, aprendendo na universidade, a desenvolver o trabalho de campo, ele vai conseguir desenvolver isso na Educação Básica, nós estamos vivendo dias bem difíceis na Educação Básica pra você colocar isso em prática lá, mas isso não quer dizer que o fato de você desenvolver esse trabalho de campo não vai te trazer um capital maior de conhecimentos pra você desenvolver as mais variadas situações dentro da sala de aula. Então eu acredito, trabalho de campo é importante, na medida do possível ele tem que ser desenvolvido. Na escola eu consegui desenvolver poucas vezes, mas eu sei de gente que desenvolve muito mais, só que é uma coisa bem complicada, se na universidade não é fácil na escola, na Educação Básica a coisa está mais complicada ainda, envolve um emaranhado de coisas e a escola hoje ela tá muito focada na presença do aluno, naquele lance de o aluno estar dentro da sala de aula tem algumas coisas assim que tá ficando cada vez mais complicada, parece que com a nova Base Nacional essa plataformização da educação ela tem trazido algumas situações que eu acho que tem complicado o processo e, acredito que a dificuldade para se fazer desenvolver um trabalho de campo na Educação Básica estão se ampliando, cada vez mais.

Nessa fala, o **docente A** da UNESPAR aponta para as circunstâncias encontradas na Educação Básica ao propor e realizar um trabalho de campo. Nesse ambiente, expõe que a escola hoje está focada em novos elementos, como, a presença do aluno, o estar em sala de aula, essas condições acompanhadas da plataformização da educação têm inibido a realização de trabalhos de campo/ aulas de campo. Na medida do possível, esse docente, assim como outros colegas de profissão ainda o realizam, mas como mencionado, as dificuldades para fazer uso desse recurso tem se agravado cada vez mais.

O próximo item dessa pesquisa finaliza os questionamentos desse trabalho, faz uma retomada geral do que foi encontrado nos questionários e entrevistas entre o público participante, gesticulando para possibilidades de estudos futuros acerca da temática que aqui, foi longamente abordada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O emprego dos trabalhos de campo/ aulas de campo se fez e faz até então de suma importância na formação do Geógrafo e do professor de Geografia, todavia, em certos momentos, parece que essa prática tem colidido em empecilhos que dificultam suas realizações. São várias as motivações incluídas nessa realidade: problemas de transporte, recursos de alunos, professores e suas disponibilidades para estarem presentes nesses campos. Essas condições, ocasionalmente, fazem os docentes repensarem a realização dessa prática, utilizando-a somente em momentos favoráveis, compatíveis com as condições encontradas.

Para alcançar respostas que não foram detectadas com a aplicação do primeiro aparato, alguns professores que já tinham participado da pesquisa por meio do questionário, foram convidados a colaborarem também nas entrevistas semiestruturadas.

Algumas das questões findadas aos docentes nessas entrevistas tiveram como base as discussões realizadas ao longo da seção três (3) desse trabalho, onde foram averiguadas colocações entre trabalho de campo e aula campo, melhor dizendo, como que esses/as podem diversificar suas abordagens quando efetuadas de maneira individual por um pesquisador ou de maneira coletiva com alunos. A diferença está no acontecer pedagógico, no individual isso não acontece, já no coletivo sim. Os alunos na segunda perspectiva são cativados a prestarem atenção nas falas, abordagens e ensinamentos dos docentes, direcionando-o a eles, sempre que necessário, outros questionamentos que possam surgir sobre a temática discutida/ensinada em campo.

Todavia, não se para por aí, nesse trabalho coletivo, a depender do método e seus pressupostos teóricos utilizado para análise do espaço geográfico, podem ocorrer variações no tipo de abordagem no trabalho de campo/ aula de campo, em outras palavras, se o método muda, o trabalho também muda, isso porque cada corrente de pensamento investiga e ou realiza estudos deste meio de formas específicas e, assim, refletem diretamente na forma do fazer, pensar e ensinar a Geografia. Em complemento, cada docente caminha com referenciais que para este, melhor explicam a relação entre o homem e a natureza que, ao longo do tempo - sem cessar - organizam e reorganizam o espaço a partir das relações de trabalho e divisão do trabalho, fazendo desse um espaço de poder, de lutas de classes, de ideologias, de produção e reprodução da vida em sociedade.

Nesse contexto, precisa-se tomar cuidado ao realizar aulas de campo que abordem aspectos físicos ou sociais. Essa questão de trabalhar ou não de forma integrada Geografia Física e Humana acompanha a Geografia há um longo período. Alguns concordam outros não, cabe a cada profissional a depender de sua formação distinguir sua abordagem e, na sua escolha,

atentar-se para não conflitar cada uma, pois o meio social está inserido no meio físico, então, relacioná-los ainda parece ser o melhor caminho científico a se seguir.

Deste modo, realizar trabalhos de campos/ aulas de campo é uma tarefa árdua que exige, antes de tudo, muito planejamento, além de pensar e viver como docente, o antes, o durante e o depois de cada trabalho. Para sua validade no processo de ensino-aprendizagem, como notado, cada professor enfrentou/enfrenta situações que os fazem realizar e as vezes não realizar tais trabalhos. Sejam essas realizações ou não realizações por motivos financeiros, falta de ônibus, disponibilidade de alunos e professores e ou dificuldades com logística.

Favoravelmente, verificou-se uma rica e diversificada área de atuação dos docentes. Com a diversidade desse conhecimento, se bem articulado, pode fazer parte de trabalhos de campos realizados de forma interdisciplinar e ou transdisciplinar. Já que, às vezes, na difícil realização de um ou mais trabalhos desse cunho, outras disciplinas que tenham maior similaridade desfrutem da oportunidade de serem abordadas juntas. Complementando, como especificou um dos docentes durante as entrevistas, cada professor dentro de sua expertise focará nos trabalhos de campo/ aulas de campo naquilo em que está capacitado a ensinar.

Essa forma de trabalhar integrado a outras disciplinas pode facilitar agendá-lo em dias mais acessíveis, pois, como constado ao longo do questionário dos discentes, além das circunstâncias iniciais, outras foram descobertas, tal como, a realização de campos com muitos dias de duração - três dias seguidos - por exemplo, como também, se os discentes exercem ou não funções profissionais.

Dessa forma, na efetuação de um ou mais trabalhos de campo/ aulas de campo com durabilidades mais extensas colocam os estudantes em situações demasiadamente penosas, ou seja, não conseguir liberação desses trabalhos formais/informais e ficar ausente desses campos ou participar dessas práticas e correr o risco de serem desligados de suas funções ocupacionais. Mesmo estes querendo estarem presentes não deixarão suas funções profissionais momentâneas para participar dos trabalhos de campo/ aulas de campo. Com essa responsabilidade de manterem financeiramente suas moradias, parcialmente ou não, dificilmente o alunado faltará em seu trabalho, é uma questão de sobrevivência.

Assim, para esses alunos que não participam, notou-se que normalmente é passada/emitida uma atividade/trabalho para suprir e ou avaliá-lo. Nessas situações, constatou-se que os docentes fazem o possível e de forma divergente para não prejudicar e nem tornar essas atividades maçantes aos não participantes. Essas práticas variam desde roteiros virtuais, trabalhos individuais (presenciais) também por meio de roteiros até o uso das tecnologias digitais da informação para conhecer espaços distantes e distintos.

Mesmo que os professores contenham esses artifícios para amenizarem essa ausência em campo, como agraciado pela pesquisa, nenhum elemento, recurso ou tecnologia pode ser substituir o campo “tradicional” por completo. É verdade que este possui suas limitações, por isso, recomenda-se utilizá-lo junto a outros aparatos de estudo oportunizando a que um ou mais destes possam complementar o outro.

Então, quando não for possível conter no trabalho de campo/ aula de campo todos os discentes pelos motivos apontados, propõe-se que os docentes a depender dá abertura de suas disciplinas pensem em roteiros individuais e ou coletivos, que não sejam tão complexos, mas que façam esses não participantes estarem presente no “campo”, como retratado e efetuado por um dos docentes no exercício das calçadas. A intenção é que esses tenham a “sensação” de estarem no trabalho de campo. Mais uma vez, chama-se a atenção para que este roteiro seja breve e bem direcionado pela figura do professor. Ressalva-se que essa prática é apenas uma válvula de escape para diminuir a perda do campo integrado, ou seja, é uma possibilidade, mas só até certo ponto. Por exemplo, na falta de ônibus e ou recursos financeiros pode ser usada pelos docentes.

Sobre o campo virtual, mais especificamente, sobre a então citada ferramenta *Google Earth* tem-se como interessante a possibilidade de se trabalhar com a periodização, na oportunidade, retratar diferentes períodos ao longo do espaço-paisagem que, nada mais é “[...] testemunho de um momento, de um modo de produção nessas manifestações concretas, o testemunho de um momento no mundo” (Santos, 2021, p.173). Em outros termos, as rugosidades desse espaço-paisagem retratam lugares/locais que tinham uma forma, uma função ou que não possuem mais a mesma função, mas têm a mesma forma ou mudaram completamente suas formas e funções. Essas condições são fruto de longos processos, essas mudanças constantes ocorrem, de maneira geral, de acordo com o interesse e a demanda de mercado. Nessa conjuntura, conhecer a historicidade do espaço por meio desse recurso tecnológico parece ser um fim viável, já que muitos lugares por conta das distâncias a serem percorridas pelos docentes e discentes não serão visitados, mas podem ser estudados por meio desse artefato.

Para os devidos fins, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior trabalhos de campo/ aulas de campo é um recurso significativo para o processo de ensino-aprendizagem, conhecer os espaços no qual o quadro docente menciona/demonstra nas salas de aula e, é solidificado em campo é encantador. Entretanto, sugere-se e alerta-se novos estudos sobre o ambiente atual encontrado na Educação Básica que, num futuro não tão distante, essa plataformização da educação pode tomar de vez as rédeas do que antes, tinha lá suas dificuldades, mas eram eficazes no ensino. Sobrecarregar professores com plataformas e ou disciplinas voltadas a tecnologias

que não possuem a intencionalidade de formar cidadãos críticos da sua realidade e que, acabem culminando na extinção dos trabalhos de campo/ aulas de campo nas escolas precisa ser revista.

O contexto anteriormente citado vem como uma obrigatoriedade do estado do Paraná para os professores utilizarem essas ferramentas e lecionar essas disciplinas, isso faz com que estes percam sua autonomia de trabalhar conforme cada sala de aula precisa. Cada professor utiliza/adapta didáticas conforme a evolução sua e dos alunos na gestão da sala. Assim, conforme o avanço no comportamento é gerido e as propostas de aulas começam a fluir melhor, este pode, dentro de sua expertise, pensar em didáticas mais ativas, que cativem os alunos a participarem da aula, por exemplo, com os trabalhos de campo/ aulas de campo ou o próprio *Google Earth*. Então, o professor não precisa ser controlado, coagido e ou supervisionado para dar aulas, não existe uma receita pronta, lecionar é um desafio diferente a cada dia. São esses desafios que forjam bons professores de Geografia.

Por fim, no contexto escolar ou na universidade conhecer o espaço geográfico, suas formas, funções, processos e estruturas que o condicionam e, mais uma vez, fazem desse, um espaço de poder, de lutas de classes, de ideologias, de produção e reprodução de mercadorias, os trabalhos de campo/ aulas de campo, apesar das dificuldades encontradas nos ambientes aqui estudados, esse recurso, assim como foi um dia para os pais da Geografia, o naturalista Humboldt e o filósofo/historiador Ritter, essenciais para seus estudos, a Geografia pode ainda hoje, se vangloriar de um recurso que até então é um, se não o melhor, meio de compreensão do espaço geográfico.

REFERÊNCIAS.

- ALVES, Flamarion Dutra; MONTEIRO, Vinicius Arcanjo. **A característica do trabalho de campo na história do pensamento geográfico**. Revista Geografar: v. 16, nº 2, p. 596-615, 2021.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Ciência da Sociedade: Uma introdução a análise do pensamento geográfico**. – Recife: Ed. Universitária da FPE, 2008, p.143.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. São Paulo: Atlas, 1998.
- ALENTEJANO, P. R. R. ROCHA-LEÃO, O. M. **Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?** Boletim Paulista De Geografia, São Paulo, n. 84, p. 51-67, 2006.
- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. **A geografia do Brasil na educação básica: Uma didática para o ensino da formação socioespacial brasileira**. – Curitiba: CRV, 2018, p. 131.
- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu. **Trabalho de campo e ensino de Geografia**. Geosul, Florianópolis, v. 27, n. 54, p 181-195, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2012v27n54p181>. Acesso em: 11 de ago. de 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- BATISTA, Sinthia Cristina. **Mais uma dicotomia geográfica: entre bacharelado e licenciatura... uma falsa questão?** Geographia Meridionalis v. 01, n. 01 Jun/2015 p. 30–62. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/article/view/5694>. Acesso em: 13 de out. de 2022.
- BERTRAND, G. **Paysage et Geographie Physique Global**. Revue Geographique des pyrénées et du Sud-Ouest. Toulouse: 49(2):167-180, 1978.
- BRASIL, **Lei N° 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, 18 de julho de 2000. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. Acesso em: 25 set. de 2023.
- CAVALCANTI, Lucas Costa de Souza. **Da descrição de áreas à teoria dos geossistemas: uma abordagem epistemológica sobre sínteses naturalistas**. – Recife: O Autor, 2013.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3.ed. – Florianópolis. UFSC, 2007, p. 458.
- CAPDEVILA, Maria de Bolós. **Manual de ciencia e del paisaje: teoria, metodología aplicaciones**. Barcelona: Massar, 1992.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 8.ed. – São Paulo: Ática, 2007, p. 93.

DANTAS, Aldo; MEDEIROS, Tásia Hortêncio de Lima. **Introdução a ciência geográfica**. – 2. ed – Natal. EDUFRN, 2011.

DIAS, José Roberto Gonçalves. **A formação de professores para o estudo do meio**. PUCSP, 2015.

FROLOVA, Marina. **Desde el concepto de paisaje a la Teoría de geossistema en la Geografía Rusa**: hacia una aproximación global del medio ambiente? *Ería*. n.70, p.225-235, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999, p.89-128.

HARTSCHORNER, Richard. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Estudo do meio**: teoria e prática. Londrina, v. 18, n. 2, 2009, p.7. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/561488/mod_resource/content/1/estudo%20do%20meio.pdf. Acesso em: 04 de out. de 2022.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014, p.106.

LAGO, André Aranha Corrêa. **Conferências de desenvolvimento sustentável**. Brasília: FUNAG, 2013.

NUNES, Hikaro Kaiko de Brito, SOUSA, Sara Raquel Cardoso Teixeira; VIANA, Isaac Gomes. **Atividades de campo e formação de professores de geografia em uma universidade do Piauí**. *Geosaberes*, Fortaleza, v. 9, n. 19, p. 1-14, set./dez. 2018.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas, 2003, p.197.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Geossistemas**: A história de uma procura. – São Paulo: Contexto, 2000, p.129.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: Pequena História Crítica. 21 ed. – São Paulo: Anablume, 2007, p.150.

MORAES, Eliana Marta Barbosa; ALVES, Adriana Olivia; ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque. **Contribuições da Geografia física para o ensino de Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2018.

MAGALHÃES, Vivian Ribeiro; RIBEIRO, Karoline Veloso; ALBUQUERQUE, Emanuel Lindemberg Silva. **Formação em Geografia**: um olhar para os bacharéis frente as competências e desafios. *Geografia: Publicações Avulsas*. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v.2, n. 1, p. 211-234, jan./jun. 2020.

OLIVEIRA, Cristina Silva; NETO, Roberto Marques. **Gênese da teoria dos Geossistemas**: Uma discussão comparativa das escolas Russo-Soviética e Francesa. Curitiba, v.47, n.1. p. 6 - 20, Jul/2020.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. **Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula.** Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 35, n.1, p. 195-209, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v35n1/a13v35n1.pdf>. Acesso em: 20 de jul. 2022.

PASSETTI, Mateus, et al. **O trabalho de campo e o estudo da paisagem arquitetônica no Rio Grande do Sul.** Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/trabalho_revista_academica.pdf. Acesso em: 14 de mar. de 2023.

RODRIGUES, Antonia Brito; OTAVIANO, Claudia Arcanjo. **Guia metodológico de trabalho de campo.** Geografia, Londrina, v. 10, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 2001. Disponível em: http://www.geografia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/hai_aulacampo_2012/guia_trabalho_campo.pdf. Acesso em: 13 de out. de 2022.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia: uma introdução à ciência geográfica.** São Paulo: Avercamp, 2008, p. 149.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Farias; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; SANTOS, Josely Alves. **As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos; SOUZA, Carla Juscélia de Oliveira. **O trabalho de campo para a formação e atuação docente na Educação Básica: realidade e desafios.** Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2018, p.126-138.

SANCHES, Fabio de Oliveira. **O trabalho de campo e análise da paisagem: Uma proposta metodológica no Parque Nacional de Itatiaia.** Revista Brasileira de Geografia Física 04 (2011) 857-871. Disponível em: www.ufpe.br/rbgfe. Acesso em: 06 de mar. de 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: Da crítica da geografia a geografia crítica.** 6. ed. 3. Reimpr- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021, p. 285.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2001, p.174.

_____. **Metamorfose do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988, p.28

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional.** São Paulo: Hucitec, 1994, p.94.

_____. **A natureza do espaço: Técnica e tempo razão e emoção – 4. ed. 10. Reimpr. –** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020. p.384.

SANTOS, Robson Alves. **Formação do professor de geografia e construção do conhecimento: Os cursos de graduação em geografia da universidade federal de Goiás e universidade estadual de Goiás.** Boletim Goiano de Geografia. 2022, v. 42: e64218, p.5.

SERPA, Ângelo. **O trabalho de campo em Geografia: uma abordagem.** In: Boletim Paulista de Geografia / Seção São Paulo - Associação dos Geógrafos Brasileiros. - nº 1 (1949) - São Paulo:AGB, 1949, p. 07-24.

SOCHAVA, Viktor Borosovich. Algumas noções e termos da Geografia Física. Relatórios do instituto de Geografia da Sibéria e do Extremo Oriente. 3. 1963. p.53.

SOCHAVA, Viktor Borosovich. **O estudo de geossistemas**. São Paulo, 1977.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geografia Física e geomorfologia: uma (Re) Leitura**. Ijuí: ed. Unijuí, 2002, p. 100-108.

TROPMAIR, Helmut. GALINA, Marcia Helena. **Geossistemas**. Revista de Geografia da UFC, ano 05, número 10, 2006.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. **Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**. São Paulo: Editora Sarandi, 2011, p. 23.

ZUSMAN, Perla, **La tradición del trabajo de campo en geografía**. Universidad Nacional de La Plata Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación Departamento de Geografía ISSN 1850-1885, 2011, Vol. 7, N° 7, 15 – 32.

ANEXOS

Anexo A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A importância da aula de campo no processo de formação de professores de Geografia.

Pesquisador: LEONARDO DIRCEU DE AZAMBUJA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 66831122.6.0000.0104

Instituição Proponente: UEM-CCH-DGE - Departamento de Geografia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.894.162

Apresentação do Projeto:

O presente projeto por meio da temática escolhida tem por objetivo identificar como as aulas de campo realizadas nas Universidades podem contribuir no processo de ensino- aprendizagem de um graduando em Geografia, bem como, analisar se os professores do curso seguem os parâmetros para a realização das atividades deste âmbito. A pesquisa envolverá a comunidade acadêmica, graduandos e professores do curso de Geografia da UEM-Universidade Estadual de Maringá e, da UNESPAR-Universidade Estadual do Paraná. Os professores deverão responder a um questionário, com perguntas relacionadas ao desenvolvimento, aplicabilidade e colaboração das aulas de campo na absorção e construção de conhecimentos dos futuros professores dessa ciência.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Conhecer, compreender, refletir sobre a contribuição e a necessidade da aula de campo na formação do bacharel e licenciando de Geografia na UEM e na UNESPAR.

Objetivo Secundário:

Compreender a estrutura de organização das aulas de campo e suas aplicações bem como, seus efeitos no processo ensino e aprendizagem.

Conhecer e interpretar por meio de questionários sobre a temática aula de campo as práticas e os

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br



Continuação do Parecer: 5.894.162

entendimentos dos professores e acadêmicos do curso de Geografia. Avaliar se os docentes cumprem as etapas metodológicas pré-estabelecidas de uma aula de campo, considerando suas áreas de formação e estudos. Descrever, através dos questionários, os fatores resultantes da aplicabilidade desta metodologia. Apontar práticas metodológicas concernentes as aulas de campo que possam trazer efeitos consideráveis no processo de ensino e aprendizagem. Analisar as condições de participação dos acadêmicos nas aulas de campo considerando as diferenças financeiras e de ser ou não aluno-trabalhador.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Pode ser que haja desconforto, mais especificamente, constrangimento entre os participantes no momento de participarem ou não da pesquisa, bem como, impaciência dos mesmos ao verem que estão submetidos a responderem um número de questões que talvez para alguns, possa ser elevado. Para diminuir e/ou sanar esses riscos faremos uma abordagem bem tranquila, onde eles terão a livre e espontânea vontade de participar ou não, bem como, pararem de responderem onde bem entenderem estar suficiente sua contribuição com a pesquisa.

Benefícios:

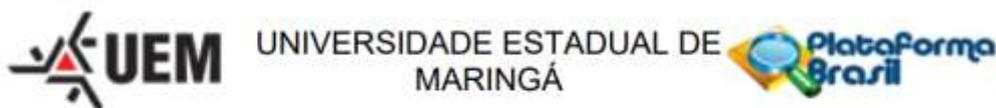
Os benefícios da perante pesquisa irão ao encontro de apontar medidas mitigadoras em relação a aplicação de tal recurso teórico metodológico (aula de campo). Como o campo de estudo da geografia é muito amplo, somente aulas teóricas não são suficientes, dessa forma, a intenção é buscar/propor novos caminhos para a aplicação dessa metodologia que sejam viáveis e ricas em aprendizados para todos os envolvidos.

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão sujeitos os participantes da pesquisa serão suplantados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Com base nas informações sobre o projeto fornecidas pelo autor em PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2034423.pdf, a pesquisa começará com o levantamento de bibliografias e documentos de internet e busca de informações em artigos, dissertações e teses no banco de dados da CAPES, a fim de atribuir conhecimentos sobre a temática escolhida, para tal, sanarem respectivas dúvidas que possam surgir no início e no decorrer da pesquisa. Dada a explanação acima, o presente projeto busca compreender a estrutura de organização das aulas de

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br



Continuação do Parecer: 5.894.162

campo e suas aplicações bem como, os efeitos positivos e negativos no processo ensino e aprendizagem. Entender a organização se dividirá em momentos, a qual veremos todos a seguir. Os municípios escolhidos para o desenvolvimento dos estudos são as cidades de Maringá-PR e Paranavaí-PR, na primeira cidade se encontra a UEM Universidade Estadual de Maringá, na segunda, a UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, nesses locais serão realizadas a aplicação de questionários a acadêmicos e professores dos cursos de geografia de ambos os campus. Os questionários serão aplicados entre fevereiro e outubro do ano de 2023, sendo aplicadas no segundo, terceiro e quarto ano dos cursos de geografia, o primeiro ano não participara da pesquisa, porque ainda estarão amadurecendo seus sentidos críticos e terão, provavelmente, realizado poucas aulas de campo. Os professores que responderão os questionários serão todos do corpo docente que ministrem disciplinas de geografia nos respectivos cursos (aproximadamente 10 professores de cada universidade).

Foram definidos como critérios de inclusão: Os participantes da pesquisa serão todos os professores de Geografia da Universidade Estadual de Maringá e da Unespar Universidade Estadual de Paranavaí. Os alunos, todos dos 2º aos 4º anos deste mesmo curso, os primeiros anos não participarão da pesquisa por terem acabado de ingressarem nas Universidades e aí, terão ou provavelmente terão realizado pouca ou nenhuma aula de campo. Outro fator importante nessa decisão é que ainda estarão amadurecendo seus sentidos críticos, o que pode dificultar em respostas completas em relação à pesquisa.

Para a análise dos dados da pesquisa serão adotados o uso de vários recursos, como: O pacote office (Word, Excel, Power Point), também será usado o software open source Qgis para dar aporte na elaboração de produtos cartográficos, como na localização das Universidades que são foco e local de nossos estudos. Faz-se necessário notebooks e desktops para sistematizar os dados obtidos e aí apresentá-los de forma descritiva e enumerada através de gráficos de pizza que são disponibilizados pelo programa Excel.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada pelo responsável institucional. O cronograma de execução é compatível com a proposta enviada. Descreve gastos sob a responsabilidade do pesquisador. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido contempla as garantias mínimas preconizadas. Apresenta as autorizações necessárias.

Recomendações:

Vide campo Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

| | |
|---|-----------------------------|
| Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4 | CEP: 87.020-900 |
| Bairro: Jardim Universitário | |
| UF: PR | Município: MARINGÁ |
| Telefone: (44)3011-4597 | Fax: (44)3011-4444 |
| | E-mail: copep@uem.br |



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 5.894.162

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com a análise realizada e as informações constantes nos arquivos anexados, baseado na legislação vigente, esse Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos se manifesta pela aprovação do projeto de pesquisa em tela. Alerta-se a respeito da necessidade de apresentação de relatório final no prazo de 30 dias após o término do projeto.

Recomenda-se que nenhum dado seja coletado junto aos sujeitos da pesquisa antes da aprovação do protocolo por este Comitê.

Tendo em vista a manutenção de integridade do TCLE, recomenda-se que as páginas do documento sejam numeradas de forma subsequente (exemplo: 1 de 3; 2 de 3,...), conforme preconiza o item IV.5.d da Res. 466/2012-CNS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|----------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2034423.pdf | 25/01/2023 11:35:07 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETOMESTRADOUEMEUNESPAR.pdf | 25/01/2023 11:33:13 | FABIANO DE JESUS GIACOMINI | Aceito |
| Folha de Rosto | Folhaderostoassinada.pdf | 05/12/2022 10:44:44 | FABIANO DE JESUS GIACOMINI | Aceito |
| Outros | QUESTIONARIOSALUNOSEPROFESSORES.pdf | 02/12/2022 12:15:06 | FABIANO DE JESUS GIACOMINI | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | TERMODEANUENCIAINSTITUCIONALUEM.pdf | 02/12/2022 12:13:04 | FABIANO DE JESUS GIACOMINI | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TERMODECONSENTIMENTOLIVREESCLARECIDO.pdf | 02/12/2022 12:12:18 | FABIANO DE JESUS GIACOMINI | Aceito |
| Declaração de concordância | TERMODEANUENCIAINSTITUCIONALUNESPAR.pdf | 02/12/2022 12:10:33 | FABIANO DE JESUS GIACOMINI | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
 UF: PR Município: MARINGÁ
 Telefone: (44)3011-4597 Fax: (44)3011-4444 E-mail: copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 5.894.162

Não

MARINGÁ, 14 de Fevereiro de 2023

Assinado por:
Maria Emilia Grassi Busto Miguel
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4
Bairro: Jardim Universitário **CEP:** 87.020-900
UF: PR **Município:** MARINGÁ
Telefone: (44)3011-4597 **Fax:** (44)3011-4444 **E-mail:** copep@uem.br

Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido para professores e graduandos em Geografia – Licenciatura e Bacharel.

Gostaríamos de convidá-lo(lá) a participar da pesquisa intitulada: “A importância da aula de campo no processo de formação de professores de Geografia”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, e que é realizada pelo aluno de Mestrado Fabiano de Jesus Giacomini, orientado pelo Prof.º Dr. Leonardo Dirceu de Azambuja.

O objetivo da pesquisa é compreender como formar um bom professor de geografia considerando as dificuldades e diferenças que são encontradas ao propor uma aula de campo. Para isto, a sua participação é muito importante, e ela se daria, de maneira colaborativa, para avaliar e refletir suas experiências, quanto alunos e quanto professores através das seguintes etapas: Inicialmente, por meio da aplicação de questionários aos alunos e, posteriormente aos professores.

Por meio das respostas obtidas articuladas aos estudos bibliográficos objetivamos propor caminhos alternativos e/ou uma metodologia para realização desse recurso teórico metodológico, afim de alcançar o melhor índice no processo de ensino aprendizagem nas formações desses futuros professores.

Informamos que, considerando a natureza da pesquisa, ou seja, a situação de falar e ou escrever e assinar, certos tipos de constrangimentos (desconforto, dificuldades em expressar-se e em caracterizar situações difíceis) podem aparecer. Todavia, esses possíveis desconfortos poderão ser minimizados e/ou superados na medida em que na aplicação dos questionários os alunos e professores terão a liberdade de participarem ou não da pesquisa, assim como, pararem de responder o questionário onde bem entender.

Deste modo, gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa.

Informamos ainda que as informações serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Os questionários com as respostas de vocês (alunos e professores), serão utilizadas unicamente para os fins dessa pesquisa e seus produtos (artigos e trabalhos em eventos científicos) e ao final da pesquisa serão arquivados digitalmente e posteriormente descartadas de forma segura. No relatório seu nome, será substituído por nome fictício garantindo assim, o anonimato.

Entre os benefícios esperados podemos apontar medidas mitigadoras em relação a aplicação de tal recurso teórico metodológico (aula de campo). Em outras palavras,

buscar/propor novos caminhos para a aplicação dessa metodologia que sejam viáveis e ricas em aprendizados para todos os envolvidos. Bem como a contribuição para a profissionalização da docência e ou dos futuros Geógrafos.

Desde já fica nosso compromisso de lhe encaminhar, para sua análise e apreciação, os resultados de nosso trabalho na forma de arquivo enviado a seu correio eletrônico, ou, caso não possua esse recurso, de uma cópia impressa. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Eu, declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa realizada pelo Mestrando Fabiano de Jesus Giacomini.

_____ Data:

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Fabiano de Jesus Giacomini, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

_____ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Fabiano de Jesus Giacomini

Endereço: Universidade Estadual de Maringá, Pós-Graduação em Geografia, (bloco H-12) Maringá, PR.

Telefone (44) 9 9725-4901

E-mail: fabianojesusgiacomini@hotmail.com

Nome: Leonardo Dirceu de Azambuja

Endereço: Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Geografia, (bloco J-12) Maringá, PR.

Telefone (44) 3011 4290

E-mail: ldazambuja@uem.br

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

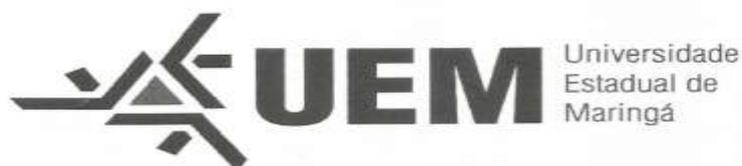
Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. UEM-PPG-sala 4.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444

E-mail: copep@uem.br

Anexo C – Anuência institucional UEM.



TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Declaro para os devidos fins, que o(a) pesquisador(a) FABIANO DE JESUS GIACOMINI, portador(a) do RG nº 14.189.624-5, CPF 114.923.899-27, e demais membros da equipe de pesquisa estão autorizados a aplicarem questionários aos professores de Geografia, como também, aos alunos dos 2º ao 4º anos do curso de Geografia – Licenciatura e Bacharelado, onde fazem parte integralmente do(a) Universidade Estadual de Maringá – campus de Maringá, com a finalidade de realizar a pesquisa "A importância da aula de campo no processo de formação de professores de Geografia".

Outrossim, tenho conhecimento da pesquisa a ser realizada e fui, previamente, informado(a) de como serão utilizados os dados colhidos nesta instituição, bem como de que os participantes do estudo também terão acesso às informações, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Da mesma forma, temos ciência que o pesquisador somente poderá iniciar a pesquisa pretendida após encaminhar, a esta Instituição, uma via do parecer de aprovação do estudo emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá.

Maringá-PR, 19 de outubro de 2022.

Prof.^a Dr.^a Susana Volkmer
Coordenadora do Colegiado do Curso de Graduação em Geografia



Prof. Dr. Oseias da Silva Martinuci
Chefe do Departamento de Geografia da UEM

Prof. Dr. Oseias da Silva Martinuci
Chefe do DGE

Anexo D – Anuência institucional UNESPAR.

**TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL**

Declaro para os devidos fins, que o(a) pesquisador(a) FABIANO DE JESUS GIACOMINI, portador(a) do RG nº 14.189.624-5, CPF 114.923.899-27, e demais membros da equipe de pesquisa estão autorizados a aplicarem questionários aos professores de Geografia, como também, aos alunos dos 2º ao 4º anos do curso de Geografia - Licenciatura, onde fazem parte integradamente do(a) Unespar Universidade Estadual do Paraná – campus de Paranaval, com a finalidade de realizar a pesquisa “A importância da aula de campo no processo de formação de professores de Geografia”.

Outrossim, tenho conhecimento da pesquisa a ser realizada e fui, previamente, informado(a) de como serão utilizados os dados colhidos nesta instituição, bem como de que os participantes do estudo também terão acesso às informações, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Da mesma forma, temos ciência que o pesquisador somente poderá iniciar a pesquisa pretendida após encaminhar, a esta Instituição, uma via do parecer de aprovação do estudo emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá.

Maringá-PR, 01 de dezembro de 2022.

Prof.ª Drª Edilaine Valéria Destefani
Coordenadora do Colegiado do Curso de Graduação em Geografia

Anexo E - Questionário para os estudantes de graduação e bacharel em Geografia.

Olá, meu nome é _____, sou estudante de mestrado do programa de pós-graduação em Geografia (PGE) da Universidade Estadual de Maringá - UEM. O intuito desse questionário é nos aprofundarmos no uso, importância e atribuição dos trabalhos de campo, ou aulas de campo, durante seus estudos, desde o Ensino Fundamental, passando pelo Ensino Médio até a Graduação. As respostas aqui obtidas são puramente para fins acadêmicos, então, caso assinala seu nome fique tranquilo quanto ao uso adequado das suas respostas.

IDENTIFICAÇÃO:

1-Nome (opcional)_____

2-Idade_____.

3-Gênero: () Masculino () Feminino () Outro.

4-Estado de origem:_____

5-Cidade atual. R:_____

FORMAÇÃO ESCOLAR

6- Em que ano entrou na escola? R:_____

7- Estudou em Escola:

() Pública () Particular () Outra.

8- Em que ano concluiu o ensino fundamental? R:_____

9- Em que ano concluiu o Ensino Médio? R:_____

TRABALHOS DE CAMPO NO ENSINO FUNDAMENTAL.

10- Realizou trabalhos de campo durante o ensino fundamental?

() Sim () Não () Não lembro(a)

11- Como os professores(a) chamavam as saídas para atividades em ambientes fora da escola?

() Trabalhos de campo () Aula em Campo () Estudo do Meio

() Excursão () Visita orientada () Passeio () Outro(a).

12- Quantos trabalhos de campo foram realizados neste período escolar?

() 2 () 4 () 6 ou mais () Não lembro(a)

13- Qual era a renda da sua família na época:

() 1 a 3 Salários mínimos () 4 a 5 Salários mínimos () Indefinido

14- Os trabalhos de campo tinham algum custo?

() Sim () Não () As vezes

15-Os trabalhos de campo eram realizados de forma interdisciplinar, ou seja, incluía a participação de professores(as) de outras disciplinas além da Geografia?

Sim Não As vezes

TRABALHOS DE CAMPO NO ENSINO MÉDIO.

16- Realizou trabalhos de campo durante o Ensino Médio:

Sim Não Não lembro(a)

17- Quais disciplinas realizavam trabalhos de campo:

Geografia História Biologia Outras.

18- Quantos trabalhos de campo foram realizados neste período escolar?

2 4 6 ou mais Não lembro(a)

19- Qual era a renda da sua família na época:

1 a 3 Salários mínimos 4 a 5 Salários mínimos Indefinido

20- Os trabalhos de campo tinham algum custo?

Sim Não As vezes

21- Os trabalhos de campo eram realizados de forma interdisciplinar. Faça um comentário sobre a resposta.

Sim Não As vezes.

R:(comentário)_____

FORMAÇÃO ACADÊMICA

22- Qual universidade você estuda?

Universidade Estadual de Maringá-UEM

Universidade Estadual do Paraná UNESPAR

23- Em que ano/semestre da graduação você está? R:_____

24- Já fez outras graduações, se sim, quais?

R:_____

25- Em que ano ingressou na faculdade atual? R:_____

26- Quais motivos lhe fizeram escolher Geografia?

R:_____

TRABALHO E FINANÇAS

27- Você ajuda nas despesas da moradia em que reside?

Sim Não Parcialmente Moro sozinho(a) pago todas as contas

28- Seus pais ou responsáveis legais mantém financeiramente a moradia em que você reside?

Sim Não Parcialmente

29- Qual a sua fonte de renda?

Trabalho Estágio Não tenho renda Outro.

30- Já deixou de participar de trabalhos de campo na graduação por motivo financeiro?

Sim Não Realmente não tive oportunidade de ir.

31- Você trabalha como empregado ou outra forma de prestar serviço?

Sim Não Se sim responder também:

Na oportunidade de realizar um trabalho de campo, você consegue liberação do serviço?

Sim Talvez Somente com dias de antecipação A empresa não libera para fins acadêmicos.

TRABALHO DE CAMPO NA GRADUAÇÃO

32- Para você, o que são trabalhos de campo?

R: _____

33- Como esses trabalhos podem contribuir em sua formação?

R: _____

34- Para absorver conhecimento, a junção entre estudos bibliográficos e as atividades realizadas em sala de aula e as atividades realizadas em um trabalho de campo visa consolidar esse processo, você concorda, sim ou não? Justifique.

R: _____

35- Na graduação, quantos trabalhos de campo você já realizou?

2 a 4 4 a 8 8 ou mais

36- Quais foram os destinos e quais as disciplina(s) ou quais os conteúdos relacionados com essa atividade à campo?

R: _____

37- O que mais quer contribuir com essa pesquisa? Fique livre para dizer o que quiser e achar importante.

R: _____

Anexo F - Questionário para os professores(as) de Geografia da UEM e da UNESPAR.

IDENTIFICAÇÃO:

1-Nome (opcional)_____

2-Idade:_____

3- Gênero: () Masculino () Feminino () Outro.

5- Cidade onde reside R:_____

FORMAÇÃO ACADÊMICA

6- Qual Universidade graduou-se em Geografia?

R:_____

7- Qual sua área de pesquisa quando da realização do seu curso de Mestrado?

() Ensino de Geografia () Análise Ambiental () Análise regional e urbana () Outra.

Qual:_____

8- Qual sua área de pesquisa quando da realização do seu curso no doutorado?

() Ensino de Geografia () Análise Ambiental () Análise regional e urbana () Outra.

Qual:_____

9- Qual universidade você trabalha?

() Universidade Estadual de Maringá-UEM

() Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR

EXPERIÊNCIAS COM TRABALHOS DE CAMPO - CONDIÇÕES MATERIAIS

10-Em suas atividades como docente, realiza trabalhos de campo?

() Sim () Não () As vezes

11- Por que realizou ou por que não realizou?

R:_____

12- Em seus trabalhos de campo já realizados, observou alguma limitação (financeira e ou materiais)?

() Sim, dos graduandos () Sim, de nós docentes () Sim, da universidade () Não realizei trabalhos de campo

13- O transporte é disponibilizado pela universidade?

() Sim () Não () Alunos e professores precisam pagar algum valor.

14 -A Universidade disponibiliza algum valor financeiro para a realização dos trabalhos?

() Sim () Não () As vezes

Algum comentário específico sobre as questões 12, 13 e 14: _____

APLICAÇÃO DOS TRABALHOS DE CAMPO

15- Na aplicação dos trabalhos de campo, você relaciona os estudos bibliográficos e atividade

em sala de aula e com as atividades à campo?

() Sim () Não () As vezes

16- Você segue os procedimentos para realização de um trabalho de campo, pré-campo, campo e pós-campo?

() Sim () Não () As vezes

Algum comentário específico sobre as questões 15 e 16: _____

17- Como você explica a metodologia trabalho de campo? Ainda, ampliando um pouco essa pergunta com você entende ou diferencia trabalho de campo, aula de campo e estudo do meio?

R: _____

18- Na realização dessas atividades de campo, quais recursos/instrumentos você utiliza e ou orienta os alunos para utilizar?

R: _____

19- Pensando na importância das atividades de campo, qual a contribuição tal recurso pode agregar nas formações dos graduandos?

R: _____

20- Você identifica diferenças quando o trabalho de campo envolve conteúdos relacionados com a natureza (Geografia Física) ou conteúdos relacionados com a sociedade (Geografia Humana)?
Quais?

R: _____

21- O que mais quer contribuir com essa pesquisa ? Fique livre para dizer o que quiser e achar importante/oportuno.

R: _____

ANEXO G - Entrevistas para os professores(as) de Geografia da UEM e da UNESPAR.

Alguns ou muitos alunos não participam dos trabalhos/ aulas de campo por motivos variados. Como você faz para esses alunos “compensarem” as suas aprendizagens? Como você avalia esse procedimento? Atividade para os alunos que não participaram da aula de campo, qual atividade passar depois? você considera ter o mesmo peso do campo? Existe outra saída significativa?

Sobre as possíveis alternativas para a participação mais abrangente dos alunos nas aulas de campo como você avalia situações indicadas nas questões a seguir:

-Um campo próximo a universidade supriria a demanda da ou das disciplinas?

-É necessário ir mesmo tão longe, ter campo com mais tempo de duração?

Com as “novas” e cada vez mais presente no ensino, ‘tecnologias digitais da informação’, é possível no ensino superior realizar um trabalho/ aula de campo virtual a depender da disciplina? Essa prática pode atender os objetivos de uma aula de campo?

O aluno (individual, duplas, trios ...) com um roteiro elaborado pelo docente é capaz de realizar seu próprio trabalho de campo (no seu tempo e condições) a depender da disciplina e abordagem? Ele teria o mesmo aprendizado de um campo realizado com todos os alunos?

O que mais você considera pertinente e ou quer contribuir com essa pesquisa, fique livre para dizer o que quiser.

